

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARIA DE FÁTIMA SANTOS CONDE AMIEIRO

**USO DO GÊNERO JORNALÍSTICO PARA ANÁLISE DA
SEGREGAÇÃO ESPACIAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
O EXEMPLO DE SANTOS, SP**

SANTOS

2018

MARIA DE FÁTIMA SANTOS CONDE AMIEIRO

**USO DO GÊNERO JORNALÍSTICO PARA ANÁLISE DA
SEGREGAÇÃO ESPACIAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
O EXEMPLO DE SANTOS, SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Barrocas

SANTOS

2018

A539u Amieiro, Maria de Fátima Santos Conde
Uso do Gênero Jornalístico para análise da segregação espacial nas aulas de Geografia: o exemplo de Santos, SP/
Maria de Fátima Santos Conde Amieiro - Santos, 2018.
116 fls.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Barrocas
Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental) – Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.

1. Produção do espaço. 2. Segregação espacial. 3. Verticalização. 4. Geografia escolar. 5. Jornal. 1. Uso do Gênero Jornalístico para análise da segregação espacial nas aulas de Geografia: o exemplo de Santos, SP

A Dissertação de Mestrado intitulada “Uso do gênero jornalístico para análise da segregação espacial nas aulas de Geografia: o exemplo de Santos, SP”, foi apresentada e aprovada em 02/04/2018, perante banca examinadora composta por Prof^a. Dr^a. Elizabeth de Souza Machado Hess; Prof^a. Dr^a. Regina Helena Tunes.

Prof. Dr^a. Renata Barrocas
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr^a Luana Carramillo Going
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Programa: Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.
Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental
Linha de Pesquisa: Ensino aprendizagem no Ensino Fundamental

*Dedico este trabalho a minha filha
Fernanda Santos Conde Amieiro, meu
marido Roberto Conde Amieiro, meu pai e
minha irmã.*

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Prof^a.Dr^a. Renata Barrocas que com competência e carinho mostrou-me o caminho a seguir, possibilitando a conclusão desta etapa de pesquisa, agradeço eternamente.

Aos professores que ministraram as aulas deste mestrado com capacidade e incentivo a cada dificuldade encontrada, esclarecendo dúvidas e abrindo um caminho maravilhoso.

As minhas queridas amigas que fizeram a diferença em todo o processo desse mestrado, onde a cada lágrima e desânimo me abraçavam e diziam palavras de incentivo. Cada uma de vocês tornaram-se mais do que uma amigas, mas um oásis na minha vida.

À Prefeitura Municipal de Santos que oportunizou meus estudos com a Bolsa Mestre aluno.

À banca que abrilhantará todo o processo, com sabedoria e sugestões.

Ao fotógrafo profissional Sr. Sergio Furtado que gentilmente cedeu as fotos que enriqueceram o meu projeto de pesquisa.

Ao meu pai e minha irmã, que me apoiaram em todos os momentos. Mesmo quando a ausência se fazia necessária por conta dos estudos.

Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar.

Albert Einstein

AMIEIRO, Maria de Fátima Conde. “Uso do gênero jornalístico para análise da segregação espacial nas aulas de Geografia: o exemplo de Santos, SP”. Projeto de Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2017.

RESUMO

Na cidade de Santos, a construção civil é responsável por grandes impactos econômicos, sociais e políticos. O interesse privado promove a arquitetura santista e transforma o espaço geográfico de maneira vertiginosa. Assim, esse trabalho tem como objetivo estudar o processo de verticalização em Santos e sua consequente interferência no espaço geográfico, numa tentativa de fazer com que o aluno compreenda sua reprodução como um reflexo da sociedade capitalista, em que o espaço produzido se torna uma mercadoria a qual aprofunda a segregação urbana. Dentre os autores que sustentam o referencial teórico destacam-se Carlos (1999), Cavalcanti (1998), Vazquez (2011), Seabra (1979) e Vasconcelos, Corrêa e Pintaudi (2016). Refletir sobre a materialização do espaço urbano é também uma reflexão sobre as relações sociais ocorridas no uso do solo urbano. Para isso o jornal “A Tribuna”, de maior circulação em Santos, foi o recurso escolhido para a realização da pesquisa. Os sujeitos deste trabalho são alunos do nono ano do Ensino Fundamental II que utilizaram reportagens coletadas sobre o impacto da construção civil na região no período de 2011 a 2016. Os resultados mostram que os alunos desenvolveram um pensar crítico sobre essas alterações e produções espaciais.

Palavras-chave: Produção do espaço. Segregação espacial. Verticalização. Geografia escolar. Jornal.

ABSTRACT

In the city of Santos, civil construction is responsible for major economic, social and political impacts. Private interest promotes Santos architecture and transforms the geographical space in a vertiginous way. Thus, this work aims to study the verticalization process in Santos and its consequent interference in geographic space, in an attempt to make the student understand their reproduction as a reflection of capitalist society, where the space produced becomes a commodity to which deepens the urban segregation. Among the authors that support the theoretical reference stand out Carlos (1999), Cavalcanti (1998), Vazquez (2011), Seabra (1979) and Vasconcelos, Corrêa and Pintaui (2016). Reflecting on the materialization of urban space is also a reflection on the social relations that occur in the use of urban land. For this, the newspaper "A Tribuna", of greater circulation in Santos, was the chosen resource for the accomplishment of the research. The subjects of this study are students of the ninth grade of Elementary School II who used reports collected on the impact of civil construction in the region in the period from 2011 to 2016. The results show that students have developed a critical thinking about these changes and spatial productions.

Keywords: Production of space. Spatial segregation. Verticalization. School geography. Newspaper.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico da estrutura socioprofissional dos usuários	19
Figura 2 - Os Canais de Santos/SP (2013)	23
Figura 3 - Mapa dos municípios da Baixada Santista	40
Figura 4 - Atividade com jornal local	44
Figura 5 - Formação de grupos para atividade com jornal	47
Figura 6 - Distribuição das matérias	47
Figura 7 - Identificando as informações básicas da matéria do jornal	48
Figura 8 - Resposta aos questionamentos com escrita coletiva (I)	48
Figura 9 - Resposta aos questionamentos com escrita coletiva (II)	49
Figura 10 - O jornal como importante ferramenta de pesquisa	49
Figura 11 - Foto aérea da Ponta da Praia (Santos/SP) - tomada fotográfica em visão oblíqua	51
Figura 12 - Localização dos bairros objetos de estudo	59
Figura 13 - Bairro do Gonzaga	61
Figura 14 - Imagens aéreas do processo de construção do residencial “Acqua Play”, com obras entre 2010/2014	64
Figura 15 - Bairro do Marapé	65
Figura 16 - Jardins da Grécia	66
Figura 17 - Bairro da Ponta da Praia	67
Figura 18 - Boulevard do Parque	68
Figura 19 - Bairro da Areia Branca	69
Figura 20 - Principais empreendimentos que retratam o início do processo de verticalização nos bairros estudados	70
Figura 21 - Gráfico do sexo dos entrevistados - 2017	72
Figura 22 - Gráfico da pirâmide etária dos entrevistados - 2017.....	73
Figura 23 - Gráfico dos bairros de moradia dos sujeitos entrevistados - 2017	74
Figura 24 - Gráfico das ações antrópicas observadas pelos entrevistados que trouxeram impactos positivos e negativos para a cidade de Santos - 2017.....	77
Figura 25 - Gráfico das mudanças observadas pelos entrevistados em seus bairros - 2017	78

Figura 26 - Gráfico das ações antrópicas mais impactantes observadas pelos entrevistados em outros bairros de Santos - 2017	80
Figura 27 - Gráfico da classificação da organização da construção civil na cidade de Santos - 2017.....	81
Figura 28 - Gráfico da percepção dos entrevistados sobre a qualidade ambiental em relação a construção civil - 2017	82
Figura 29 - Gráfico da sugestão dos entrevistados quanto as possíveis melhorias nos bairros em que residem - 2017.....	83
Figura 30 - Gráfico da percepção dos entrevistados quanto à concentração da verticalização em Santos - 2017	84
Figura 31 - Gráfico dos bairros mais citados pelos entrevistados em relação à percepção da concentração da verticalização em Santos - 2017	85
Figura 32 - Banner: Verticalização (1,20m x 0,80m)	93
Figura 33 - Banner: Segregação Espacial (1,20m x 0,80m)	94
Figura 34 - Vídeo: “A Verticalização em Santos/SP e o Processo de Segregação Espacial”	95
Figura 35 - Exibição do vídeo na aula de Geografia	96
Figura 36 - Tradução da letra da música na aula de Inglês	97
Figura 37 - Confeção de sonetos na aula de Língua Portuguesa	97
Figura 38 - Letra da música trabalhada em sala de aula	98
Figura 39 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (I)	99
Figura 40 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (II)	100
Figura 41 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (III)	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cidade, estado, e país de origem das famílias dos entrevistados – 2017	75
Tabela 2 - Ações antrópicas observadas pelos entrevistados nos últimos 5 anos em Santos - 2017.....	76
Tabela 3 - Ações antrópicas mais impactantes observadas pelos entrevistados em seus bairros ou nos bairros em que não residem - 2017	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Impactos positivos e negativos da verticalização.....	50
---	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DE SANTOS	16
1.1 Santos e a expansão portuária	18
1.2 A construção do canais em Santos	21
1.3 O porto de Santos	24
2 A SEGREGAÇÃO ESPACIAL	27
2.2 A Geografia que ensina	27
2.1 A descoberta do pré-sal em Santos e o <i>boom</i> imobiliário	28
2.3 O espaço geográfico como produto da ação humana	30
2.4 Santos: localização privilegiada	39
3 O JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO	42
3.1 A importância do jornal na sala de aula	42
3.2 Atividades desenvolvidas com o jornal em sala de aula	43
3.3 A fotografia aérea	50
4 ENSINAR SOBRE A CIDADE	52
4.1 Problematizar, sistematizar, sintetizar e significar: ensinando sobre a cidade.....	52
4.2 Refletindo o ensino de geografia sobre a cidade	54
5 A VERTICALIZAÇÃO EM SANTOS	57
5.1 Os bairros de Santos objeto de estudo	58
5.2 Bairro do Gonzaga	60
5.3 Bairro do Marapé	63
5.4 Bairro da Ponta da Praia	66
5.5 Bairro da Areia Branca (Zona Noroeste)	68

6 ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA DA PESQUISA	71
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	72
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
9 PRODUTO ELABORADO A PARTIR DA PESQUISA	91
9.1 Introdução	91
9.2 Objetivo	92
9.3 Produto desenvolvido (sugestão): produção de vídeo e banners itinerantes	92
9.4 Sugestão de atividade interdisciplinar para aplicação do produto	95
9.5 Referências	102
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE	110
Apêndice A - Questionário	111
ANEXOS.....	113
Anexo A - Parecer do Comitê de Ética	114

INTRODUÇÃO

Durante minha experiência como docente, percebi que a transformação do espaço geográfico passa despercebida pelos alunos, principalmente na cidade onde eles moram. Diante disso, busco em minhas aulas construir um percurso didático e pedagógico que abarque as mudanças e as práticas docentes, buscando através do ensino de Geografia desenvolver um olhar crítico no aluno do ensino fundamental sobre a produção do espaço geográfico. E, para auxiliar nesta proposta de investigação foi escolhido o texto jornalístico como fonte para esta prática, quando posteriormente avaliaremos como a construção civil na nossa região interfere no cotidiano do aluno.

Acredito que ao incitar o desenvolvimento deste olhar crítico estarei conduzindo-os a pensar, comparar e avaliar pontos positivos e negativos destas mudanças.

Nas últimas décadas o impacto da construção civil na Baixada Santista foi perceptível na paisagem e na demografia regionais, impulsionadas pela descoberta de petróleo na Bacia de Santos. Essa descoberta criou possibilidades de maior crescimento econômico e financeiro para a região e, principalmente em Santos o impacto imobiliário e empresarial buscou atender esta grande demanda que possivelmente migrou para a região com o propósito de trabalhar, estudar ou mesmo empreender, aproveitando todo o desenvolvimento propício desta década.

O pressuposto de novas oportunidades também deslocou um contingente de empresas que buscaram atender a essa demanda. O setor hoteleiro é um exemplo dessa preocupação com a chegada de pessoas que circulam na região com os mais diversos objetivos.

Hoje, estamos cercados por uma paisagem que se modificou de maneira assustadora e é preciso refletir junto aos alunos até que ponto isso foi vantajoso ou não para a cidade.

Esse paralelo do passado (2009) até o presente (2017) visualizado pelas fotos aéreas deu aos alunos uma ideia desse processo e por meio de pesquisa bibliográfica será possível compreender como os geógrafos interpretam estas mudanças.

Assim, essa é uma pesquisa relevante, pois faz parte da realidade vivenciada pela população da Baixada Santista em que estão inseridos nossos alunos e suas famílias. Como professora de Geografia pretendo mostrar para os alunos a realidade geográfica local, oportunizar momentos de reflexão e compreensão de todo esse processo ocorrido em nossa região e as consequências dessa evolução além de contribuir para a formação de um cidadão atuante e transformador.

É preciso uma tomada de consciência de que o meio ambiente ao se modificar pode ocasiona problemas para a cidade.

O levantamento da expansão da vertical no período de 2011 a 2016 será o fio condutor, por meio de pesquisas de reportagens jornalísticas sobre o avanço imobiliário nesse período. Todo esse avanço pode ser observado no conteúdo impresso, linguístico e imagético do jornal “*A Tribuna*” que busca refletir o crescimento da cidade, as alterações, assim como registrar historicamente tais mudanças.

1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DE SANTOS

A reflexão a ser desenvolvida neste capítulo será sobre Santos, uma cidade portuária do litoral sul do Estado de São Paulo (SP). Abordaremos uma Santos enquanto estância turística e as mudanças ocorridas em seu espaço geográfico devido à construção civil.

Em 1546, Santos passou a ser Vila quando o porto se instalou na região do atual bairro da Ponta da Praia. Nessa época, possuía condições geográficas privilegiadas em relação ao mar e a serra. O Outeiro de Santa Catarina, o hospital, a Câmara Municipal e os quartéis eram os marcos iniciais da vila. A população era mestiça e moravam ao longo do porto, aonde chegavam as canoas de mercadores do planalto.

Com o passar do tempo, o comércio no atual bairro do Valongo movimentou a vila, até o surgimento da ferrovia que dava acesso ao planalto. Não houve muito desenvolvimento nessa época, por fatores físicos, há relatos de que o local era encharcado e em planície, dificultando o uso do solo; por questões históricas, como a dissociação de interesses com a Metrópole, pois praticavam uma agricultura de subsistência; além de uma parte da população santista migrar em busca de ouro, na caça aos índios e expedições pelos sertões. Assim, Santos na época colonial possuía uma pequena população e nenhuma riqueza. Isso é confirmado por alguns registros da época:

Sem terras próprias para o cultivo da cana, (estando a produção do açúcar em larga escala no Nordeste), longe dos distritos da mineração, abandonada pela própria população local, Santos caiu em marasmo, que durou até o século XIX. Desapareceu a moeda corrente, passando as trocas a serem feitas somente em espécie; fugiram das águas tranquilas do estuário os cinco ou seis navios que anualmente o procuravam, interrompendo-se mesmo a ligação direta com Portugal e Angola; o porto de Santos passou a ser tributário do Rio de Janeiro, por intermédio do qual podia fazer comércio exterior, conservando somente o comércio direto com os outros portos brasileiros. (MELLO, 2008, p.146).

Em 1822, avançaram um pouco aos morros e Santos ligou-se a Cubatão por terra, aumentou o comércio e passou a ser cidade, mesmo ainda não apresentando

um crescimento expressivo.

Por muito tempo a cidade não se desenvolveu como deveria, acontecendo isso apenas na metade do século XIX, quando o café suplantou o açúcar e passou a ser conhecido como o porto do café. Foi nessa fase que Santos passou a se desenvolver rapidamente e a região central da cidade era onde residia a elite do café. Porém, no final do século XIX e início do século XX essa região da cidade virou cortiços, bordéis, armazéns de café, moinhos de trigo e oficinas mecânicas. Nessa fase, o crescimento que ia de encontro ao planalto, passou a vir em direção à praia. Ainda no final do século XIX, grandes hotéis foram construídos próximos à orla, além de uma infinidade de comércio e estabelecimentos voltados ao lazer. As avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias surgiram ligando o centro à praia.

Outras avenidas também se desenvolveram, no entanto:

Esse crescimento em direção às praias, acontecia à custa da população da classe média e da classe proletária, enquanto que os moradores com maiores poderes aquisitivos mudaram para a orla praiana, onde até 1910 ficavam as chácaras de veraneio. (ARAÚJO FILHO, 1965, p.34).

Essa ocupação geográfica-social de produção e apropriação do espaço ficou caracterizada por uma população de alto padrão.

Nesse momento, o centro da cidade passou a ser caracterizado pelo comércio e moradia da população mais pobre. Isso mostra como:

Na consideração do crescimento de uma cidade, o movimento da área de altas rendas é, num certo sentido; o mais importante, porque tende a arrastar consigo o crescimento da cidade inteira na mesma direção (HOYT, 1939, p. 501).

A cidade virou turística e foi crescendo no período pós-guerra com as importações de automóveis e a construção da Via Anchieta que facilitou a vinda de mais pessoas para Santos.

Com esse contínuo fluxo de turistas vindo para Santos, a construção civil foi impulsionada, trocando os palacetes por edifícios na orla. Além disso, foi planejado e construído o maior jardim a céu aberto do mundo, com sete quilômetros de

extensão. Pode-se observar que todo esse crescimento visa a beneficiar, muitas vezes a população de maior renda.

A Companhia Docas foi muito importante para o crescimento da cidade, pois aterrou a faixa da marinha, reformulando todo o porto, demolindo e construindo setores vinculados ao comércio portuário e a desobstrução dos espaços.

No entanto, tínhamos de um lado os interesses dos paulistas, representados pelos cafeicultores e de outro o capital inglês, que financiou a construção das ferrovias que serviram para escoar a produção de café e incentivaram mudanças, incluindo políticas de saneamento e construção de avenidas, alterações estas, que modificaram o sistema de transporte e moradias.

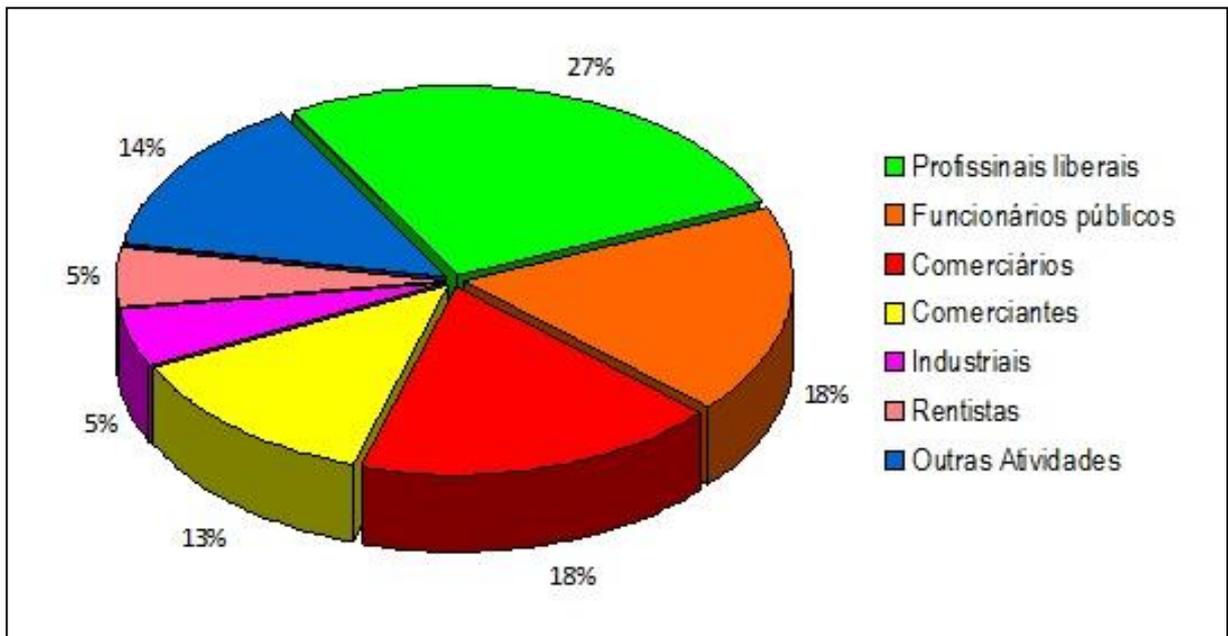
1.1 Santos e a expansão portuária

Segundo Seabra (1979) o valor das edificações na orla de Santos na década de 50, surgiu como uma produção de segunda residência (casas de veraneio) e que em um período de 10 a 15 anos os sete quilômetros de praia já se encontravam edificadas, redefinindo assim o modelo do uso do solo na orla de Santos.

A autora identifica essas novas edificações como uma segunda residência e que seu uso secundário norteou a valorização dos imóveis a qual passou a explicar o processo da importância da orla para as empresas de construção civil.

Seabra (1979) cita que as empresas do ramo da construção civil em Santos reproduziram na orla as características de um processo capitalista de produção de habitações onde as construtoras obtinham seus lucros produzindo o que a autora chamou de “a muralha que cerca o mar”. A pesquisadora aborda também em sua dissertação a questão do processo de valorização do solo o qual foi definido e redefinido temporalmente em função da produção social. Em sua pesquisa, a autora faz um levantamento da estrutura sócio profissional dos usuários das habitações na orla de Santos, conforme demonstrado na figura 1 a seguir:

Figura 1 - Gráfico da estrutura socioprofissional dos usuários



Fonte: Organizado por Amieiro (2018) baseado em SEABRA, 1979, p. 106.

Com esses dados Seabra (1979) verificou que a segunda residência era pertencente a um estrato social classificado pela autora de “classe média”, onde 27% são profissionais liberais, 18,5% são funcionários públicos e 18% são comerciários, os quais utilizavam suas habitações como veraneio, expressando claramente a função balneária de Santos.

No bojo destas transformações esteve a ação das empresas de construção civil, que segundo a lógica da produção de mercadorias em geral, produziram as unidades habitacionais do tipo apartamento para serem usados como segunda residência. Foi através dessas produções que o capital foi se apropriando da orla da praia produzindo e reproduzindo o espaço. (SEABRA, 1979, p. 116).

Lanna (1996) em sua pesquisa de doutorado teve como foco estudar as mudanças urbanas ocorridas no Brasil no final do século XIX. A autora acredita que essas mudanças urbanas estão atreladas a decadência do regime imperial e da escravidão, ao crescimento do capitalismo e também aos mercados nacionais.

A pesquisadora analisa as transformações urbanas decorrente do crescimento de algumas cidades, motivado pelo mercado externo. No caso de Santos por apresentar-se como uma cidade portuária em crescimento cresceram também os problemas urbanos.

Para Lanna (1996), o crescimento das cidades se deu paralelamente às mudanças nas relações de trabalho e nos atritos sociais expressados na determinação dos novos espaços de convívio. Salienta ainda que o crescimento da cidade de Santos sempre estivera atrelado economicamente às atividades portuárias e politicamente ao desenvolvimento do planalto paulista, os quais conviviam com tensões nas relações, de um lado a elite local santista e de outro o governo estadual que constantemente acusava a municipalidade santista de não sanar os seus problemas urbanos. O processo da formação urbana de Santos fundamenta-se no conceito de público e privado e também na introdução de valores europeus aos costumes nacionais. Com relação ao espaços privados, estes tiveram uma nova roupagem, pois se tornaram privilegiados apenas para eventos sociais, caracterizando-se na formação de um indivíduo que se opunha ao mundo público.

Destaca-se a sobrevivência dos trabalhadores, sejam eles imigrantes nacionais ou ex-escravos e sua adaptação aos valores da sociedade da época sobre o ponto de vista burguês. Assim, a transição para o trabalho livre dentro um espaço urbano e sua dinâmica social necessita de uma observação maior.

Lanna (1996) estudou o cotidiano desse grupo social para mostrar a formação dos cortiços, do comércio estabelecido e morros, considerados pelos burgueses áreas fragilizadas que necessitavam da vigilância policial e dos órgãos da saúde. Nota-se desta forma, que os trabalhadores eram discriminados, principalmente o ex-escravo, que nunca atingiam destaque social por meio do seu trabalho.

A cidade de Santos recebia muitos escravos fugidos que buscavam integração social e remuneração por seu trabalho. Nesse momento histórico, a abolição não se preocupava com as condições de vida dos escravos, mas sim, com a estratégia republicana. Pode-se notar que esses trabalhadores lutavam para obtenção de terras e condições de vida, buscando uma identidade apesar da precariedade em que viviam. Esse grupo marginalizado acabava por viver em áreas menos favorecidas com hábitos e costumes modificados. Fatores, estes, significativos para as consequências sociais na constituição da cidade de Santos, observadas ainda nos dias atuais. A formação da cidade de Santos no processo histórico está documentada no Arquivo Geral da Comarca de Santos e no Arquivo do Estado de São Paulo, além de estar nas fontes impressas e no inventário dos bens de Quintino de Lacerda.

1.2 A construção dos canais em Santos

Os canais propostos por Saturnino de Brito em 1922 geraram algumas polêmicas. Alguns criticavam a falta de dados sobre o número de veículos que circulavam pela cidade, além da preocupação com o corte de árvores nos espaços que seriam designados para a construção dos canais. Possíveis doenças devido a veiculação hídrica também gerou polêmicas. Além disso a promotoria do meio ambiente interviu nas obras devido a falta de estudos da administração municipal.

A legislação de 1894, determinou o perímetro da cidade e nela os proprietários dos cortiços deveriam transformá-los em casas com saneamento adequado. Essa nova cidade que surgia entre o centro e a praia ao longo das avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa, possuía cuidado estético e higiênico.

O desenho urbano característico da cidade tradicional foi rompido com os novos aspectos administrativos voltados para a saúde pública e de articulação em grande parte da área insular.

Para Lanna (1996) a cidade de Santos em sua complexidade no crescimento urbano mostrava-se uma cidade com características e estruturas coloniais, mas com condições insalubres (crises epidêmicas). Num esforço de garantir a produção cafeeira e a confiança comercial dos europeus o governo nacional empenha-se em transformar a cidade de Santos colonial em uma cidade mais moderna, com condições higiênicas para habitação. Cabe ressaltar que construção da Bolsa de Café ocorreu devido ao auge do ciclo do café, pois aqui se encontrava a maior praça cafeeira do mundo, inaugurada em setembro de 1922.

Nas questões sanitárias da cidade as elites dominantes promoveram reformas destruindo e afastando os bairros mais pobres para acomodar uma classe mais privilegiada à beira-mar.

O principal legado desse pensamento foi a criação de um plano de saneamento projetado pelo engenheiro Saturnino de Brito. A iniciativa foi responsável não só pelo projetos da rede de esgoto, galerias de água pluviais e canais de drenagem superficial, como também de ruas, jardins e parques lineares, que foram construídos entre 1905 e 1914. Tais canais foram fundamentais a expansão urbana do município, estruturando o crescimento e a paisagem, e são referências na cidade até hoje. (SILVA, 2014, p. 96).

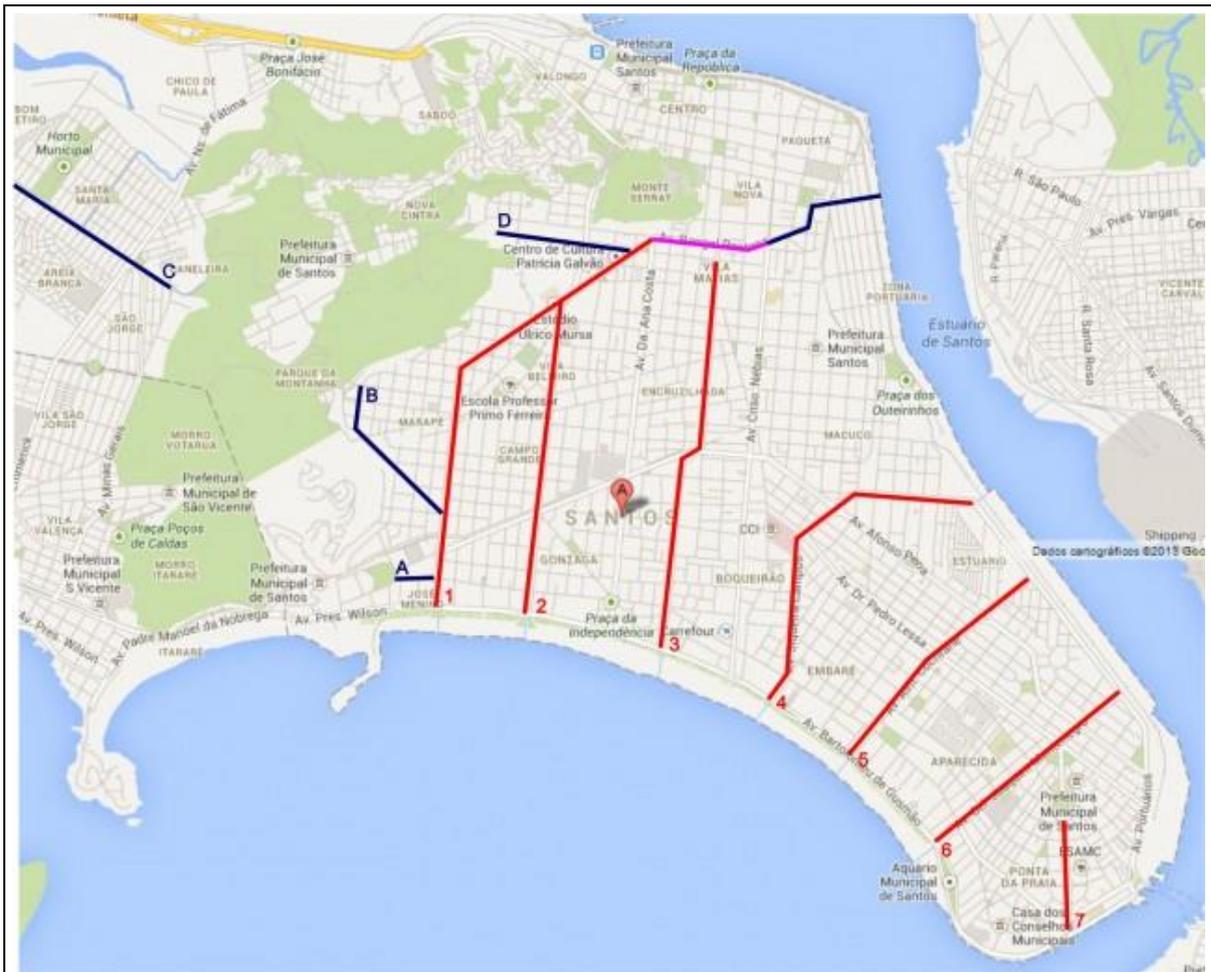
Nas palavras de Silva (2014) a construção dos canais favoreceu a ampliação

e ocupação da ilha de São Vicente iniciando-se assim uma área urbana e também um crescimento demográfico. Uma vez sanada a questão sanitária e o controle das epidemias, Santos tornou-se então uma cidade salubre e com uma dinâmica urbana vigorosamente motivada pela expansão portuária que modificou a estrutura espacial do porto e sua relação com a cidade.

Silva (2014) acrescenta ainda que o bairro da Ponta da Praia passou a oferecer uma área de maior calado para os navios que chegavam ao porto, fazendo com que a área central da cidade perdesse a sua atratividade, até então conquistada no período do café. Para o autor o mercado de café, a estação ferroviária e as residências de uma camada social com maior renda e prestígio político foram gradualmente submetidos por habitações de trabalhadores ligados as atividades portuárias.

A figura 2, a seguir, destaca a distribuição dos canais, no ano de 2013, e sua importância no desenho urbanístico da cidade. Vale destacar que o desenho da distribuição dos canais sofreu poucas transformações.

Figura 2 - Os Canais de Santos/SP (2013)



LEGENDA:

A	Canal do Orquidário (após 1968)
B	Canal da Rua Moura Ribeiro (após 1968)
C	Canal da Jovino de Melo (após 1968)
D	Canal da Rua Francisco Manoel e Av. Rangel Pestana (1916 - coberto)
1	Canal 1 – Av. Senador Pinheiro Machado (1910)
2	Canal 2 – Av. Dr. Bernardino de Campos (1910)
3	Canal 3 – Av. Dr. Washington Luis (1923)
4	Canal 4 – Av. Siqueira Campos (1923)
5	Canal 5 – Av. Almirante Cochrane (1927)
6	Canal 6 – Av. Coronel Joaquim Montenegro (1919)
7	Canal 7 – Av. General San Martin (1968)

Fonte: Disponível em: <<http://www.xavel.com.br/noticias/os-canais-de-santos/>>. Acesso em 25 de nov. 2017.

A importância dos canais de Santos, é tão marcante que é impossível imaginar a cidade sem eles, uma vez que se tornaram referência espacial de localização para a população santista. Salientamos que a construção dos canais

tornou a cidade de Santos com condições favoráveis ao crescimento demográfico e sem grandes epidemias. Assim, o Porto de Santos passou a receber um número maior de navios, ampliando os espaços ocupados para atividades portuárias.

1.3 O porto de Santos

As grandes transformações urbanas na cidade de Santos tiveram como válvula propulsora o Porto. Seu crescimento em relação às áreas construídas foi impactante sobre o aspecto urbano do município, que necessitou da liberação de espaços urbanos inadequados nos dias atuais para a atividade portuária.

A área do Valongo/Paquetá foi a escolhida para a criação do espaço portuário, por ser o mais próximo do planalto, facilitando a defesa local, além de possuir as melhores condições, como águas calmas e pedras retiradas dos morros para as construções.

Segundo a Companhia Docas de Santos (1927, apud SALES, 1999), esse primeiro trecho de cais possuía águas com pouca profundidade e largura para facilitar o transporte e a estação férrea.

Como o cais ficou sobrecarregado, houve a necessidade de se expandir até o bairro Paquetá, sendo construído, no início do século XX, o segundo trecho de cais no Paquetá/Outeirinho. É preciso lembrar que nessa época a exportação de café estava no auge. Esse cais possuía espaço amplo com armazéns internos e externos que eram separados por pátios e mesmo ruas, hoje serve para cargas em geral.

A Ilha de Barnabé passa a ter um terminal de granéis líquidos com a finalidade de atender indústrias brasileiras que trabalhavam com a refinaria de produtos derivados do petróleo principalmente, em 1930.

Após a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional teve um aumento significativo e isso fomentou a aparelhagens dos portos no Brasil e principalmente o de Santos.

Os terminais do Saboó/Alema foram sendo implantados aos poucos devido aos oleodutos desenvolvidos no centro petroquímico de Cubatão e outro terminal na Ponta da Praia.

A Codesp (1996 apud SALES, 1999) caracteriza essa fase vivida pelo porto de Santos no período de 1955 a 1968 como um período de intensa movimentação

devido ao petróleo e seus derivados, chegando a duplicar a tonelagem movimentada.

Dessa forma, pode-se perceber que não houve um desenvolvimento harmonioso em relação ao porto e a cidade e mesmo a linha férrea, com a finalidade do transporte de cargas, foi criada sem uma previsão adequada.

A ferrovia São Paulo Railway ligando Jundiaí a Santos foi implantada em 1867. Esse investimento foi uma válvula propulsora no desenvolvimento para o transporte dos produtos.

Porém, a cidade possuía uma precariedade quanto ao aspecto sanitário devido ao crescimento populacional da época. Essa nova realidade da população da cidade não conduzia com os investimentos para a infraestrutura local. Com isso, grandes epidemias ocorrem afetando inclusive o interior de São Paulo.

Esses problemas de insalubridade forçaram a Câmara Municipal juntamente com o governo estadual a contratarem o engenheiro e sanitarista Saturnino de Brito. Era preciso aumentar os limites da cidade para ordenar o número de população crescente. Nesse momento, conflitos entre os governantes locais e estaduais passaram a existir.

No final do século XIX, a cidade de Santos busca sair da situação de cidade colonial para moderna, devido a higienização em que foi submetida pelo sanitarista Saturnino de Brito. Ele prevendo um maior crescimento da população, planejou os canais que serviriam para drenar as praias, possibilitando sua ocupação que antes eram mangues.

Saturnino de Brito tinha em mente dois planos importantes, um o jardim da praia e outro que não foi concluído que seria na Avenida Afonso Pena.

Assim, os canais sendo implantados, aumentaram os limites da cidade para as Avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa.

Pode-se ressaltar que a passagem do século XIX para o século XX mudanças significativas ocorreram na ocupação dos espaços pela população, ligadas ao crescimento das atividades do porto, e principalmente pelas ações de Saturnino de Brito na higienização da cidade.

A proposta de Saturnino de Brito foi elaborada a partir do levantamento sobre o relevo da área edificada e dos que seriam ocupadas. O crescimento urbano, como já dito antes, era desordenado.

O engenheiro e sanitarista projetou a rede de esgoto sanitário, as galerias de

águas pluviais e principalmente os canais que drenaram as praias.

Hausmam foi o urbanista que fez reformas para melhorias nas manobras militares de circulação e na higienização da capital da França. Para que muitas vias pequenas e estreitas que resistiram desde a época medieval para a criação de *boulevards* organizando o espaço urbano.

Nos jardins e parques, esse urbanista Hausmam, serviu de exemplo para que as tendências europeias fossem incorporada em Santos.

Entre os projetos estavam os jardins da praia que foram construídos e o não realizado que seria na Avenida Francisco Glicério.

Os canais foram construídos a céu aberto, sendo os patamares do crescimento e da paisagem de Santos. Tinham como objetivo enxugar a planície que estava em condições insalubres. Os canais possuíam avenidas dos dois lados e calçadas com árvores. Esses canais foram projetados para navegarem barcos simples. As calçadas nas laterais dos canais e as pontes eram para passeios e possibilidades de passagem de um lado para o outro, criando novas práticas sociais.

Mesmo nos dias de hoje, a estrutura urbana da cidade de Santos mantém os moldes feitos por Saturnino de Brito. Esses moldes já previam a expansão do porto e a área pesqueira da cidade. Porém, não previu a harmonia necessária da transição da área urbana e portuária.

Vale salientar a importância histórica e o pensamento crítico de Saturnino de Brito sobre a intervenção urbana.

2 A SEGREGAÇÃO ESPACIAL

2.1 A Geografia que se ensina

Para Castrogiovanni (2001), a Geografia possui questões muito significativas ao se estudar, por exemplo, as escalas de análises. Segundo a autora, delimitar o espaço geográfico é o primeiro passo, pois ele é imenso. É preciso recortar o que se quer estudar deste espaço a uma escala de análise (local, regional, nacional e global) para que possa entender o entorno espacial geográfico.

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações espaciais sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 86)

Um exemplo disso é o ensino de procedimentos e o desenvolvimento de habilidades e atitudes na busca pela interdisciplinaridade e pela transversalidade dos métodos de avaliação variados e progressivos. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - 1997) afirmam:

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimento, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos os quais este campo de conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza as quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: O conhecimento geográfico. (PCN, 1997).

Desse modo, podemos entender o processo de produção do conhecimento da Geografia enfatizando a partir do espaço geográfico, ou seja, fazer-se compreender pela natureza em transformação. De certo modo, trata-se sobre uma natureza “bruta” e ao mesmo tempo oportuniza os alunos perceberem a natureza

transformada. Para exemplificar este assunto as ideias de Santos (2008) apontam que:

Qualquer que seja o período Histórico, o espaço humano é reconhecido como um resultado de produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaços. A promoção do homem animal o homem social deu-se quando ele começou a produzir. 'Produzir' significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida [...] Pela produção o homem modifica a natureza. Primeira, a natureza bruta, a natureza transformada, segunda, a natureza transformada, a natureza social e socializada. (SANTOS, 2008, p.202)

Nesse sentido, proporcionar aos alunos um estudo significativo da ciência geográfica, é de certa forma promover, um novo aprendizado que possa contribuir no sentido de mudar os olhares em volta do seu entorno, oportunizando uma aprendizagem mais significativa ao aluno.

Desta forma, entende-se que, a partir do ensino de Geografia, pretende-se formar alunos para o exercício da cidadania e críticos que compreendam, entre outros aspectos, as relações existentes entre os seres humanos e a construção do espaço geográfico.

Segundo Kaercher,

Essa é uma ideia fundamental para Geografia, pois esta Ciência trata do espaço, e este é carregado de intencionalidade. Por onde andamos vemos nossa criação: casas, ruas, plantações, máquinas. Nossa espécie, capaz de criar a riqueza e a pobreza, pode lutar por um espaço geográfico com menos contrastes sociais. Isso implica em considerar a realidade mutável por obra nossa, dos homens, que não estão, assim, condenados por forças alienígenas a permanecerem nesta ou naquela situação. (KAERCHER, 1998, p.52).

2.2 A descoberta do pré-sal em Santos e o *boom* imobiliário

Com a descoberta do pré-sal em Santos, as grandes construtoras começaram a investir no mercado imobiliário santista e com isso uma verticalização da moradia se potencializou.

Turqueto (2013) escreve que tanto o pré-sal como a expansão do porto vem fazendo com que a cidade de Santos apresente um crescimento e urbanização

desordenada. O anúncio da descoberta do pré-sal já foi o suficiente para que houvesse o lançamento de novos empreendimentos em Santos.

A autora mostra-se preocupada com as questões ambientais e sociais que as novas habitações possam trazer a cidade, pois a mesma não dispõe de terrenos para novos empreendimentos.

Segundo o Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Nacionais:

[...] com as novas dinâmicas metropolitanas da Baixada Santista impulsionadas pelos grandes projetos inseridos na região em decorrência do pré-sal e outras dinâmicas econômicas, como a ampliação do Porto de Santos, é necessário verificar os potenciais de crescimento da mancha urbana do município de Santos, prevendo novos cenários de acréscimo da demanda demográfica no município. Se esse crescimento urbano não for ordenado e ocorrer de modo inadequado junto aos cursos d'água, nos locais com topografia acidentada e em áreas com cobertura vegetal significativa, haverá problemas na ordem urbanística local. No contexto do litoral paulista como um todo, processos desordenados de urbanização também poderão pressionar o meio ambiente de modo negativo. (INSTITUTO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E ASSESSORIA EM POLÍTICAS NACIONAIS, 2013, p. 144).

Na visão de Turqueto (2013) o *boom* imobiliário influenciou também no encarecimento do valor venal do imóvel e também do custo de vida na cidade (moradia e serviços). Esse fato ocorreu devido ao anúncio de que a Petrobrás construiria um centro de operações no município. A partir daí, tanto os imóveis residenciais como comerciais valorizaram em torno de 60%.

Turqueto afirma que:

Em razão da intensificação da especulação imobiliária e do conseqüente aumento do custo de vida, percebem-se três reflexos na dinâmica do município, quais sejam: a verticalização dos empreendimentos, o uso exacerbado do solo e a expulsão de parte da população menos favorecida para a área continental de Santos e para outros municípios vizinhos da região. (TURQUETO, 2013, p. 100).

A autora finaliza sua reflexão afirmando que já se pode observar em Santos a construção de prédios cada vez mais altos com o objetivo de aperfeiçoar os poucos espaços existente. A cidade de Santos transforma-se em uma expressão materializada da relação da sociedade no espaço geográfico, ou seja, por meio de um ambiente físico construído,

2.3 O espaço geográfico como produto da ação humana

Como afirma Carlos (2016), as relações sociais ocorrem na condição de relações espaciais o que nos faz pensar que a análise geográfica mostra o mundo como prática sócio espacial. Discutir a produção do espaço é discutir o processo de reprodução econômica. Não restando dúvidas de que a acumulação de capital passa pelo espaço, tornando-se assim uma condição e também um resultado do processo econômico.

Para Carlos (2016), o espaço é uma realidade prática que se constitui no decorrer da história da humanidade enquanto condição, meio e produto da reprodução social.

Essa produção do espaço é vista como condição da existência da humanidade, onde a práxis social se constrói e as relações sociais se potencializam enquanto relações espaciais com diferenciais em função do tempo histórico.

Com isso Carlos (2016, p. 17) comenta: “a produção do espaço apareceria como imanente à produção social no contexto da constituição da civilização”.

Parafraseando com Carlos as relações capitalistas acentuaram as contradições na matriz do processo de produção do espaço gerando conflitos que acarretaram na luta pelo espaço, fazendo com que este espaço se torne mercadoria e condição para reprodução continuada do capital contemporâneo. De acordo com Carlos (2016), o processo de produção e reprodução da realidade sócio espacial também se estende à produção da subjetividade do homem a par da construção do mundo objetivo, pois na medida em que o homem e a sociedade produzem suas condições de existência, sendo o espaço uma condição essencial, tendem a formar uma consciência acerca do processo em curso, reproduzindo suas representações e significados.

Esse processo de produção do espaço tem como inferência a natureza e um conjunto de elementos fundados na atividade humana produtora, transformadora e reprodutora da sociedade, na qual o homem produz em vários momentos históricos as condições de reprodução da vida.

Na visão de Carlos (2016), a produção do espaço pressupõe a atividade criadora do homem que se apropria e metamorfoseia a natureza em algo que lhe é utilitário. Sendo assim, o espaço torna-se obra e ao mesmo tempo o produto social originado do processo de materialização das condições de vida da humanidade.

Carlos (2016) escreve que as formas de apropriação produzidas pela modernidade e também pelo modo de produção latente passaram a se basear na propriedade privada e principalmente na busca do lucro.

No entanto, Carlos (2016) nos alerta:

O próprio espaço assume a condição de mercadoria como todos os produtos dessa sociedade. A produção do espaço se insere assim, na lógica da produção capitalista que transforma todo o produto dessa produção em mercadoria. A lógica do capital fez com que o uso (acesso necessário à realização da vida) fosse redefinido pelo valor de troca e, com isso, passasse a determinar os contornos e sentidos da apropriação do espaço, pelos membros desta sociedade (CARLOS, 2016, p. 64).

O espaço transformou-se num produto atrelado ao valor de troca, o que infere o processo de valorização como momento da reprodução continuada do capital, sob o baluarte da propriedade privada.

Grande parte das cidades mudam seu espaço social e espacial. Isso ocorre devido a vários fatores como: o crescimento da violência, problemas ambientais, crescimento urbano, surgimento de novos centros urbanos, bairros da periferia ou condomínio luxuosos, aumento da construção civil etc.

Villaça (2001) pontua que a segregação mais conhecida é o centro x periferia segundo esse modelo, as classes sociais mais ricas ficariam nas áreas mais centrais providas de infraestrutura e com maiores preços, e as classes pobres ficariam destinadas às periferias distantes e desprovidas de serviços e outros benefícios.

Contudo a localização das elites tende a ser uma área próxima ao centro com sistema urbano, onde os serviços e comércios se expandem em direção à área ocupada pelas classes mais altas. Vale salientar que os investimentos públicos também tendem a se concentrar nessas áreas, assim como os serviços públicos e edifícios administrativos.

Dessa forma, pode-se perceber que esse processo de segregação espacial é real nos nossos dias e cabe no ensino da Geografia oportunizar momentos para discussão, análise e entendimento da temática segregação espacial.

Para Cavalcanti (2008), o ensino da Geografia auxilia a formação do pensamento espacial dos alunos.

Autores como Corrêa (2016) e Vasconcelos (2016) conceituam segregação espacial como a manifestação das diferenças e disputas entre os seres que

desenvolvem o espaço urbano e a cidade. Estas diferenças são predominantemente vistos nos aspectos sociais e econômicos, porque esse espaço urbano é distribuído de forma diferente entre as classes sociais. Conhecer essa dinâmica é importante para a compreensão da estrutura sócio espacial desse mesmo espaço urbano.

De acordo com Maricato (1996), a segregação urbana:

Não é somente uma das faces mais importantes da exclusão social, mas parte ativa e importante dela. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos [...] somam-se menores oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. (MARICATO, 1996, p. 56).

Pode-se perceber a segregação espacial urbana pelas paisagens que são diferentes nos bairros residenciais, visto pelo padrão das construções. Essas paisagens, observadas nas fachadas, dão ideia da classe social de seus moradores.

Castells (2000) aponta que para chegar a essa conclusão não só pela observação do tipo de paisagem, mas também pela dificuldade de acesso a lugares importantes da cidade.

Dessa forma, conclui-se que não só é considerado segregação espacial urbana o local e paisagem do local, ou mesmo sua valorização, mas principalmente, as condições de segurança e acesso a locais significativos da cidade.

Assim, muitas vezes, a periferia de uma cidade pode estar próximo geograficamente, porém distante no que diz respeito à forma de vida no mesmo espaço urbano, distanciando cada vez mais as relações sociais entre pessoas de classes diferentes. Essa relação fica apenas estabelecida quando é preciso algum serviço de mão-de-obra das classes com poder aquisitivo maior.

Contudo, as grandes cidades não podem ser vistas como espaços desconectados, pois estaria acontecendo a fragmentação que é a segregação maior. Segundo Carlos (2006):

[...] enquanto produto da realização do projeto neoliberal capitalista aplicado de forma selvagem, através do aprofundamento da miséria com o pauperismo, a degradação das condições de vida, a precarização do trabalho; o desemprego em massa como o desenvolvimento do mundo da mercadoria traz como consequência a construção da ideia de cidadania vinculada ao consumo de bens e serviços e que faz da cultura um espetáculo que apoia a construção de uma identidade abstrata fundada no crescimento e poder do mundo das mercadorias. (CARLOS, 2006, p.86).

Esses processos acabam por estruturar os espaços urbanos demarcando sua paisagem geográfica pelas diferentes classes sociais e econômicas. Tem-se assim, no espaço das metrópoles as classes sociais de maior poder aquisitivo que são as incluídas e as de menor poder aquisitivo que são as excluídas.

Assim, há espaço destinado à moradia dos pobres e outro aos com maior poder aquisitivo, onde os condomínios oferecem espaços para lazer.

A segregação ocorre, de forma voluntária pelos que podem pagar pelos locais mais bem situados e caros da cidade, e involuntária pelas classes de menor poder aquisitivo. Esse segundo grupo deve expandir a urbanização e a metrópole, pois são expulsos das áreas mais caras da cidade por não poderem pagar por ela. Neste segundo grupo identificamos o processo de gentrificação destacado por Neil Smith (2006).

Todos esses fatores acabam pela fragmentação, segregação e conurbação em uma cidade de modo geral. Promovem a ocupação e construção que ocupam principalmente as áreas limítrofes entre os municípios. Essas construções podem ser condomínios de luxo ou construções para as classes menos favorecidas.

A má distribuição de renda e necessidades sociais reforça ainda mais a fragmentação e segregação da região, contribuindo para que os problemas aumentem.

Nesse sentido, Silvia e Rodrigues (2009) afirmam:

Historicamente, a riqueza concentrou-se nas áreas centrais das regiões metropolitanas. Com efeito, nestas áreas sempre ocorreu uma forte pressão pela sua ocupação como condição de acesso à renda para amplos segmentos da sociedade, inclusive de trabalhadores subempregados – resultando no crescimento da ocupação precária, informal e transitória, especialmente no setor de serviços, em geral, e, em especial, nos serviços pessoais, ao lado da crise da mobilidade urbana e do colapso das formas de provisão de moradia. Nesse contexto, presenciamos uma situação em que a segmentação do mercado de trabalho, imobilidade urbana e ausência de políticas efetivas de provisão de moradia geram a segmentação socioterritorial das metrópoles [...]. Ao mesmo tempo, nestas também ocorreu uma expressiva concentração de camadas sociais de maior rendimento, mesmo que isoladas social ou espacialmente. (SILVIA e RODRIGUES, 2010, p.14).

A dinâmica de uma metrópole e toda a região que a envolve mostra

contradição que pertencem a sociedade e sua atuação, modo de locomover e tipos de moradia das pessoas pertencentes a esse espaço urbano. A análise geográfica do processo que forma esse espaço urbano é importante, porque é um exercício de cidadania.

Cavalcanti (2008) afirma que a Geografia escolar (e científica) deve discutir, analisar e entender os espaços urbanos para que se compreenda a cidade contemporânea e a fragmentação dos territórios sob a perspectiva geográfica pelos alunos. A participação do aluno e do professor nesse processo de ensino-aprendizagem é fundamental. O professor deve ser o mediador entre o aluno e o objeto do conhecimento, sendo o aluno o construtor dessa nova aprendizagem a partir da bagagem intelectual, afetiva e social trazida pelo aluno. A aprendizagem do pensar geográfico deve ser feita por meio de conceitos gerais e estruturantes do espaço geográfico (natureza, lugar, paisagem, região e território), ou específicos onde encontramos a segregação espacial.

Dessa forma, ao se apropriarem do conceito de segregação, os alunos passam a ter uma visão mais ampla da realidade espacial que os cerca e dos que estão longe da sua vivência. O aluno coloca-se como parte desse processo, havendo uma maior conscientização das grandes disparidades existentes.

Para Alvarez (2015) a segregação urbana é um assunto que nos remete a uma reflexão sobre o processo de produção da cidade, constituindo-se como parte fundamental da produção do espaço urbano capitalista.

Alvarez (2015) ainda aponta que nos últimos anos, as cidades vivenciam transformações demonstrando um caráter capitalista, marcado pelo *boom* imobiliário. Algumas dessas transformações são notadas na construção de áreas industriais e portuárias, projetos de revitalização de centros urbanos, prolongamento de área urbanizada, e principalmente o adensamento da verticalização.

Por conseguinte, essas transformações nos possibilitam a compreensão do espaço geográfico como um produto histórico e social, produto este, advindo da condição de práticas e relações sociais caracterizadas também, como relações espaciais ao considerar fatores como o uso e apropriação desse espaço.

As reflexões de Alvarez (2015) nos levam a pensar na segregação urbana como algo de cunho capitalista, baseado na propriedade privada e sua consequente valorização do capital e reprodução social:

A paisagem urbana revela desigualdades que são sócioespaciais, porque fundamentadas num processo contraditório de produção social do espaço, no qual a valorização/circulação de capitais de diferentes níveis (locais, regionais e globais) pressupõe a produção da cidade (da metrópole, do urbano) como condição e meio de sua própria realização, o que implica a adoção de estratégias e alianças (no plano econômico e político). (ALVAREZ, 2015, p. 113).

Fatores como globalização, mudanças na economia, migrações nacionais e internacionais e movimentos sociais são fatores que modificaram as formas das cidades, originando novas desigualdades, no entanto sem eliminar os conflitos raciais, religiosos e políticos existentes.

Podemos dizer que não há espaços homogêneos na escala das cidades, como, por exemplo, as favelas das cidades brasileiras que apresentam enorme diferenciação sócio espacial, resultante de vários processos, como o de colonização, ou de desigualdades originárias do passado escravocrata.

Em qualquer tipo de sociedade, o espaço urbano encontra suas características no que diz respeito à gênese e dinâmica econômica e social e até mesmo na paisagem e arranjo espacial.

É a partir da segregação que surgem inúmeras atividades econômicas espacialmente diferenciadas como centros comerciais e também áreas industriais e este último pode formar bairros operários.

Sposito (apud Vasconcelos, 2016) aponta uma importante marca do processo de estruturação do espaço urbano, uma nova leitura do papel do centro das cidades. Em tempos pretéritos e com o desenvolvimento do modo capitalista de produção, as cidades se articulavam em várias escalas em torno de um centro municipal.

Pode-se dizer que a implantação de sistemas de transporte urbano, inicialmente por trilhos (bonde e trens suburbanos seguidos pelo metrô) e depois, sobretudo, o de matriz automotiva (ônibus, carros, caminhões, motos, etc.) que fizeram surgir condições técnicas e funcionais para uma cidade mais expandida.

As múltiplas “áreas centrais” da cidade, compreendidas como aquelas em que se concentram atividades comerciais e de serviços, podem, ao contrário, ser empiricamente apreendidas, de modo muito mais direto; por isso, trabalhamos nelas, passeamos por suas vias, sentamos em suas praças, participamos de atividades de múltiplas naturezas que nelas se realizam. As áreas centrais são, assim, espaços que ancoram a constituição de centralidades, mas não são a mesma coisa que elas. (SPOSITO apud VASCONCELOS, 2016, p. 73).

Vasconcelos (2016) usa a expressão policentralidade para se referir as dinâmicas do aparecimento de subcentros e de eixos comerciais e de serviços especializados fora do centro tradicional. Corroboram com esta afirmação os hipermercados modernos de grandes grupos do setor, shopping centers, centros especializados de grande porte (de negócios, de serviços médico-hospitalares, de férias, de festas etc).

Essas grandes superfícies comerciais e de serviços planejadas, construídas e ocupadas, tem como objetivo, expandir a centralidade que um ponto ou área já exerce na cidade em escala bem menor, ou, em grande parte dos casos, a escolha de área de preço baixo no mercado, para multiplicá-lo, em função da centralidade que lhe exercerá, a partir do momento em que o empreendimento se inaugurar. Trata-se, portanto de uma produção do espaço urbano não resulta da história de uma cidade, no decorrer da média ou longa duração, mas que a redefine como resultado de ações deliberadas, planejadas e intencionais, pensadas por um pequeno grupo de interessados nelas. Provocam mudanças profundas num interregno de tempo curto, recompõem a história da estruturação espacial de uma cidade, a partir de ação de grande impacto (VASCONCELOS, 2016, p. 75).

O autor ainda aponta algumas considerações sobre a segregação sócio espacial, a partir de uma análise de que é a classe de renda mais privilegiada que produz, consome e manipula o espaço urbano. Sendo assim, conclui-se que o aspecto econômico sobrepõe todos os outros tipos de segregação. Portanto, a segregação não é somente um fator de divisão social no espaço urbano, mas também um instrumento de controle desse espaço.

Ao se falar em urbano, por meio da organização espacial das classes sociais, Vasconcelos (2016) aborda vários problemas de ordem social, política e econômica. Destacando alguns destes problemas como: pobreza, violência, degradação ambiental e social, desemprego, falta de moradia, favelização, insuficiência de transporte, entre outros.

Vasconcelos (2016) relata a dificuldade da sociedade contemporânea em face da questão habitacional em busca de um entendimento sobre a produção e a separação entre as classes sociais nas cidades, e esta separação não está relacionada apenas ao espacial, mas também ao social. A cidade se torna cada vez mais um lugar de atuação dos agentes de produção do espaço, refletindo sua arquitetura, sua organização e relações sociais, expressando assim a segregação

residencial da cidade.

Castells (apud Negri, 2008) aponta que:

A segregação social visa, portanto, a reprodução das forças de trabalho, sendo estes processos que são sempre interligados e articulados como a estrutura social. Assim, a cidade torna-se expressão materializada da atuação da sociedade no espaço geográfico, através de um ambiente físico construído. (CASTELLS apud NEGRI, 2008 p. 130).

Pode-se perceber, então, que é por meio da segregação sócio espacial, que a classe alta manipula e produz o espaço urbano de acordo com os seus interesses. Greenstein, Sabatini e Smolka (apud Vazquez, 2011) relatam que:

A segregação espacial urbana na América Latina está centrada em questões socioeconômicas, enquanto que a segregação espacial dos Estados Unidos está focada na predominância de questões raciais e étnicas. (VAZQUEZ, 2011, p. 71).

Na visão de Corrêa (2016) a segregação residencial está ligada a concentração no espaço urbano das classes sociais. O autor afirma ainda que a segregação residencial tem três vertentes: a autosegregação, a segregação imposta e a segregação induzida. Para o autor, todas essas segregações têm um ponto em comum que é a política de classe, a qual gera os tipos de segregações.

Segundo a definição de Corrêa:

A autosegregação é uma política de classe associada à elite e aos estratos superiores da classe média, dotados de elevada renda monetária. A autosegregação visa reforçar diferenciais de existência e de condições de reprodução desses grupos por intermédio da escolha das melhores localizações no espaço urbano, tornando-as exclusivas em razão dos elevados preços da terra urbana e de suas amplas e confortáveis habitações. (CORRÊA, 2016, p. 43).

Para ele, as áreas autosegregadas oferecem aos seus habitantes segurança e status, por serem consideradas áreas nobres pertencentes a um grupo autosegregado com condições de criar e influenciar leis de exclusividade do uso do solo, tornando-o obstativo aos grupos sociais subalternos.

Quanto à segregação imposta, Corrêa (2016) conclui que é resultante da política das classes autosegregadas que detêm o poder e controla o meios de produção, e que são esses que impõem aos outros onde residirem, sem possibilidades de escolha do local e do tipo de habitação.

Por fim Corrêa (2016) define a segregação induzida, àqueles que de uma forma ou outra possuem escolhas possíveis de habitação dentro dos limites estabelecidos pelo mercado imobiliário:

Condomínios exclusivos e ruas protegidas, com amplas e confortáveis residências em ambiente limpo, seguro e com abundante vegetação, fazem parte da paisagem das áreas autosegregadas. Favelas, cortiços, modestas ou precárias moradias construídas no sistema de autoconstrução e conjuntos habitacionais, muitos dos quais recentes e já deteriorados, localizados, sobretudo, na periferia ou em áreas de risco ou já caracterizadas pela obsolência, com precária ou nenhuma infraestrutura urbana, sujas e inseguras, compõe a paisagem das áreas de segregação imposta. As áreas de segregação induzida, por outro lado, apresentam ampla variação no que diz respeito à qualidade de habitação e do ambiente. Nessas áreas o grau de homogeneidade social é menor do que aquele nas áreas de autosegregação e de segregação imposta (CORRÊA, 2016, p.44).

Alvarez (2015) afirma que as transformações do espaço metropolitano se revelam no cotidiano e na deteriorização dos espaços públicos, intensificando a segregação sócio espacial. Segregação essa que se evidencia na desigualdade (diferenciação dos acessos ao urbano e à vida em sociedade).

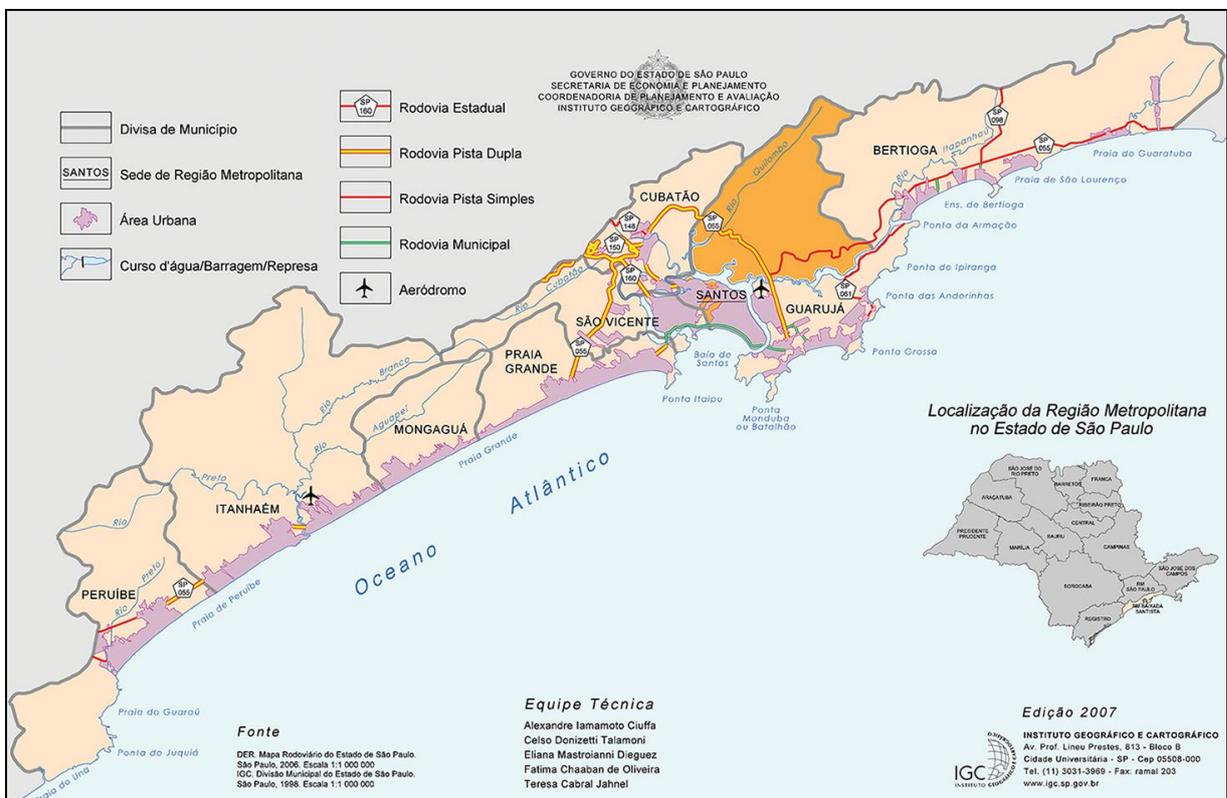
Sob o capitalismo, o pressuposto é a desigualdade expressa na concentração da riqueza nas mãos de uma classe e materializa-se no espaço tornando mercadoria, no qual o valor de troca ganha centralidade, definindo o lugar de cada cidadão na hierarquia socioespacial. (ALVAREZ, 2015, p. 60).

A segregação, ainda na visão de Alvarez (2015), surge e se revela na vida cotidiana: na insatisfação das necessidades nunca atendidas, na intolerância das classes sociais diferenciadas, das injustiças na distribuição da riqueza social etc.

2.4 Santos: localização privilegiada

A Baixada Santista possui uma situação geográfica privilegiada devido a sua proximidade com a cidade de São Paulo, capital do Estado, e contempla o principal porto da América Latina, o Porto de Santos, além de acolher um importante centro industrial no município de Cubatão. A localização estratégica de Santos, representada na figura 3, associada a sua infraestrutura torna a região atrativa para diferentes investimentos, sendo a economia determinante historicamente para o destino do seu espaço.

Figura 3 - Mapa dos municípios da Baixada Santista



Fonte: www.sp-turismo.com/mapas/baixada-santista.htm

O espaço urbano de Santos já se encontra saturado, portanto é natural que as soluções encontradas pelo mercado imobiliário são continuar ofertando projetos verticalizados, mas não se deve deixar de avaliar o impacto ambiental e social causado por essa verticalização.

Martins (2013) afirma que as ações realizadas no espaço urbano no município de Santos, a de maior destaque é a atuação das construtoras imobiliárias com empreendimentos verticais. A autora cita ainda que essa atuação é verificada principalmente na orla marítima, mas isso ocorre também em áreas mais próximas ao centro de Santos. Entretanto, os apartamentos apresentam um custo elevado, atendendo a interesses de uma parcela elitizada da população santista.

De acordo com Vazquez (2011), a mudança nas atividades residenciais de Santos encontra sua justificativa na supervalorização dos imóveis, que ocorrem, sobretudo, na orla e em áreas do seu entorno. Vazquez (2011) afirma ainda que a população com renda média adquire imóveis de menor valor em regiões mais afastadas da orla, e dependendo dos valores, mudam para cidades vizinhas de Santos. E quanto às famílias de baixa renda essas procuram moradia nas encostas dos morros, Zona Noroeste e em bairros onde o Estado oferece programas habitacionais.

Em sua obra “A questão urbana na Baixada Santista”, Daniel Arias Vazquez (2011) chama a atenção do leitor com relação as questões ambientais negativas no município de Santos decorrentes da verticalização, mas destaca também que a área urbana da cidade já se encontra saturada, sendo natural que as soluções residenciais sejam projetos verticalizados.

Embora a verticalização por si só não produza necessariamente impactos negativos, é inegável que, em uma cidade já por demais verticalizada e adensada, o incremento da verticalização produza impactos negativos. Isso é mais perceptível em logradouros estreitos, em que a incidência da luz solar é mais deficiente e a ventilação mais obstaculizada. (VAZQUEZ, 2011, p. 147)

Algumas torres residenciais edificadas nos trazem um novo risco ambiental e de segurança permitido pela regra de uso do solo vigente: a construção de dois ou três pavimentos de subsolo, certamente atinge negativamente a dinâmica do lençol freático em torno da obra e implica no aumento do consumo de energia elétrica, devido ao bombeamento constante da água do subsolo e a possibilidade maior de acidentes em face às mudanças climáticas previstas para este século.

Na execução dessas obras, a técnica empregada é extremamente impactante, acarretando a ocorrência de danos nos imóveis vizinhos, por problemas

de execução de rebaixamento do lençol freático e também por fundações profundas.

Esses impactos podem ser notados na supressão da arborização produzida em alguns empreendimentos, devido ao número de acessos de garagens, que geralmente é igual ou superior a dois acessos. Outro fator significativo é o acesso dos veículos às garagens que acabam por diminuir o número de vagas de estacionamento nas vias públicas o qual vem se acentuando.

3 O JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO

3.1 A importância do jornal na sala de aula

Esta pesquisa traz um panorama das mudanças do espaço geográfico de Santos devido as construções civis e seus impactos ambientais e sociais, tendo como principal proposta levar essa questão para a sala de aula usando como fonte de pesquisa a linguagem jornalística da publicação “A tribuna”.

O jornal pode desenvolver a criticidade de alguns alunos pois nem sempre as informações contidas na matérias conduzem a um conhecimento estruturado. Além disso oportuniza, quando atinge os objetivos da aprendizagem, a contextualização e a dinâmica das aulas.

Levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo. Dessa forma, os jornais se tornam boas alternativas para a ligação entre a escola e o dia a dia dos alunos. (FARIA, 2006, p.11)

O jornal impresso como uma maneira informal de cultura permanece por anos, podendo ser utilizadas as informações sobre fotos, legendas e notícias para aprimoramento da escrita e da leitura na escola, disseminando ideias e construindo significados. Ao utilizar o jornal na escola contribui-se para a formação leitora do aluno, colocando os mesmos em um debate mais amplo sobre ética, cidadania e valores. Acredito que a reflexão crítica surge espontaneamente, mas a escola precisa fazer a ponte com os jornais no intuito primeiramente de induzir o pensamento crítico e depois a aprendizagem a qual se prolonga fora da escola.

Pavani (2002) ressalta:

O objetivo geral da proposta não era outro senão o de levar os jovens não apenas a ler e a escrever, mas a buscar no jornal soluções e estímulos para a construção de apenas a ler um pensamento crítico, capacitando-os a encontrar soluções para os problemas que enfrentam. (PAVANI, 2002, p. 32).

Pretende-se com que os alunos não sejam passivos frente aos problemas

sociais ou culturais do meio em que vivem, mas tornam-se seres reflexivos e atuantes.

Quando utilizamos o jornal de maneira crítica em sala de aula, podemos fazê-lo trazendo questões polêmicas da nossa cidade, as quais podem ser discutidas e politizadas na classe, independente da matéria publicada.

Usar o jornal na sala de aula é complementar a educação com uma nova metodologia de aprendizagem e de conhecimento num país em que o letramento é tão fundamental quanto à alfabetização.

A intenção do uso do jornal durante a aula de Geografia tem com o objetivo fazer o aluno analisar, compreender, interpretar e principalmente desenvolver o senso crítico. Para desenvolver essas habilidades e competências o aluno deverá, durante a atividade com o jornal:

- a) Identificar as informações básicas da matéria do jornal;
- b) Saber localizar no espaço geográfico o que está descrito no jornal, bem como o lugar onde a reportagem se refere;
- c) Entender que o jornal pode ser uma importante ferramenta de pesquisa, quando utilizado de forma crítica.

3.2 Atividades desenvolvidas com jornal em sala de aula

As atividades com o jornal na sala de aula foram desenvolvidas da seguinte maneira: após a formação de grupos dos alunos, foram distribuídas as matérias jornalísticas, seguidas de um questionário:

- a) Qual a data da notícia?
- b) Qual o título?
- c) Tem alguma imagem?
- d) Qual o assunto da matéria?

O resultado foi registrado e apresentado a opinião do grupo.

Através da leitura desses escritos foi possível avaliar se os alunos compreenderam a notícia e se expressaram de forma crítica ao redigir o texto.

Com essa atividade, foi oportunizado aos alunos o acesso ao recurso jornal, como um despertar do interesse de ler conhecendo a realidade local e a demonstração de atitudes cidadãs também expressadas na escrita.

Na figura abaixo retratamos o jornal local “A Tribuna”, utilizado para a realização da atividade que teve duração de três aulas de quarenta e cinco minutos cada.

Figura 4 - Atividade com jornal local



Fonte: Amieiro (2018)

Pretende-se que o aluno dialogue com as informações recebidas, via leitura crítica da transformação do espaço geográfico da qual ele pertence e que desenvolva a habilidade de perceber o quanto é impactante a verticalização na cidade de Santos.

Os jovens têm grandes dificuldades com a leitura jornalística impressa, isso foi observado ao ser utilizado o jornal nas salas de aula. A proposta deste projeto é trazer para o espaço escolar um pouco do cotidiano do aluno com a sua cidade, fazendo-o refletir sobre essa vivência, a fim de que perceba as mudanças no espaço geográfico.

Fomenta-se que o aluno construa um saber geográfico, por meio do jornal

local, para a realização de uma leitura crítica necessária sobre o espaço geográfico ao qual pertence. Dessa forma, o aluno desenvolve não só a conscientização do espaço em que vive, mas se faz pertencente e responsável nessa sociedade.

Marcondes (2000) afirma que ler é dialogar com o texto, no sentido mais amplo possível, é também elaborar questões procedentes sobre a informação que se recebe.

Sendo assim, as informações contidas em uma reportagem devem ser questionadas, ou seja, o ensino pode se basear no interesse e na necessidade do aluno, na motivação quanto à dúvida e ao questionamento a partir de experiências sociais. Ler o que circula socialmente é, portanto, atuar na sociedade, participando e não se limitando a pequenos textos em sala de aula.

Marcondes afirma,

Ler textos que circulam socialmente é também agir como cidadão, ou seja, é responder a perguntas que devem ser feitas pelos leitores, buscar respostas para elas, isto é, interagir socialmente, pois a leitura não para na esfera da compreensão, vai muito além, uma vez que tem consequências sociais imediatas. Nesse sentido, vale dizer que ler o que circula socialmente é também agir socialmente. (MARCONDES, 2000, p.13).

Ao se trabalhar a leitura de texto com os alunos, pretende-se a compreensão, a interpretação e a produção de textos críticos e geográficos. A escola tem a responsabilidade de oportunizar esse aluno à leitura de textos geográficos, principalmente local com discussões em sala de aula sobre os efeitos sociais da construção civil em Santos no seu cotidiano.

Os estudantes precisam desenvolver o hábito de identificar nos textos jornalísticos as marcas de manipulação e dos interesses capitalistas por trás do surgimento de um novo empreendimento imobiliário na cidade da qual fazem parte. O importante é que o aluno conheça as publicações como leitor crítico.

Muitas vezes a escola é a oportunidade do jovem estar em contato com o jornal, pois esta fonte de pesquisa está presente em quase todas elas, propiciando de forma diversificada e interativa o mundo da leitura textual e imagética. Este tipo de leitura pode contribuir para a sua forma crítica de pensar e agir dentro da sua realidade.

A leitura do jornal em sala de aula pode proporcionar aos alunos um vasto conhecimento cultural e social, tornando sua prática uma atividade significativa.

A utilização de jornais em sala de aula não é um fato contemporâneo. No ano de 1930 o uso do jornal já ocorria nas escolas. O educador Anísio Teixeira destacava que a utilização do jornal em sala de aula poderia ser enriquecedora para o aluno.

Atualmente a leitura do jornal pode modificar a perspectiva dos alunos que o usam com a finalidade de compreender melhor o conteúdo escrito e também aperfeiçoar a capacidade de desenvolver o senso crítico e de descobrir outras visões de mundo, na construção de significados e de identidades sociais. Salientamos que, uma das maneiras de estimular a formação do cidadão crítico é fazer com que o aluno participe ativamente na história ao qual pertence.

Pontual (1999) acredita que ao lermos uma matéria no jornal estamos olhando um pouco para nós mesmos e pertencendo a algumas notícias.

Acreditamos que por meio da leitura de jornais o aluno possa desenvolver um pensamento crítico, principalmente de assuntos pertinentes a sua cidade, ao seu bairro e até mesmo da sua rua, focalizando a leitura de textos jornalísticos como fonte também de informação dos quais evidenciam aspectos da realidade.

Como recurso pedagógico podemos perceber que quando se trabalha com jornal isto pode trazer subsídio enriquecedor a aprendizagem em sala de aula. O professor ao usar o jornal de maneira planejada consegue reconstruir uma concepção de mundo e instigar o senso crítico no seu aluno.

Pensando pedagogicamente ao nos apropriarmos do jornal devemos ter um olhar de que este recurso pedagógico é um serviço de utilidade pública, pois é um meio de comunicação onde são veiculadas informações úteis para a formação de opinião do público leitor. Não há dúvidas que o jornal é um recurso pedagógico que estimula a leitura e também a escrita, o jornal possui múltiplas facetas ao se trabalhar a criatividade do aluno, a interdisciplinaridade e contudo pode-se trabalhar também a educação e a preservação do meio ambiente, agregando conhecimento em Biologia e Geografia. (LOPES, 1989, p.12).

Nas figuras de 5 a 10, a seguir, podemos observar os alunos desenvolvendo atividades com o jornal em sala de aula.

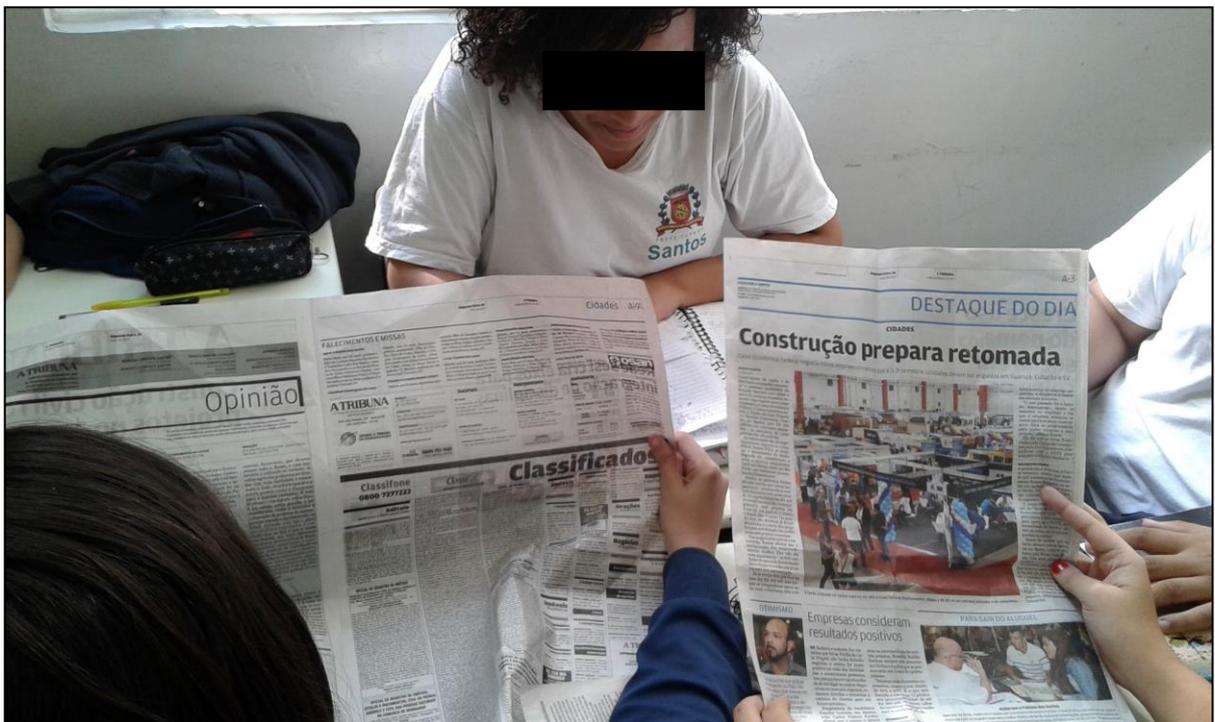
Durante o período de realização da matrícula, os pais assinaram um termo autorizando a utilização da imagem de seus filhos para fins pedagógicos. Mesmo assim, no intuito de preservar a identidade dos alunos, por serem menores de idade, optei pela colocação das “tarjas pretas” em seus rostos.

Figura 5 - Formação de grupos para atividade com jornal



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 6 - Distribuição das matérias



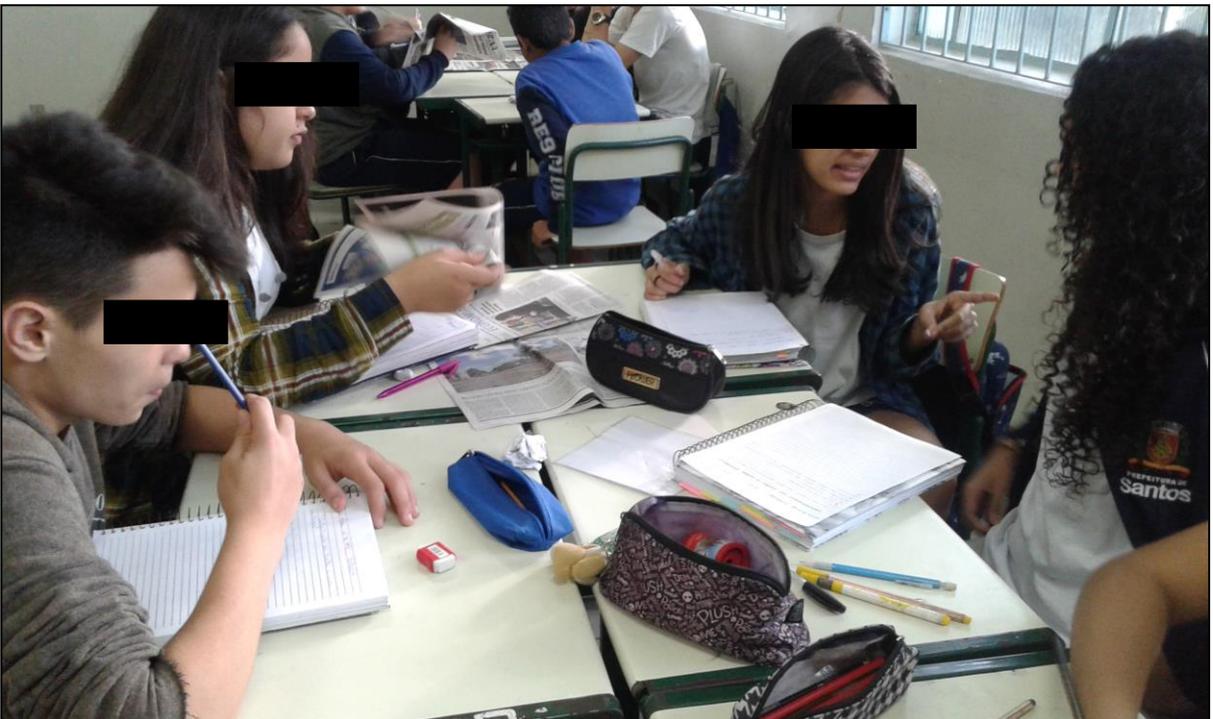
Fonte: Amieiro (2018)

Figura 7 - Identificando as informações básicas da matéria do jornal



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 8 - Resposta aos questionamentos com escrita coletiva (I)



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 9 - Resposta aos questionamentos com escrita coletiva (II)



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 10 - O jornal como importante ferramenta de pesquisa



Fonte: Amieiro (2018)

A leitura crítica do jornal teve como objetivo fazer com que os alunos debatesses em grupo as informações recebidas, como a observação da transformação do espaço geográfico ao qual ele pertence, para desenvolver a capacidade de perceber o quanto é impactante a verticalização na cidade em que vivem, analisando seus impactos positivos e negativos, finalizando com uma produção textual.

Após a realização deste trabalho os alunos elencaram os impactos positivos e os impactos negativos da verticalização em Santos havendo no final do trabalho o compartilhamento dos pontos elencados de cada grupo aos demais colegas da classe.

Quadro 1 - Impactos positivos e negativos da verticalização	
Impactos Positivos	Impactos Negativos
Concentração de investimentos	Privilégio a uma única faixa de renda
Geração de emprego e renda	Custo elevado dos imóveis
Desenvolvimento da construção civil	Crise no espaço público
Financiamento de imóveis	Concentração e especulação de capital
Aquecimento do mercado imobiliário	Formação de ilhas de calor
Aproveitamento do espaço físico	Colapso nos sistemas de abastecimento de água, energia e rede de esgotos.
Maior segurança aos moradores	

Fonte: Amieiro (2018)

3.3 A fotografia aérea

A fotografia aérea, assim como o mapa, também é uma fonte de pesquisa que pode ser utilizada para complementar a linguagem do jornal. Acreditamos assim, poder auxiliar o aluno a construir os seus conceitos teóricos, geográficos e também trabalhar a questão territorial, definida por um conteúdo político e de limite.

Ao se trabalhar com um conjunto de fotos aéreas tiradas ao longo dos anos, pretende-se utilizar este instrumento para analisar, interpretar e conhecer os processos de mudanças ocorridas em um determinado espaço geográfico. Objetiva-

se aproximar o aluno a uma análise espacial da cartografia por meio do uso de mapas, da fundamentação conceitual e além de tudo, dar um verdadeiro suporte ao aluno na aprendizagem de conteúdos cartográficos.

Por intermédio das fotografias aéreas conseguimos ter uma noção do uso espacial de nossa cidade, como por exemplo: o adensamento das áreas construídas, das áreas verdes ainda existentes e dos terrenos vazios. Elas permitem uma interpretação geográfica e a formulação de ideias a partir de saberes sobre como a sociedade e a natureza se organizam no plano espacial. Ao interpretar uma foto aérea espera-se que o aluno construa um conhecimento escolar que transcorra pelo conhecimento científico e cotidiano. Além disso podemos trabalhar a transformação sofrida neste espaço urbano a partir de intervenções do homem e suas consequências percebidas na paisagem.

A figura 11 mostra uma imagem aérea de Santos, cedida pelo fotógrafo Sérgio Furtado, destacando a área insular.

Figura 11 - Foto aérea da Ponta da Praia (Santos/SP) - tomada fotográfica em visão oblíqua



Fonte: Fotógrafo Sérgio Furtado (acervo).

4 ENSINAR SOBRE A CIDADE

4.1 Problematizar, sistematizar, sintetizar e significar: ensinando sobre a cidade

Na visão de Portela (2017), a cidade, a escola e mesmo a sala de aula se difere uma das outras, devendo haver mudanças na prática educativa no ensino de Geografia. A compreensão de mundo sobre o olhar da cidade em que os alunos vivem desenvolve um pensamento geográfico, para uma melhor adaptação social.

Para isso, é preciso ter um olhar para a metodologia de Cavalcanti (2014) que dá enfoque para o ensino da Geografia, que problematize, sistematize, sintetize e finalmente signifique, sendo importante para a vida do aluno.

O estudo da Geografia na escola pode servir para a construção de um projeto de cidadania. Procura-se mostrar aos alunos o entendimento de seu lugar além da perspectiva do local onde vivem. O exercício do direito e do consumo cidadão pode ser obtido por meio do conhecimento geográfico, compreendendo sua importância como sujeito ativo da sociedade em que vive.

Para Cavalcanti (2014) a cidade é composta pelos modos de vida das pessoas, as imagens, os territórios e tudo o que envolve o conceito de cidade como: aglomeração, sítio, drenagem, espaços públicos/privado/simbólicos, os movimentos da sociedade e mesmo as práticas dos cidadãos.

É preciso considerar conhecimentos prévios e os espaços das cidades para realmente problematizar, sistematizar, sintetizar e significar, obter um ensino não apenas linear, sendo o professor um mediador no processo da aprendizagem.

Nesse processo de mediação, o professor pode interrogar sobre as práticas das pessoas nas paisagens e conversar sobre os problemas urbanos, conhecendo assim, alguns conceitos que serão discutidos de maneira a atender a temática estudada produzindo narrativas e conhecendo os lugares em que os alunos vivem por meio de mapas e representações das falas dos alunos.

A problematização deve partir do cotidiano dos alunos respondendo onde e como vivem assim como o que fazem no seu dia-a-dia.

Cavalcanti (2014) propõe a identificação das paisagens, as identidades e os lugares, que são importantes para os problemas ligados ao espaço urbano e a

identificação de alguns aspectos sobre a qualidade de vida social, ambiental e coletiva, e que essa sistematização dos conteúdos científicos seja adequada às salas de aula.

Da mesma forma, os conceitos e discussões devem estar ligados ao tema: a formação das grandes cidades; o clima; o saneamento; a poluição ou mesmo as áreas verdes dos ambientes urbanos; a bacia hidrográfica; alguns espaços públicos ou privados; as atividades sociais e territoriais são alguns exemplos.

Para sintetizar, é possível a produção de descrições feitas pelos alunos agregando os conteúdos geográficos apreendidos com a utilização de gráficos e mapas que possam servir para a sintetização do estudo.

A significação, ainda de acordo com Cavalcanti (2014), é conseguida por meio dos conhecimentos científicos adquiridos para a sua vida cotidiana mostrando que esse aluno faz parte desta sociedade e como cidadão precisa fazer a diferença. Só assim, a aprendizagem da Geografia fará sentido para a vida pessoal e social do educando. Nesse momento, uma reflexão sobre os conhecimentos científicos que foram trabalhados, a síntese do que foi realmente aprendido e como será aplicado na vida desses alunos como cidadãos pertencentes a uma sociedade.

A socialização dos conhecimentos geográficos adquiridos pode ser o significar, onde os alunos podem dar opiniões a partir dos conceitos trabalhados, além de suas ações cidadãs críticas. Essas reflexões e ações devem ultrapassar os muros da escola, onde os alunos vejam o espaço em que vivem sob a perspectiva geográfica, com a preocupação social. Ou seja, significar é colocar em prática a cidadania.

Segundo Cavalcanti (2008) o ensino da Geografia é importante sob o olhar da cidade quando coloca que:

O ensino de Geografia possibilita formar cidadãos, para que conheçam, de fato, a cidade em que vivem; para que compreendam essa cidade como um espaço produzido por meio de projetos sociais e políticos determinados; para que vejam sua participação nessa produção como algo viável, desejável, que pode de fato contribuir para a garantia de melhor vida coletiva possível. (CAVALCANTI, 2008, p.152-153)

Assim, ensinar o aluno a olhar geograficamente seu espaço físico é oportunizar uma nova perspectiva de vida e de sociedade, onde ele não só aprenda

conceitos, mas torne-se um cidadão crítico e atuante dessa sociedade.

Para se conseguir a problematização, sistematização, sintetização e significação do ensino da Geografia, é preciso elaborar várias propostas pedagógicas com objetivos que sirvam para a vida do aluno.

Ensinar a Geografia, acerca da cidade, é apenas um passo para que se pense nesse espaço sob a perspectiva das pessoas que nele vive. É preciso, ter a consciência de ensinar a Geografia da cidade de maneira crítica e ativa, com preocupação formadora do educando na construção do seu pensamento. Os professores necessitam refletir suas práticas e fazer adequações de acordo com a realidade de cada grupo.

Deve-se ter a intenção de pautar o ensino da Geografia sob o olhar das práticas sociais, com o entendimento da espacialidade do que se está estudando, no caso a cidade de Santos. Afinal, o aluno é um ser em formação e atividades de todas as disciplinas precisam fazer a diferença em suas vidas. Assim o estudo da Geografia deve servir como um facilitador para a aprendizagem de conhecimentos cotidianos e científicos.

Esse estudo só terá valor na vida dos alunos se lhes forem dados a oportunidade de se expressarem sobre suas vidas, as dificuldades que encontram, suas perspectivas e tudo que faz parte dessa realidade. Mesmo numa mesma cidade, há realidades diferentes de acordo com cada bairro.

O ensino da Geografia quando se apropria dos saberes dos alunos, estimula-os para o conhecimento da realidade local, tornando-os cidadãos proativos. A proposta aqui apresentada, busca um ensino geográfico reflexivo da realidade em que vivem, para que a formação dos alunos seja integral.

4.2 Refletindo o ensino de geografia sobre a cidade

Na visão de Lefebvre (2006), a cidade se revela em uma morfologia material, enquanto que o urbano manifesta-se em uma morfologia social e que tanto um como outro só podem existir se forem entendidos de forma plena.

Corroborando com essa reflexão, Sposito (1996) explica a cidade da seguinte forma: o urbano como um processo, que para ser compreendido é preciso conhecer o passado e as ações ocorridas que transformaram, destruíram e mesmo que

reconstruíram seu espaço no decorrer do tempo pela ação social.

[...] a cidade, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico e por outro lado o “urbano”, realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas e reconstruídas pelo pensamento. Todavia, essa distinção se revela perigosa e a denominação proposta não é manejada sem riscos. O urbano assim designado parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material [...] “o urbano” não pode dispensar uma base prático-sensível, uma morfologia. (LEFEBVRE, 2006, p.49).

Em resumo, a cidade é historicamente social, representada pela forma de apropriação do urbano e também de atividades produtivas, de ações políticas, econômicas e sociais. É na cidade que está o cotidiano das pessoas quer residindo nela ou não, faz parte da vida de todos, inclusive os alunos.

Os conteúdos sociais de Geografia proporcionam aos alunos uma significativa aprendizagem caso faça parte de sua realidade.

Na visão de Cavalcanti (2008) não existe aprendizagem significativa quando ensinamos apenas o conceito ao aluno e cita ainda a importância do professor como mediador desse processo, onde desenvolve estratégias didáticas que auxiliam os alunos na construção conceitual. No entanto, o cotidiano escolar revela que muitos estudantes terminam o ensino regular sem se apropriarem dos conceitos geográficos, fazendo com que a sua formação e exercício da cidadania fiquem comprometidos.

Ao abordar didaticamente a cidade e o urbano estamos dando enfoque a vários conteúdos geográficos, como a expansão do capitalismo, a função das cidades, o avanço da tecnologia e a apropriação desigual dos espaços.

Uma aprendizagem que envolva espaços não formais como o bairro, a praia, a praça ou o entorno da escola, visa uma didática que valoriza o cotidiano do educando, envolvendo-o nas atividades escolares com um maior empenho.

Os recursos imagéticos estimulam a apropriação de uma linguagem não verbal, sendo possível o uso do trajeto de casa para a escola, ou o conhecimento da história do seu bairro ou até mesmo a utilização de pesquisas sobre as transformações ocorridas na cidade.

Na educação geográfica, estudar a cidade contribui decididamente para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares e nela se reconheçam. Eles passam a compreender que a vida em sociedade é dinâmica e que o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações, o que implica, de certa maneira, em alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares. (CASTROGIOVANNI, 2009, p.88 e 89).

Contudo, o estudo da cidade é importante na formação dos conceitos de identidade e lugar, no reconhecimento de que somos sujeitos da história, nas relações sociais e também nos costumes que explicam nossa identidade cultural. Em suma, é preciso desenvolver uma didática que provoque o aluno, partindo de sua experiência pessoal a se interessar em compreender a cidade em que reside, seu significado social, seu passado, presente e as competências de seu futuro.

5 A VERTICALIZAÇÃO EM SANTOS

A partir da segunda metade do século XX, um novo modelo de urbanização passa a ser adotado nas cidades brasileiras, a verticalização. Trata-se de um processo urbanístico, que ocorre principalmente nas grandes cidades, que consiste na construção de grandes e inúmeros edifícios em detrimento de casas térreas.

Este modelo surge através do uso de novas tecnologias que são diretamente aplicadas na construção civil (como o concreto armado e o elevador), possibilitando um maior aproveitamento do espaço.

Na cidade de Santos, este novo modelo urbanístico toma forma a partir de 1940 atingindo seu ápice entre 1950 e 1970, período em que a paisagem urbana da cidade se transforma intensamente, principalmente na região da Orla da Praia.

Isso transformou a cidade de Santos ao longo do tempo no município brasileiro com o maior índice de verticalização, com 63%, seguida por Balneário Camboriú/SC com 57% e Porto Alegre/RS com 47%. Esse índice é equivalente ao percentual de imóveis do tipo apartamento ocupado, ou seja, para cada 100 domicílios em Santos, 63 são apartamentos.

Esse fenômeno se acentuou a partir de 1998, com a elaboração e aprovação da Lei Complementar 312/98 (Lei de Uso e Ocupação do Solo) que liberou o limite máximo das edificações, que até então era de no máximo 14 pavimentos, para até 30 pavimentos, e também possibilitou que edifícios com mais de 10 pavimentos pudessem ocupar até 60% do total da área do lote.

Santos (2011) aponta que, de acordo com o Censo realizado no ano de 2010, a cidade possuía 81.689 apartamentos, em um período de dez anos, ganhou 9.539 novas unidades, alcançando um total de 91.228. Estima-se que no próximo censo a ser realizado em 2020, esses números provavelmente terão aumentado bastante.

A verticalização, e o conseqüente adensamento populacional das áreas urbanas, são inevitáveis, mas deve ser adotada como um instrumento de política nacional de desenvolvimento, pois se trata da melhor maneira de atender as necessidades de moradia e trabalho dos cidadãos de forma racional e econômica.

5.1 Os bairros de Santos objetos de estudo

O panorama econômico vivenciado pela cidade de Santos tem estimulado o setor imobiliário a investir seu capital na construção de empreendimentos voltados a atender uma classe social de alta renda, causando uma segregação espacial dos moradores da cidade, já que a população de menor renda tende a migrar para regiões onde o preço da moradia é de menor valor, fazendo com que o gasto com infraestrutura urbana na cidade de Santos seja privilégio de poucos, isso é perceptível nos tipos de construções entre os bairros mais próximos da orla da praia e os bairros mais afastados como a periferia da cidade.

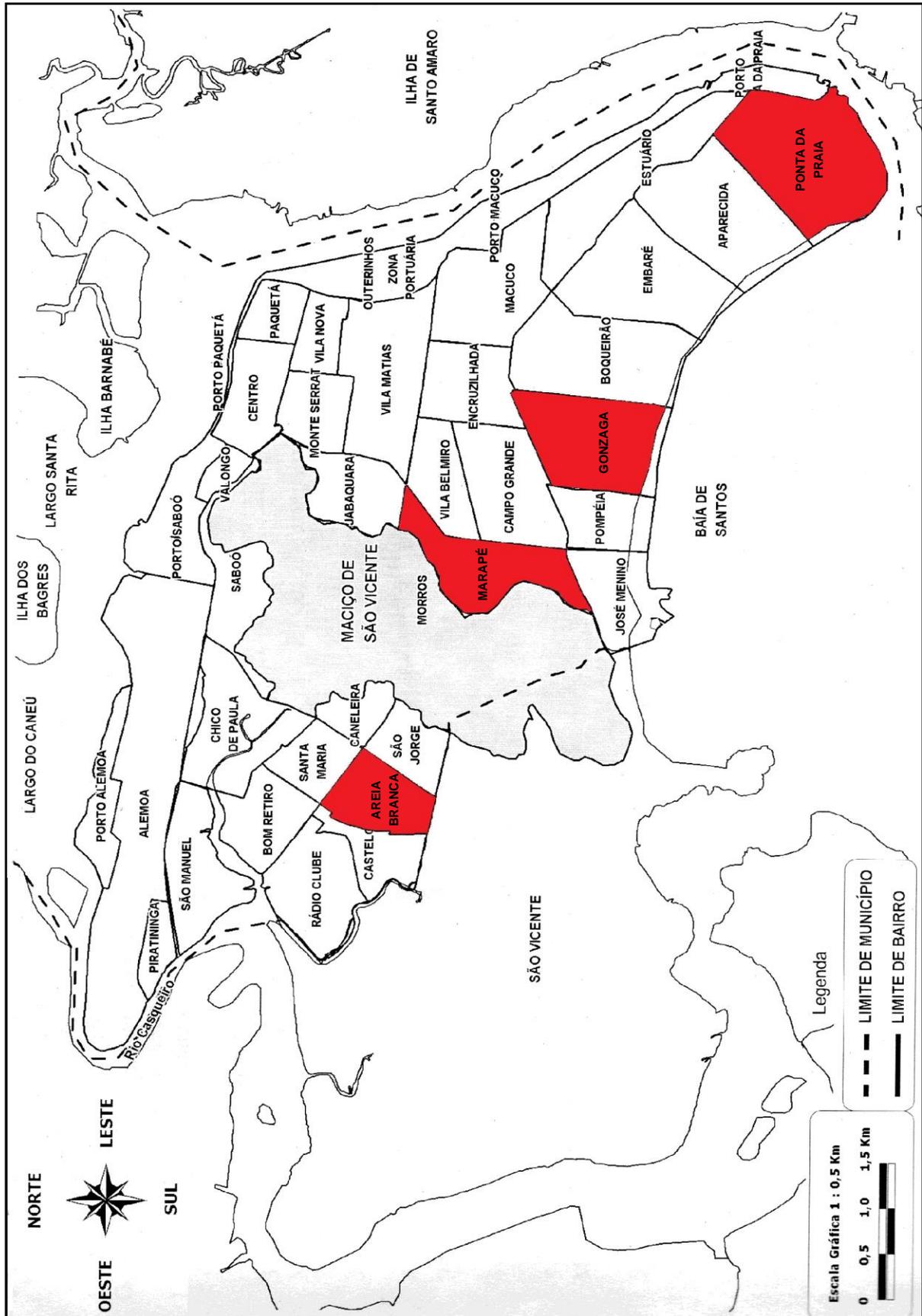
Com a falta de espaço nos bairros residenciais mais tradicionais da cidade, os novos empreendimentos estão se deslocando para os bairros até então deixados de lado pelas grandes construtoras, que agora disputam os terrenos em bairros como Marapé, Ponta da Praia e bairros da Zona Noroeste.

A pesquisa sobre o processo de verticalização na cidade de Santos foi voltado para os seguintes bairros como: Ponta da Praia, Gonzaga, Marapé e Areia Branca (Zona Noroeste).

Justificamos a escolha dos bairros pelo seguinte olhar: a Ponta da Praia por ser considerada uma área nobre de Santos; o bairro do Gonzaga por ser considerado um polo comercial com lojas e shoppings; o bairro do Marapé está em processo de adensamento da verticalização e o bairro da Areia Branca localizado na Zona Noroeste, sendo considerado um bairro popular, mas que ultimamente vem sofrendo uma verticalização modesta.

Na figura 12, a seguir, tem-se a localização dos bairros de Santos pertencentes a área insular, evidenciando por meio de cores, os que serão objeto de estudo desta pesquisa.

Figura 12 - Localização dos bairros objetos de estudo



Fonte: Mapa: Figerio, 2006, p. 29 / ilustrações: a autora

5.2 Bairro do Gonzaga

O bairro deve seu nome a um bar pertencente a Luís Antônio Gonzaga, o “Bar do Gonzaga”, situado na avenida da praia. O local era ponto de referência para os bondes que ligavam as praias ao centro. O bar se tornou ponto para os passageiros e assim o bairro surgiu em 1889.

No início do século XX, o Parque Balneário, utilizado para festas, shows e recepções da alta sociedade santista torna-se uma importante referência para o bairro. Na década de 70, ele é demolido para reaproveitamento da área num complexo com três prédios residenciais. Nesse local foi construído o primeiro Shopping da cidade (Shopping Parque Balneário) e um edifício hoteleiro (Parque Balneário Hotel).

Nos anos 80, foi construído o Shopping Miramar, o segundo shopping do bairro que também comporta dois hotéis, o Mendes Plaza Hotel e o Mendes Panorama Hotel.

Em 2010, com a demolição das salas de cinema Iporanga 1, 2 e 3, na Av. Ana Costas, é construído mais um shopping, o “Pátio Iporanga”, com lojas, cinemas, escritórios comerciais e apartamentos residenciais que fizeram quadruplicar o número de lojas com produtos e serviços diversificados que contribuem ainda mais na transformação do Gonzaga em um polo comercial e turístico.

Não resistindo à especulação imobiliária e a falta de um quadro associativo forte que consiga manter suas atividades, o tradicional Clube Sírio Libanês reinaugurou em 2016 sua nova sede, agora verticalizada e anexada a uma importante rede hoteleira. O mesmo aconteceu com o Clube XV, o clube social mais antigo do país, localizado na divisa entre os bairros do Gonzaga e Boqueirão, reinaugurou sua nova sede também verticalizada e anexada a uma rede hoteleira.

O Gonzaga representa o cartão-postal de Santos. Uma paisagem que contagia quem passa pelo calçadão, com um toque histórico do bonde e dos casarões e prédios antigos como o Hotel Atlântico e a agência da Caixa Econômica Federal. É muito conhecido como um local onde as pessoas buscam boa comida, cultura, entretenimento, moda e diversão: shoppings, hotéis, cinemas, praia e a famosa Avenida Ana Costa, Praça da Independência e Praça das Bandeiras que fazem parte do cotidiano da cidade.

Na figura 13 são apresentadas duas imagens aéreas, dos anos de 2009 e 2017 do bairro do Gonzaga, onde podemos observar o surgimento de inúmeros empreendimentos que implicou na intensa verticalização do bairro.

Figura 13 - Bairro do Gonzaga



Fonte: Google Earth Pro (acesso em 17/03/2018)

Ressaltamos que o bairro do Gonzaga assume além de outras funções, já citadas anteriormente, a função de um território livre para manifestações cívicas, comemorações esportivas ou qualquer outro fato que atraia multidões.

As imagens da figura 13 foram obtidas através do aplicativo *Google Earth Pro*¹, que pode ser uma ferramenta muito interessante no ensino da Geografia.

Segundo Freitas (2006):

Os aplicativos do [...] *Google Earth* permitem uma navegação interessante pelo espaço geográfico, e apresenta uma representação deste de forma sistematizada por meio de imagens que mais parecem “fotos” do espaço representado em suas diferentes escalas. O que permite ao navegador, um maior “realismo” em sua pesquisa, deixando mais rica com relação à percepção de informações sobre o relevo, a rede hidrográfica, a vegetação, a rede viária, a distribuição dos equipamentos urbanos, e outras mais. (FREITAS, 2006, p.44).

Da mesma forma NÓVOA (2007) atesta:

As novas tecnologias de informação no ambiente escolar contribuem para a melhoria das condições de acesso à informação, e diminui as limitações relacionadas ao tempo e ao espaço, permitindo assim agilizar a comunicação entre professores, alunos e os gestores educacionais. Além disso, os recursos tecnológicos da informática na educação também podem contribuir para que o professor possa realizar inovações em sua prática diária (NÓVOA, 2007, p. 78).

Ao usar essa tecnologia, o aluno pode visualizar a cidade como um todo, os bairros, sua escola e até mesmo sua residência.

¹ O Google Earth Pro® é um programa de computador desenvolvido e distribuído pela “Google” cuja função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas (fotografadas de aeronaves) e GIS 3D. Desta forma, o programa pode ser usado simplesmente como um gerador de mapas bidimensionais e imagens de satélite das diversas paisagens presentes no Planeta Terra. Com isso, é possível identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos. Anteriormente conhecido como Earth Viewer, o Google Earth foi desenvolvido pela Keyhole, Inc, uma companhia adquirida pelo Google em 2004. O produto, renomeado de Google Earth em 2005, está disponível para uso em computadores pessoais rodando Microsoft Windows 2000, XP, Vista, 7, Windows 8 e 8.1 Mac OS X 10.3.9 e superiores, e Linux (lançado em 12 de Junho de 2006) e FreeBSD. O programa Google Earth Pro é gratuito e está disponível para *download* no site <<https://www.google.com/earth/download/gep/agree.html>> (Fonte: www.wikipedia.org/wiki/Google_Earth).

5.3 Bairro do Marapé

Embora ainda preserve vários chalés, o Marapé tem como características importantes as instituições e empreendimentos localizados no bairro.

A Igreja São Judas Tadeu, Memorial Necrópole Ecumênica (inscrita no Livro dos Recordes como o cemitério mais alto do mundo), e o maior reservatório de água potável da América Latina encravado nos morros Santa Tereza-Voturuá, com capacidade para 110 milhões de litros, além do tradicional painel de pastilhas do Mercado do Marapé que são alguns dos principais exemplos.

No bairro também está a escola de samba União Imperial, o Clube Ouro Verde, o Clube do Curió, além de quatro escolas (José da Costa Barbosa, Alcides Lobo Viana, Olavo Bilac, Ayrton Senna e Creche Padre Francisco Leite) e uma UBS (Unidade Básica de Saúde).

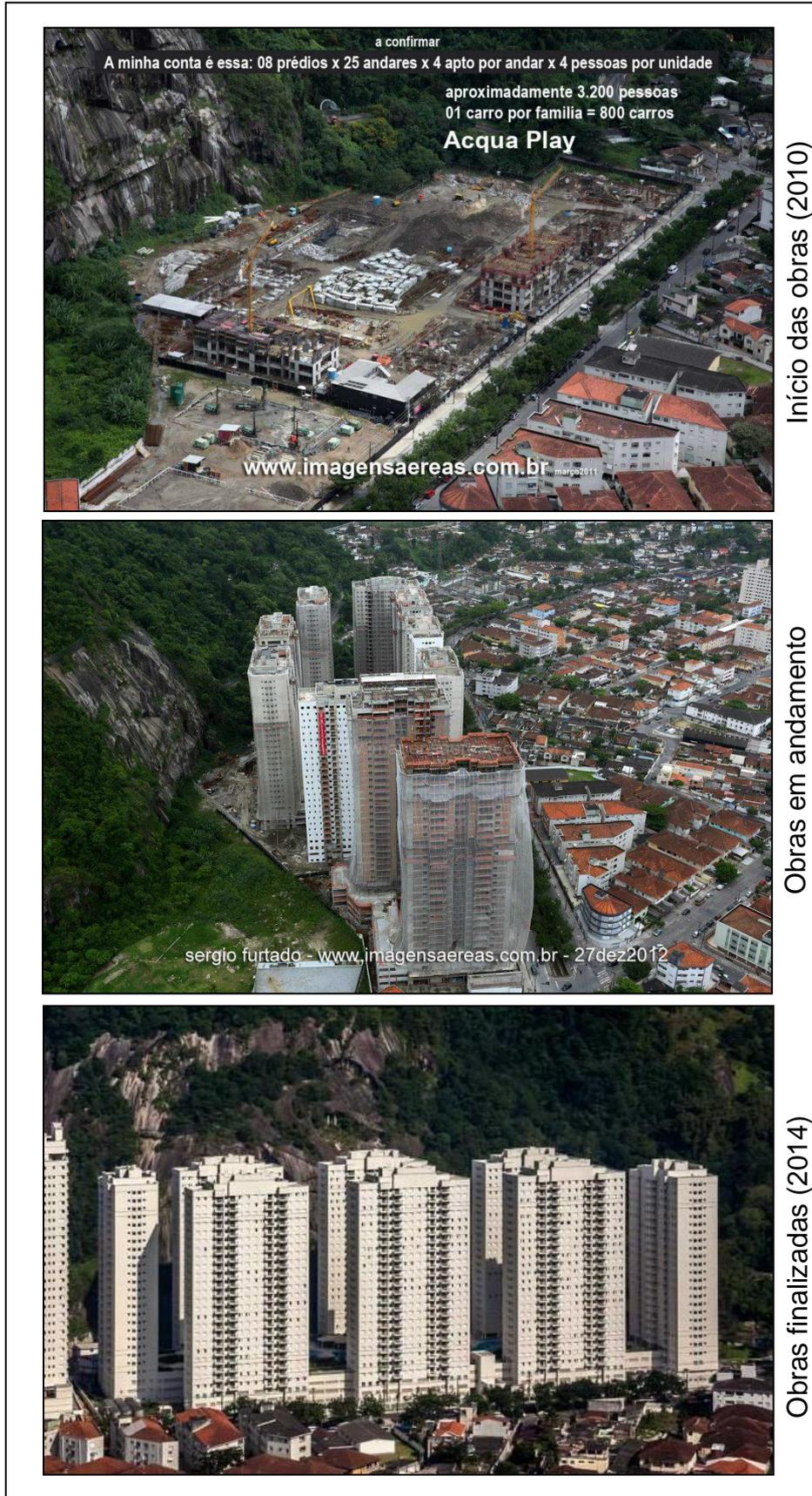
Em 1994 a verticalização chegou com força ao bairro. Muitos chalés característicos daquele lado da cidade foram substituídos por prédios que, na época, tinham no máximo nove andares.

Desde então imensas torres com mais de quinze pavimentos foram sendo construídas, destacando as mais importantes no bairro: os residenciais “The Garden”, “Bossa Nova”, “Way Orquidário” e o “Acqua Play” que é considerado o grande marco na verticalização da cidade de Santos pois transformou definitivamente a rotina do bairro.

O bairro do Marapé, tinha como característica a construção de bangalôs, após a verticalização do bairro esse tipo de imóvel deu lugar para edifícios cada vez maiores

A Figura 14 apresenta a evolução do empreendimento residencial “Acqua Play” no bairro do Marapé.

Figura 14 - Imagens aéreas do processo de construção do residencial “Acqua Play”, com obras entre 2010/2014



Fonte: Fotógrafo Sérgio Furtado (acervo)

A figura 15 registra duas imagens aéreas dos anos de 2009 e 2017 do bairro do Marapé. É possível observarmos o surgimento de gigantescas torres residenciais, como o “Acqua Play”, “Bossa Nova” e “The Garden”, que implicou diretamente na verticalização do bairro.

Figura 15 - Bairro do Marapé



Fonte: Google Earth Pro (acesso em 17/03/2018)

5.4 Bairro da Ponta da Praia

A Ponta da Praia é um dos bairros nobres da cidade de Santos. Na Av. Saldanha da Gama situam-se alguns dos principais clubes da cidade: o Internacional de Regatas, o Saldanha da Gama e o Vasco da Gama. Ali também se encontrava o tradicional Clube de Regatas Santista, demolido em 2010 para, provavelmente, dar espaço a mais um empreendimento imobiliário.

É na Ponta da Praia que está localizado um dos mais visitados pontos turísticos da cidade: o Aquário Municipal. Nas imediações também estão o Museu do Mar, o Museu de Pesca, o Deck do Pescador.

Na Praça Almirante Gago Coutinho encontra-se o Mercado de Peixes, ponto de referência quando o assunto são os pescados, além da estação de balsas que fazem a ligação dia e noite com a cidade do Guarujá.

Neste bairro foram construídos muitos prédios novos e elegantes, destacando-se os do conjunto "*Jardins da Grécia*" (figura 16), contribuindo com o aumento da verticalização da cidade. Tais empreendimentos atraem moradores de classe alta, geralmente vindos da cidade de São Paulo, em busca de apartamentos de veraneio.

Figura 16 - Jardins da Grécia



Fonte: Disponível em: < <http://mapio.net/pic/p-1574131/>>. Acesso em 03 de mar. 2018

A figura 17 registra duas imagens aéreas do bairro da Ponta da Praia nos anos de 2009 e 2017 respectivamente. É possível observarmos o surgimento de novos empreendimentos, o que resultou também na verticalização do bairro.

Figura 17 - Bairro da Ponta da Praia



Fonte: Google Earth Pro (acesso em 17/03/2018)

5.5 Bairro da Areia Branca (Zona Noroeste)

A ocupação da zona Noroeste ocorreu a partir de 1950, com a instalação do Pólo Industrial de Cubatão. Composta basicamente pelos bairros: Alemoa, Areia Branca, Bom Retiro, Caneleira, Jardim Castelo, Chico de Paula, Piratininga, Rádio Clube, Saboó, Santa Maria, São Manoel, São Jorge, Ilhéu Alto, Porto Alemoa, Porto Saboó e Vila Haddad.

Tem como mais importante via da região a Avenida Nossa Senhora de Fátima, que atravessa vários bairros do distrito desde a Marginal da Via Anchieta até a divisa vicentina conhecida como "*Tambores*". Outro ponto de referência é a área conhecida como "*Matadouro*", uma referência a um antigo matadouro de gado ali instalado (1915/16) e hoje ocupada pelas instalações do SESI. Há algum tempo os ônibus ainda traziam em seus letreiros a inscrição "via Matadouro", indicando a passagem pela avenida Nossa Senhora de Fátima.

A Areia Branca é o bairro da Zona Noroeste que apresenta a maior verticalização na região. Notamos assim que a segregação espacial ocorre pelo bairro não ser próximo aos espaços mais nobres da cidade ou seja próximo a praia.

Figura 18 - Boulevard do Parque



Fonte: Google Earth Pro (acesso em 17/03/2018)

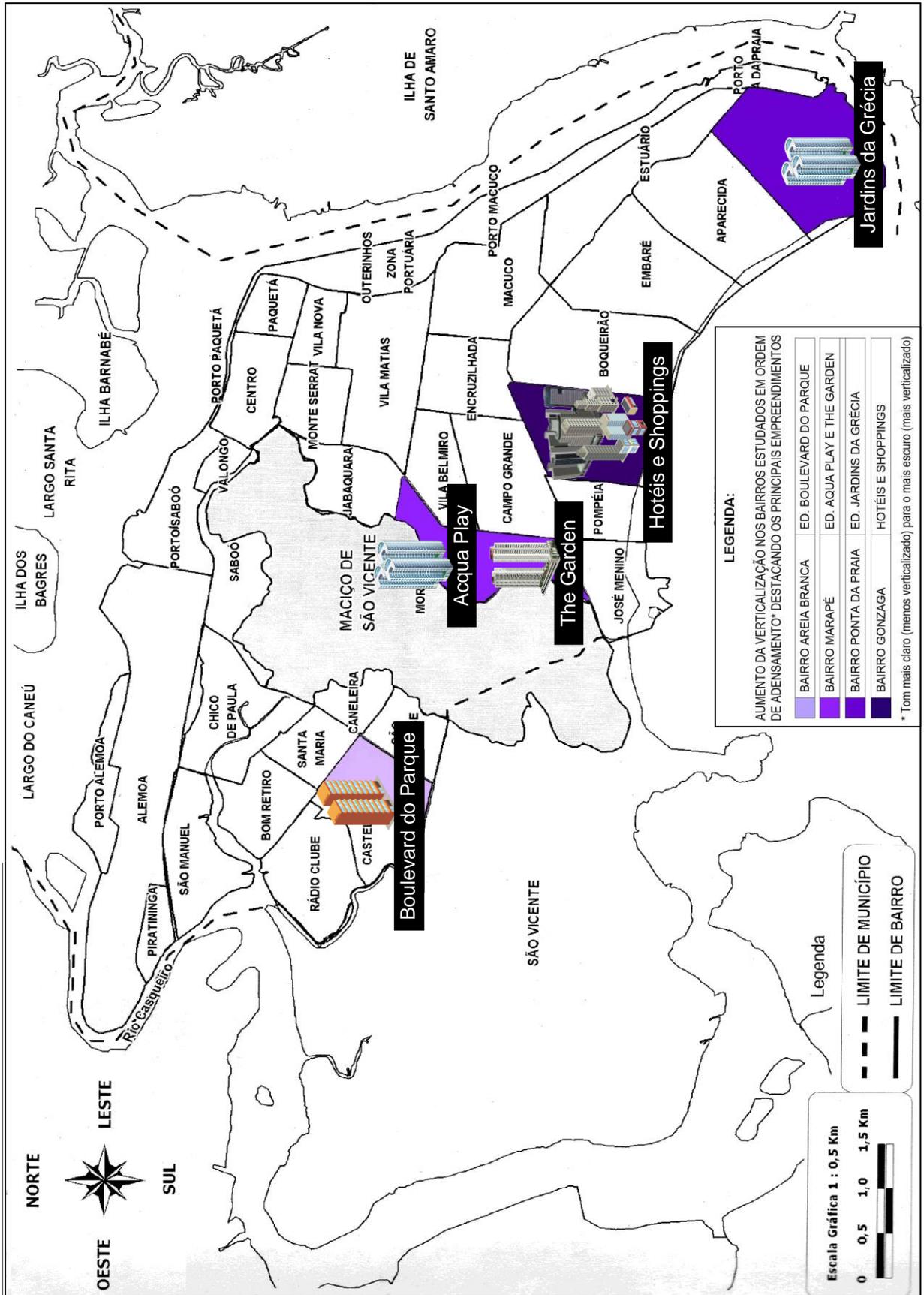
A figura 19, a seguir, registra duas imagens aéreas do bairro Areia Branca nos anos de 2009 e 2017. É possível observarmos o surgimento do Condomínio "Boulevard do Parque" retratado acima.

Figura 19 - Bairro da Areia Branca

Fonte: Google Earth Pro (acesso em 17/03/2018)

Na figura 20 destacam-se os principais empreendimentos que retratam e marcam o início do processo de verticalização dos bairros que foram objetos de estudo desta pesquisa.

Figura 20 - Principais empreendimentos que retratam o início do processo de verticalização nos bairros estudados



Fonte: Mapa: Frigério, 2006, p. 29 / Ilustrações: a autora

6 ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA DA PESQUISA

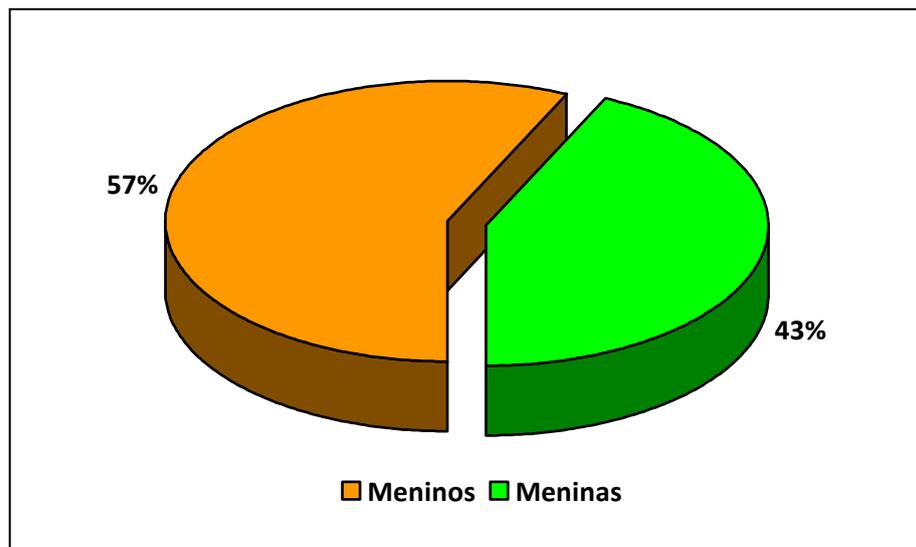
Perovano (2014) escreve que a análise qualitativa tem início com o levantamento de dados por meio de pesquisas as quais darão suporte a uma base de conhecimento até chegar a conceitos claros. Com relação a análise quantitativa (a mais comum) prioriza numericamente a frequência e o comportamento dos indivíduos de um determinado grupo por meio da aplicação de questionários com perguntas abertas, semiabertas e fechadas.

Foi aplicado aos alunos um questionário (Apêndice A, pág. 112) abordando questões sobre o panorama da verticalização devido à construção civil realizada intensamente em Santos e seus impactos ambientais e sociais. Para isso, os alunos utilizaram a linguagem jornalística da publicação “A Tribuna” e a leitura de imagens aéreas que complementaram a análise.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados foram representados graficamente através da análise das respostas de um questionário (Apêndice 1) aplicado a 46 alunos (meninos e meninas) com idades entre 14 e 17 anos que compreendem o corpo discente do 9º ano do Ensino Fundamental II.

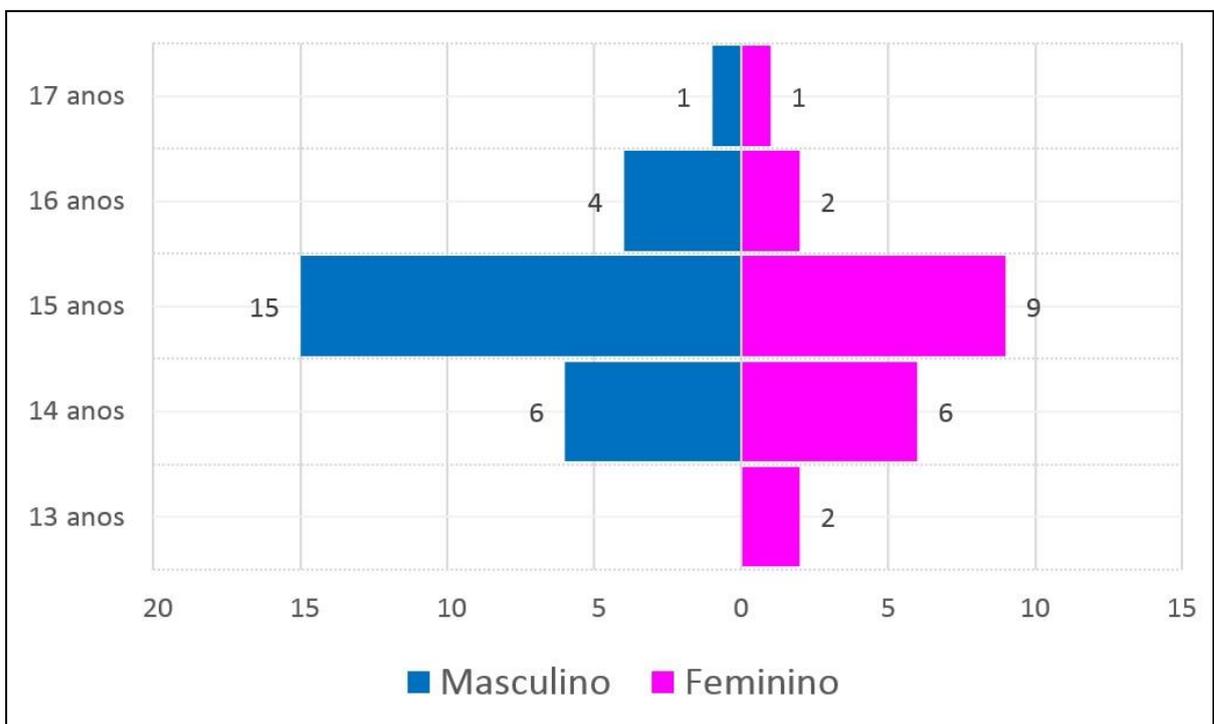
Figura 21 - Gráfico do sexo dos entrevistados - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

Verificamos através da análise da pirâmide etária dos entrevistados (figura 22) que, do total de 46 alunos, existe uma variação etária entre 13 e 17 anos, sendo que a maioria, 15 meninos e 9 meninas, têm 15 anos de idade.

Figura 22 - Gráfico de pirâmide etária dos entrevistados - 2017

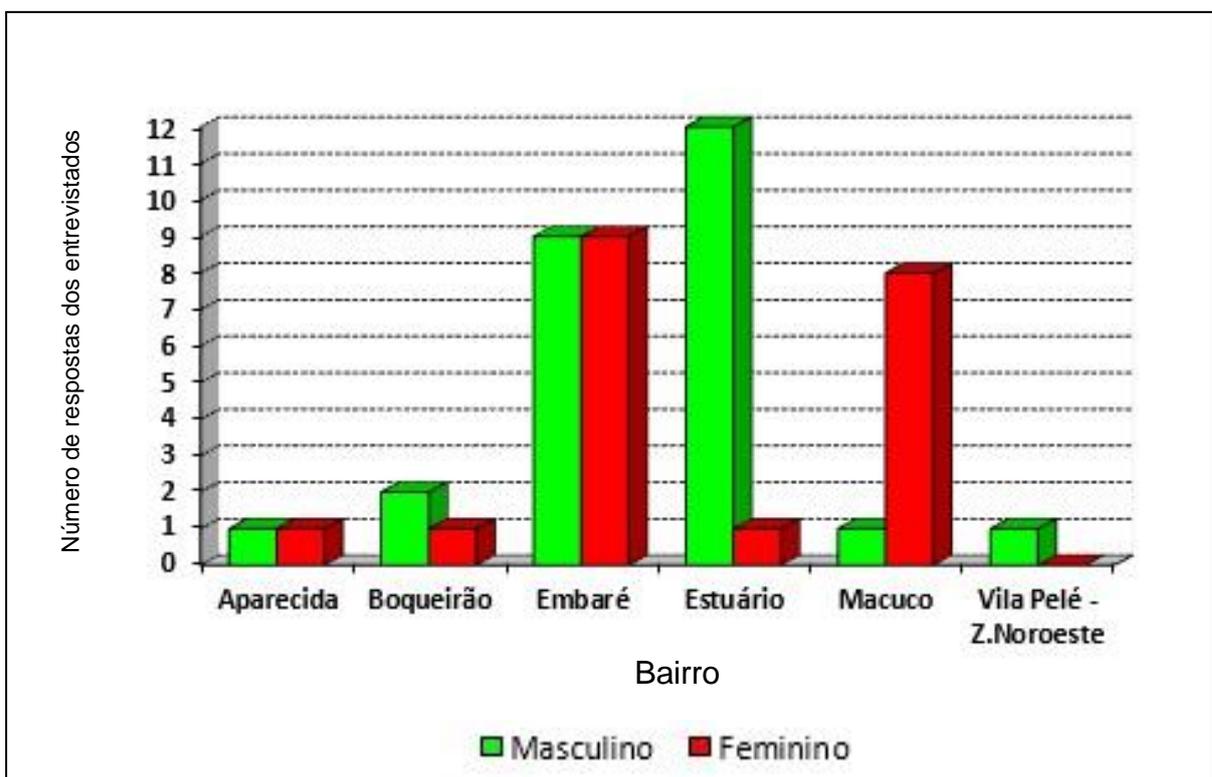


Fonte: Amieiro (2018)

Observa-se na figura 23 que, dos sujeitos entrevistados do sexo masculino, a maior parte, 12 moram no bairro do Estuário, 9 residem no bairro do Embaré, 2 no bairro do Boqueirão e 1 em cada bairro da Aparecida, Macuco e Vila Pelé (Zona Noroeste).

As entrevistadas do sexo feminino, 9 moram no bairro do Embaré, 8 no bairro do Macuco e 1 nos bairros Aparecida, Boqueirão e Estuário.

Figura 23 - Gráfico dos bairros de moradia dos sujeitos entrevistados - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

Sobre a procedência dos entrevistados, criamos a tabela 1 para identificar a mobilidade das famílias no território brasileiro. Verificamos que 43,59% dos meninos são originários de Santos; e o estado da Bahia vem em segundo lugar com 5,14%. Nota-se também que 12,83% dos meninos não responderam sobre o lugar de origem. Já com relação às meninas, em primeiro lugar está a cidade de Santos/SP com 55% e empatadas em segundo lugar estão as cidades paulistas do Guarujá, Poá e São Paulo com 5%. Percebe-se também que há um familiar oriundo de Portugal. As alunas que não responderam perfazem uma porcentagem de 8,32%.

Tabela 1 - Cidade, estado, e país de origem das famílias dos entrevistados - 2017

	Cidade / Estado de Origem	Você	Pai	Mãe	Total	Percentual
Masculino	Araras/SP	1	1	1	3	3,85
	Aracaju/SE	-	1	1	2	2,56
	Areal/RJ	-	-	1	1	1,28
	Bebedouro/SP	-	1	-	1	1,28
	Bertioga/SP	1	-	-	1	1,28
	Campo Grande do Sul/MS	-	-	1	1	1,28
	Chapecó/SC	-	1	-	1	1,28
	Cubatão/SP	-	-	1	1	1,28
	Florianópolis/SC	-	-	1	1	1,28
	Ilhéus/BA	-	-	1	1	1,28
	Itaquaquetuba/SP	1	1	1	3	3,85
	Jaguaquara/BA	1	1	2	4	5,14
	Santos/SP	17	6	11	34	43,59
	São João do Meriti/RJ	-	1	-	1	1,28
	São Paulo/SP	-	2	-	2	2,56
	São Vicente/SP	1	-	-	1	1,28
	Pedrinhas/SE	1	1	1	3	3,85
	Ribeira do Pombal/BA	-	2	-	2	2,56
	Rio de Janeiro/RJ	1	1	-	2	2,56
	Não respondeu	1	6	3	10	12,83
Respondeu incorretamente	1	1	1	3	3,85	
	TOTAL	26	26	26	78	100%
Feminino	Custódia/PE	-	-	1	1	1,67
	Guarujá/SP	1	1	1	3	5,00
	Ilhéus/BA	1	-	1	2	3,33
	Juazeiro do Norte/CE	1	1	-	2	3,33
	Mogi das Cruzes/SP	1	-	1	2	3,33
	Poá/SP	1	1	1	3	5,00
	Ribeira do Pombal/BA	-	-	1	1	1,67
	Rio de Janeiro/RJ	-	-	1	1	1,67
	Santo André/SP	-	1	-	1	1,67
	Santos/SP	14	8	11	33	55,00
	São Paulo/SP	-	3	-	3	5,00
	Uberaba/MG	-	1	-	1	1,67
	Lisboa - Portugal	-	-	1	1	1,67
	Não respondeu	1	3	1	5	8,32
	Respondeu incorretamente	-	1	-	1	1,67
	TOTAL	20	20	20	60	100%

Fonte: Amieiro (2018)

Através da tabela 2, revelou-se que 52,18% dos entrevistados perceberam que há uma mudança no espaço geográfico da cidade, já um percentual de 10,87% observou mudanças relacionadas as questões ambientais e 8,70% enxergam a passarela de acesso ao shopping Praiamar como uma alteração no espaço urbano de Santos.

Tabela 2 - Ações antrópicas observadas pelos entrevistados nos últimos 5 anos em Santos - 2017

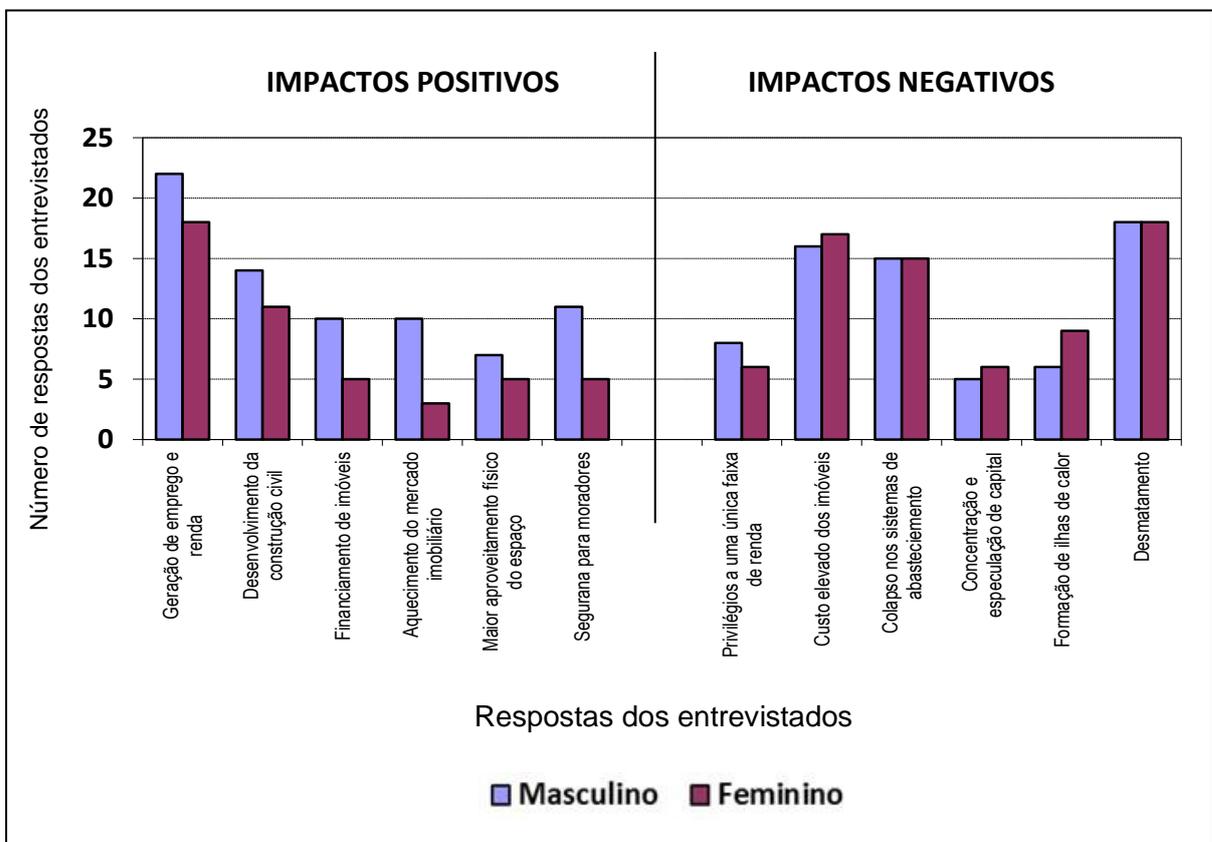
Categorias	Masculino	Feminino	Total	Percentual
Verticalização e consequências urbanas	12	12	24	52,18
Passarela de acesso ao Shopping Praia Mar	2	2	4	8,70
Destruição do patrimônio histórico	2	1	3	6,52
Questões ambientais	3	2	5	10,87
Segregação espacial	1	1	2	4,35
VLT, verticalização em São Vicente, UPA, Zona Noroeste (aumento de dentistas)	1	-	1	2,17
Roubos e mortes	1	-	1	2,17
Não respondeu	4	2	6	13,04
TOTAL	26	20	46	100%

Fonte: Amieiro (2018)

A figura 24 apresenta um gráfico das ações antrópicas ocorridas no espaço geográfico de Santos, destacando os impactos positivos e negativos para a cidade de acordo como os entrevistados.

Observa-se que, com relação aos impactos positivos, tanto as meninas quanto os meninos apontaram o item “geração de emprego e renda” como um fator positivo para a cidade. Em contrapartida os entrevistados percebem estas ações no espaço geográfico materializado em forma de prédios, que ocorre um desmatamento e que o custo destes novos imóveis estão elevados.

Figura 24 - Gráfico das ações antrópicas observadas pelos entrevistados que trouxeram impactos positivos e negativos para a cidade de Santos - 2017

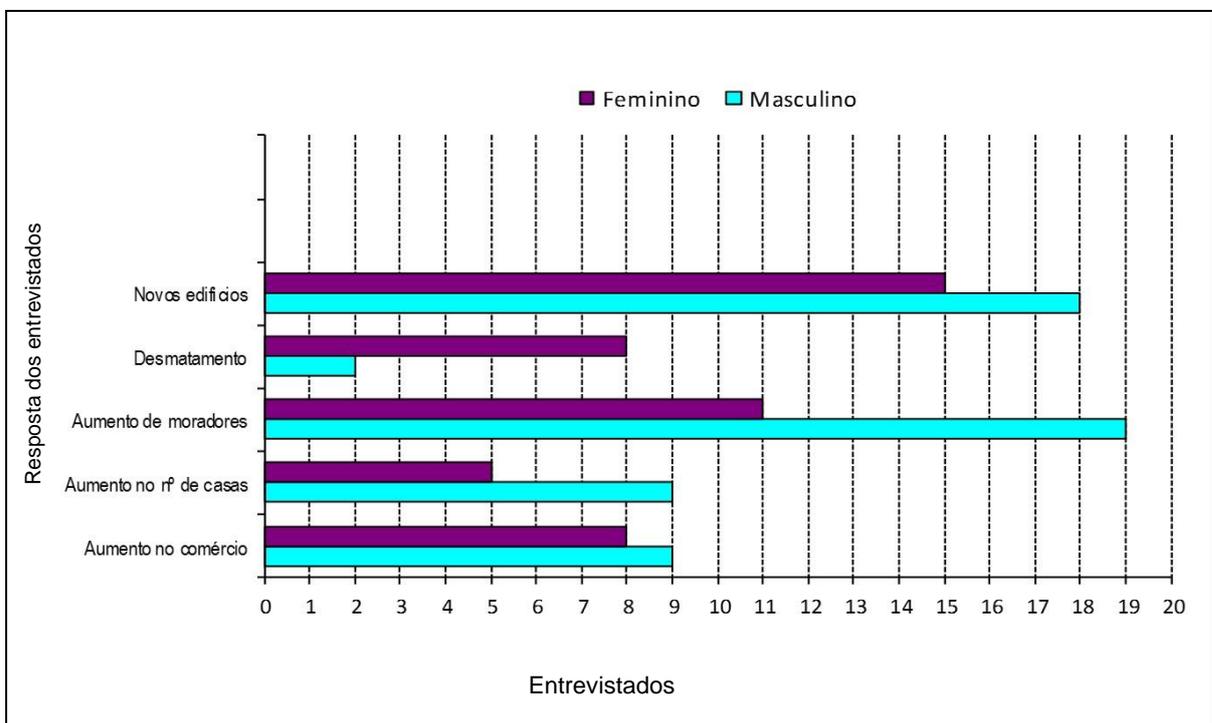


Fonte: Amieiro (2018)

Na figura 25 nota-se que a percepção dos meninos e meninas com relação as mudanças ocorridas no bairro são diferentes pois 19 (dezenove) meninos identificam um aumento do número de moradores, enquanto que 15 (quinze) meninas perceberam o crescimento de novos edifícios.

O desmatamento foi o item menos citado pelos meninos enquanto que o aumento do número de casas foi o menor mencionados pelas meninas.

Figura 25 - Gráfico das mudanças observadas pelos entrevistados em seus bairros - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

De acordo com a tabela 3, o item “construção de casas”, “prédios e o VLT” foi o mais citado pelos entrevistados no quesito impactante na cidade de Santos com 41,30%; já o desmatamento ficou em segundo lugar na tabela com 15,22%. Chama a atenção o item “não percebeu nada” com 23,91%.

Tabela 3 - Ações antrópicas mais impactantes observadas pelos entrevistados em seus bairros ou nos bairros em que não residem - 2017

Categorias	Masculino	Feminino	Total	Percentual
Poluição	-	2	2	4,35
Desmatamento	3	4	7	15,22
Construções (casas/prédios e VLT)	12	7	19	41,30
Construção da passarela entre prédio e shopping Praiamar	2	-	2	4,35
Mudança de função de terreno urbano	1	-	1	2,17
Densidade demográfica	1	-	1	2,17
Aumento no comércio	1	1	2	4,35
Não percebeu nada	5	6	11	23,91
Não respondeu	1	-	1	2,17
TOTAL	26	20	46	100%

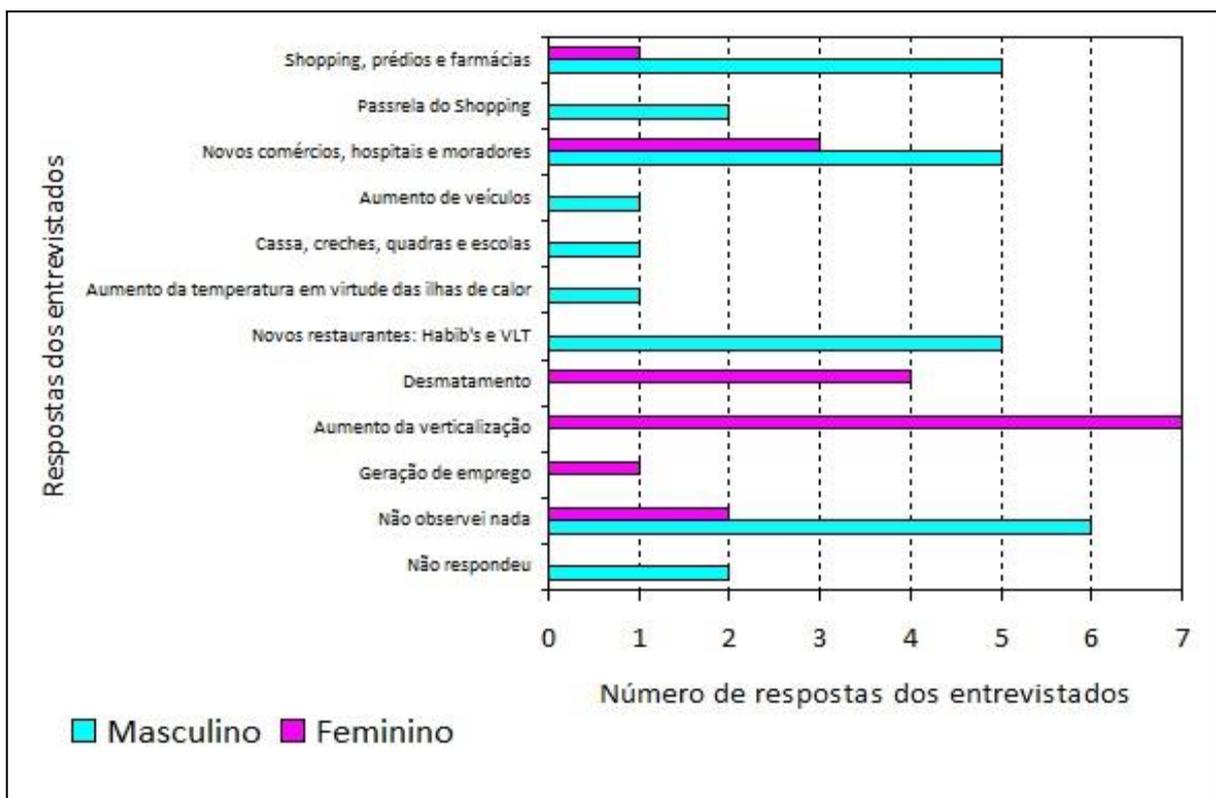
Fonte: Amieiro (2018)

Para a construção do gráfico representado na figura 26, foi aplicada aos entrevistados uma pergunta aberta (questão 6, Apêndice A), onde puderam descrever a paisagem através de sua rotina pelo bairro, como por exemplo o caminho percorrido de casa até a escola. Notou-se que houve uma falta de atenção dos meninos referente a percepção de mudanças no espaço geográfico nos bairros diferentes do seu, onde 6 (seis) entrevistados citam que não observaram nenhuma mudança. Já as meninas tiveram uma percepção mais crítica já que 7 (sete) alunas citaram a verticalização como um fator de mudanças no espaço urbano de Santos.

Pretendeu-se ao criar essa questão verificar se os alunos conseguem perceber as mudanças ocorridas no espaço geográfico tanto do seu bairro como também nos outros bairros da cidade.

Provavelmente a percepção desses alunos é em função do deslocamento que alguns têm na cidade, a resposta tende-se então a circulação deles pela cidade de um modo geral, como mostrado na figura 23, onde verifica-se que a maioria dos entrevistados concentram-se nos bairros do Estuário e Embaré.

Figura 26 - Gráfico das ações antrópicas mais impactantes observadas pelos entrevistados em outros bairros de Santos - 2017

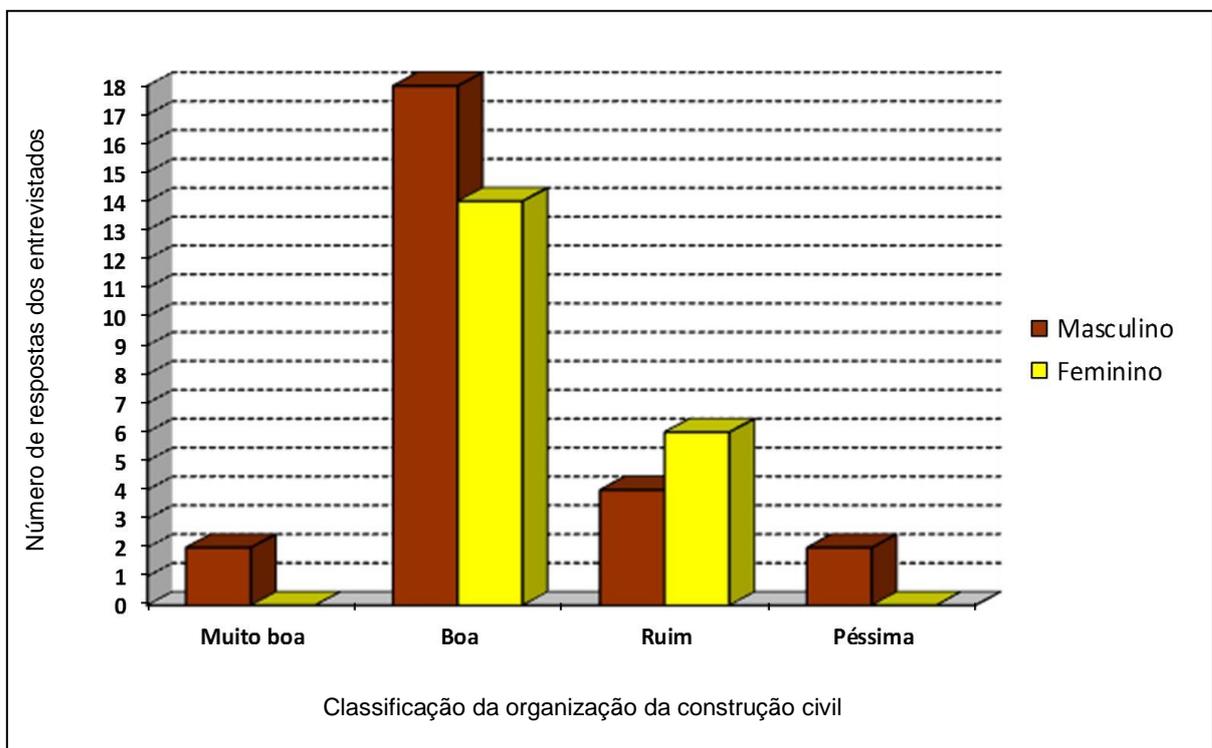


Fonte: Amieiro (2018)

O gráfico da figura 27 foi construído com o objetivo de verificar se o entrevistado têm consciência quanto à organização da construção civil em Santos.

Percebeu-se que 18 (dezoito) meninos e 14 (catorze) meninas consideram a classificação “boa”, e que não atrapalha a qualidade de vida

Figura 27 - Gráfico da classificação da organização da construção civil na cidade de Santos - 2017

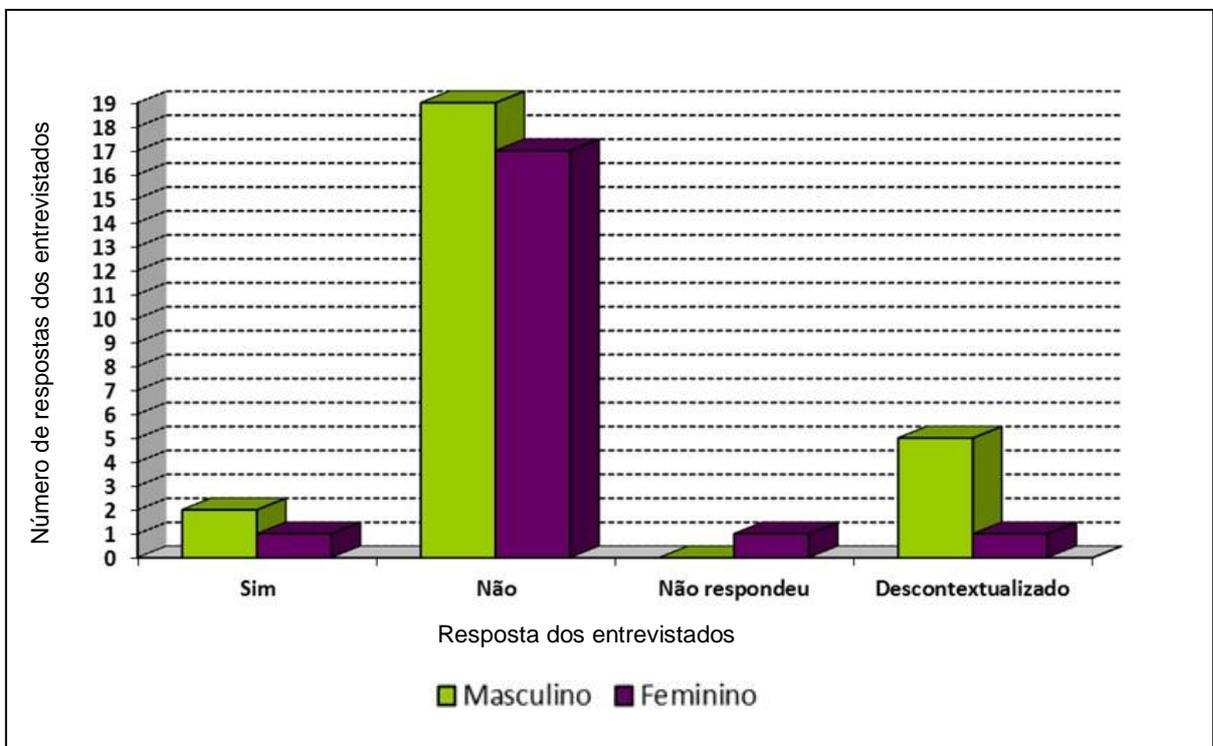


Fonte: Amieiro (2018)

Os temas “meio ambiente” e “qualidade de vida” foram discutidos em sala de aula juntamente com a leitura do jornal “A Tribuna”, abordando questões como: a formação de ilhas de calor, supressão da arborização, supressão de vagas de estacionamento nas ruas em função da entrada e saída das garagens dos prédios, entre outras e a construção do gráfico da figura 28 baseou-se nas respostas obtidas através da pergunta: “Nessas construções ocorridas em Santos, você acredita que houve preocupação com o meio ambiente?”.

Foi possível observar que a maioria 19 meninos e 17 meninas não acreditam que houve algum tipo de preocupação com o meio ambiente ou a qualidade de vida.

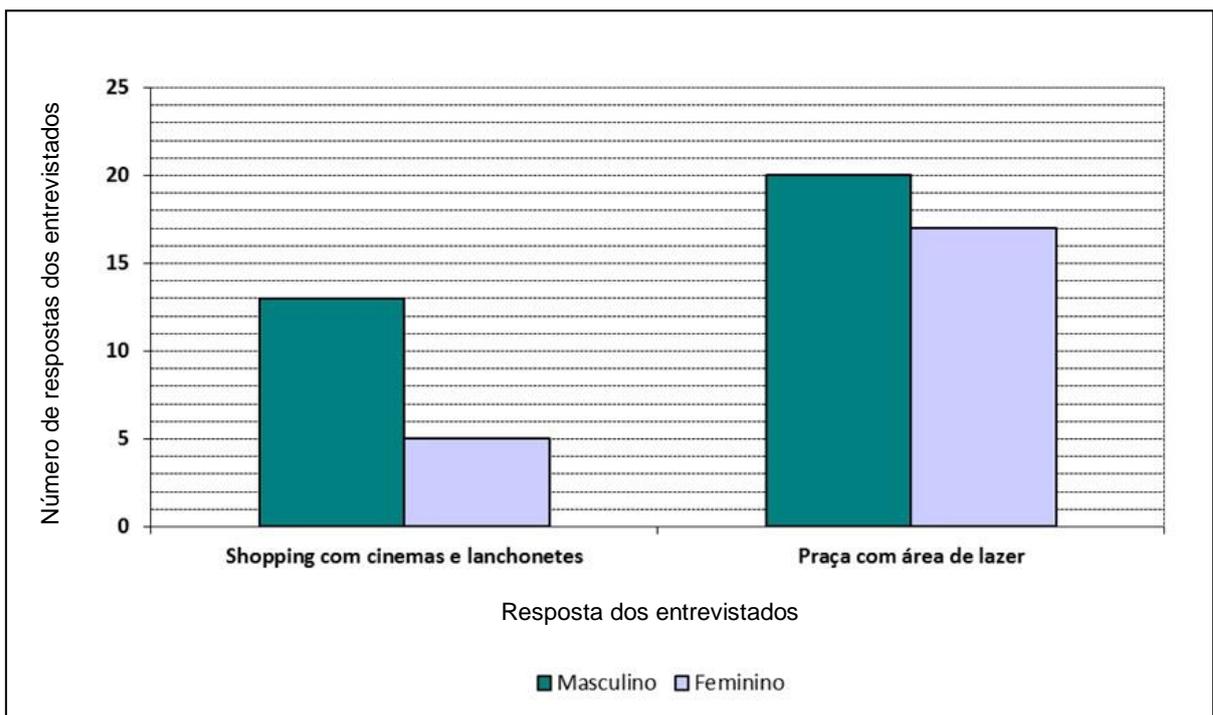
Figura 28 - Gráfico da percepção dos entrevistados sobre a qualidade ambiental em relação a construção civil - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

Na observação da figura 29 percebemos que a preferência dos entrevistados por construções de áreas públicas de lazer é maior do que a por shoppings. Acredita-se que essa questão revela um dado importante sobre os entrevistados de que eles sentem a falta de áreas de lazer públicas em uma cidade norteadada de shoppings.

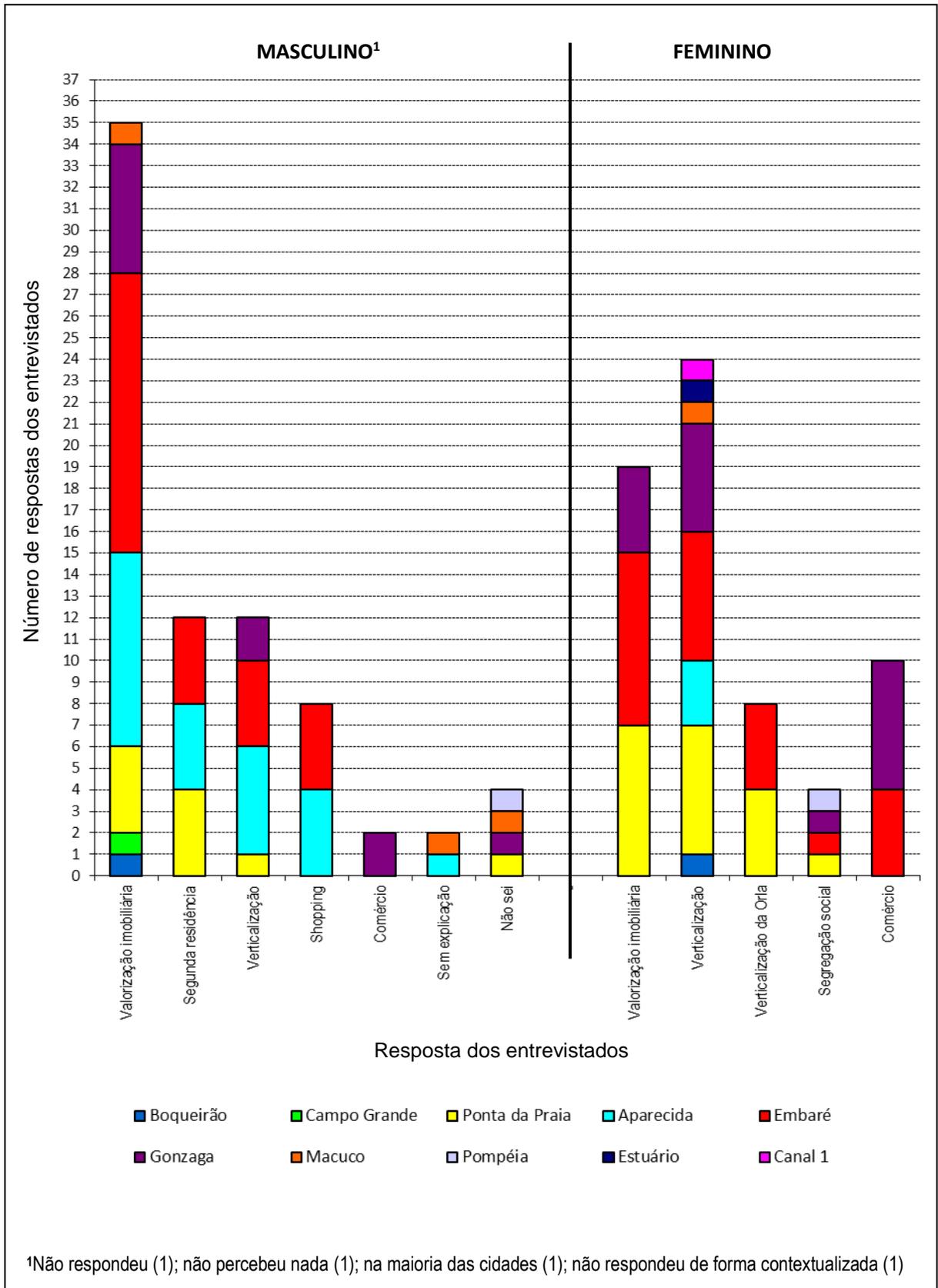
Figura 29 - Gráfico das sugestões dos entrevistados quanto as possíveis melhorias nos bairros em que residem - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

Na figura 30 (página seguinte) observamos a percepção dos entrevistados quanto a concentração da verticalização em Santos, refletindo o bairro do Embaré como sendo o mais apontado.

Figura 30 - Gráfico da percepção dos entrevistados quanto a concentração da verticalização em Santos - 2017

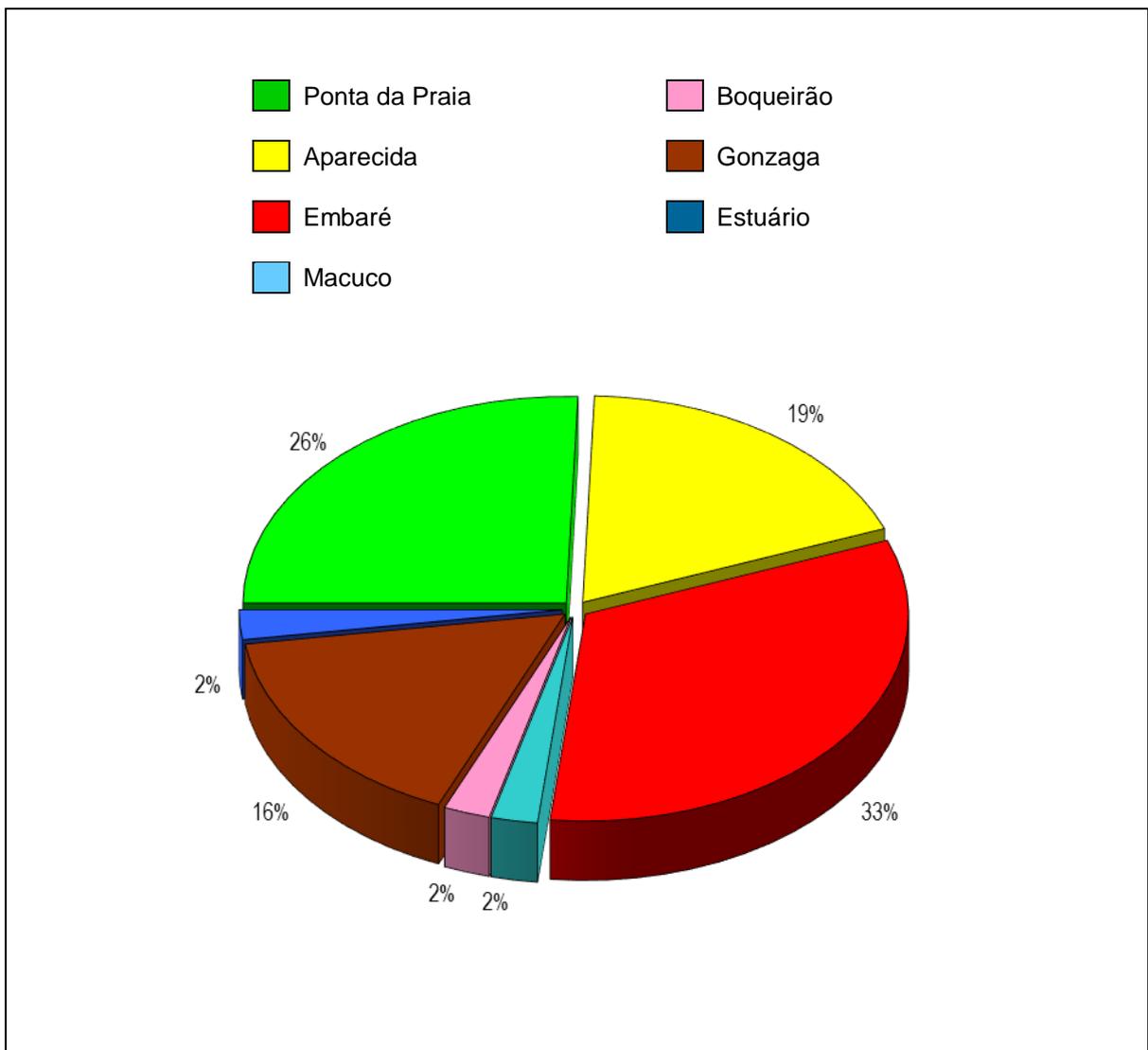


Fonte: Amieiro (2018)

Na figura 31 a intenção era saber dos entrevistados se eles têm a percepção de onde se concentra a verticalização na cidade de Santos. A grande maioria 33% responder ser o bairro do Embaré, coincidentemente o bairro de moradia da maioria dos alunos.

Os bairros do Marapé e Areia Branca (Zona Noroeste) não foram citados, talvez por não fazerem parte do dia-a-dia dos alunos ou por simples desconhecimento geográfico.

Figura 31 - Gráfico dos bairros mais citados pelos entrevistados em relação à percepção da concentração da verticalização em Santos - 2017



Fonte: Amieiro (2018)

Tanto na tabela 3 como figura 26 foi possível observar que alguns entrevistados não foram capazes de observar as mudanças tanto no espaço geográfico onde vivem, como na cidade de Santos em geral. Por que isso acontece?

A escola, nas aulas de Geografia, deve comprometer-se junto aos alunos como protagonistas de seus direitos para um mundo sustentável. A observação das mudanças ocorridas na cidade e suas consequências requer um diálogo permanente em sala de aula, pois muitas vezes o adolescente não percebe que a ocupação dos espaços causam, também, alguns desequilíbrios futuros.

O adolescente precisa ser sujeito participante dessas modificações para que tenha em vista um mundo sustentável para as futuras gerações. A escola, oportunizando essas observações ocorridas no espaço em que vive, desperta um ser que fomente uma maior conscientização de suas ideias e atitudes.

O meio ambiente é um bem comum, dessa forma, não só as gerações presentes, como as futuras, têm o direito de conhecerem espécies e lugares do espaço em que vivem.

O estudo aqui desenvolvido oportuniza um olhar atento nas transformações ocorridas na cidade de Santos, pois ficou evidente que alguns alunos ainda não observam tais mudanças.

Largo (2001) afirma que é não só uma obrigação moral resguardar o meio ambiente para as futuras gerações, pois a humanidade tem a responsabilidade de utilizar conscientemente os bens que a natureza oferece. Apesar de não se ter o conhecimento do que as futuras gerações realmente necessitarão é preciso transmitir a conscientização de preservação e sustentabilidade. Dessa forma, a educação escolar desenvolve senso de responsabilidade ambiental, afinal, a educação pode modificar os indivíduos de maneira positiva tornando-o um cidadão consciente e condutor de sua própria história, assumindo seu papel histórico em todos os aspectos, inclusive o ambiental.

Segundo Baggio (2009), é preciso conhecer o nível do envolvimento dos seres em relação a seu papel social e isso implica:

O conceito de participação, assim entendido, indica um vínculo que leva a reconhecer a existência de um bem comum da sociedade à qual se pertence, um bem relevante para a vida pessoal do sujeito participante e que, para ser alcançado, exige um empenho de participação de caráter voluntário que vai além daquilo obrigado por lei (BAGGIO, 2009, p.92).

Para o autor participar é “tornar-se capaz de interagir, de dialogar, de compreender os outros e suas diversidades, num espaço de cidadania culturalmente não homogêneo”

Os alunos que não observaram as mudanças tão reais na cidade precisam ser mediados pois fazem parte da sociedade local e essas alterações urbanas atingem a todos. A razão econômica:

[...] é impulsionada pela busca da acumulação de capital, tomando a natureza apenas como matéria-prima. A lógica econômica, todavia, deve incorporar as questões ambientais, para encontrar outro modelo desenvolvimentista. [...] A efetividade constitucional depende da consciência ambiental, a ser despertada e aperfeiçoada pela educação (CAMBI e KLOCK, 2011, p.26).

Percebemos que o adolescente, muitas vezes não tem a noção de como essas modificações ambientais afetam a todos, por vezes nem mesmo se dá conta de como a sua rua, seu bairro e sua cidade se transformou em tão pouco tempo.

Cambi e Klock (2011) afirmam que é incoerente punir e proibir sem que se eduque em relação das responsabilidades com as futuras gerações.

Assim, finalizamos afirmando que as aulas de Geografia devem procurar educar os alunos nessa perspectiva de comprometimento da sustentabilidade ambiental.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se fez necessária no sentido de registrar a historicidade das mudanças na cidade de Santos, enfocando o processo de verticalização ocorrida nos últimos cinco anos. Nesse sentido, os alunos do nono ano, como seres pertencentes à cidade de Santos, precisavam conhecer a estrutura local e como essas mudanças poderiam afetar a população.

A construção civil tem sido crescente em todo o país e a cidade de Santos faz parte desse panorama junto com os impactos econômicos que acabam por influenciar as políticas públicas e sociais. O capitalismo excludente modifica o espaço geográfico da cidade de Santos e os alunos necessitam compreender que uma das consequências é a segregação urbana. As aulas de Geografia oportunizaram uma reflexão sobre o meio em que os alunos vivem e a modificação espacial decorrente das grandes construções, além da compreensão de como tudo isso pode atingir a população e a natureza.

Os alunos tiveram acesso a fotos, mapas e textos jornalísticos do jornal A Tribuna para uma observação atenta dos impactos da construção civil nos bairros do Gonzaga, Marapé, Ponta da Praia e Areia Branca. Dessa forma, puderam elencar os pontos positivos e negativos da construção civil na cidade nos últimos cinco anos. Essa pesquisa pode confirmar a hipótese inicial, pois os alunos se mostraram interessados pelos acontecimentos da cidade e suas consequências, ou seja, a formação de um cidadão crítico e reflexivo pode ocorrer nas aulas de Geografia quando há o uso de jornal e matérias sobre a construção civil.

No início da pesquisa, os alunos responderam questionários para a verificação de seus conhecimentos a respeito das modificações ocorridas na cidade de Santos, principalmente a verticalização.

Os resultados mostraram que os sujeitos da pesquisa perceberam várias modificações espaciais, devido às verticalizações, ocorridas no bairro onde moram. Porém, essa observação, em relação à verticalização, em outros bairros não é tão relevante.

Assim, notou-se que há necessidade de trabalhar a cidade como um todo. Sabe-se que nem todos os alunos têm a oportunidade de frequentar lugares mais afastados de seu bairro e a escola por meio de matérias jornalísticas, fotos e mapas

facilitam um maior conhecimento das mudanças da cidade, podendo desenvolver a conscientização social e ambiental.

As aulas de Geografia foram utilizadas para o trabalho sobre os direitos de uma cidade, pois os alunos dessa fase ainda não desenvolveram um raciocínio geográfico em redes para uma percepção de que a ocupação do espaço urbano pode causar desequilíbrios ambientais no futuro.

O jornal A Tribuna com notícias da região da Baixada Santista, com destaque de Santos, foi o percurso didático escolhido para o trabalho sobre a construção do espaço urbano, por ser de fácil acesso na escola, em questão, que recebe esse jornal diariamente.

Segundo Pontual (1999), ler uma matéria no jornal é ao mesmo tempo se encontrar nas notícias e pertencer a ela. Quando o jornal é trazido para a sala de aula e a realidade local é exposta para os alunos, cada um se faz pertencente de uma sociedade maior que é a cidade, conhecendo as necessidades e realidades na qual vivem. Assim, o ensino da Geografia, usando como instrumento o jornal e o professor como mediador da aprendizagem, possibilitou que as relações sociais se materializassem.

Os alunos demonstraram maior criticidade sobre a produção do espaço urbano baseado nos moldes capitalistas, onde a classe social mais favorecida economicamente é a proprietária dos imóveis mais caros de Santos e as áreas mais afastadas são destinadas as famílias de baixa renda, demonstrando claramente uma segregação espacial. A conscientização desse grupo de alunos foi possível mediante o uso constante de matérias jornalísticas em sala de aula corroborando com a hipótese dessa pesquisa.

A cada aula em que o uso do jornal foi trabalhado, houve um envolvimento e interesse dos alunos para a realização e discussões. Notou-se que foi uma atividade que além de despertar uma aprendizagem significativa, promoveu a participação de todos os envolvidos.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional para o ensino de Geografia, ao final do nono ano, os alunos da rede pública devem ser capazes de construir um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos, procedimentos e atitudes cidadãos, o projeto desenvolvido deu condições para a realização de tal objetivo.

Algumas dificuldades foram encontradas para a realização da atividade com jornal. A escola recebia apenas um exemplar do jornal por dia, quantidade não

suficiente para trabalhar com a classe toda. Além disso, foi preciso buscar informações sobre a verticalização dos últimos cinco anos e esses materiais não estavam disponíveis na escola, sendo necessária uma pesquisa na Biblioteca Municipal de Santos, no acervo de catalogação Construção Civil de Santos. Os alunos não tiveram a oportunidade de ir a essa biblioteca, sendo realizada apenas pela professora responsável por essa pesquisa. Teria sido importante a participação dos alunos também nessa parte da pesquisa, porém fatores como locomoção dos mesmos foi um obstáculo. Essas dificuldades não impediram a realização da pesquisa que aconteceu atingindo todos os objetivos propostos.

Sugerimos que esta metodologia seja trabalhada por outros pesquisadores, sobretudo pelos professores das unidades de ensino da Prefeitura de Santos e que os alunos tenham acesso às abordagens e conceitos que envolvem a discussão socioespacial e compreendam a realidade do local em que vivem.

9 PRODUTO ELABORADO A PARTIR DA PESQUISA

9.1 Introdução

O produto escolhido para ser apresentado nessa pesquisa foi a criação de um vídeo e banners para serem utilizados numa aula de Geografia itinerante, com a finalidade de atingir os objetivos esperados como apresentar ao aluno as mudanças ocorridas na produção do espaço urbano de Santos nos últimos cinco anos, sob a perspectiva de uma abordagem crítica no sentido de procurarmos entender a dinâmica da segregação espacial.

Indico aos professores de geografia da rede municipal de Santos que antes de utilizar o produto desenvolvido nesta pesquisa, primeiramente se aproprie das questões que estão no Apêndice do trabalho com a finalidade de nortear as suas aulas.

Logo após inicie uma discussão com os alunos sobre temas como: espaço urbano, verticalização, segregação espacial e questões ambientais urbanas e finalize essa discussão fazendo uma produção textual crítica sobre a sua cidade, abordando os assuntos acima elencados. Seria interessante expor as opiniões dos grupos aos demais alunos e também para os outros anos.

Para enriquecer as aulas de Geografia deixarei um modelo que ficará disponível para impressão dos banners e cópia do vídeo produzido. O produto foi escolhido por ter um custo baixo e também poderá ser levado para a sala de aula ou sala de vídeo da unidade escolar.

O professor de Geografia ao utilizar-se deste recurso pedagógico tem a liberdade de sugerir melhorias para o material impresso e também o vídeo.

Além disso, trabalhar os textos jornalísticos, fotos e mapas sobre a dinâmica da produção do espaço geográfico de alguns bairros de Santos: Gonzaga, Marapé, Ponta da Praia e Areia Branca.

Os vídeos e os banners servem como suporte para abordagens críticas dos pontos positivos e negativos da verticalização em Santos.

Esse produto deve apresentar para os demais alunos da rede municipal a importância da análise geográfica da produção espacial para a compreensão das transformações promovidas pelo impacto da construção civil.

Em conversa com os alunos, o produto aqui relatado foi apresentado e aprovado como algo de interesse de todos.

9.2 Objetivo

- Desenvolver o senso crítico do aluno referente a produção do espaço urbano por meio de um vídeo e banners numa aula de Geografia itinerante.
- Perceber a segregação sócio espacial dos bairros estudados.

9.3 Produto desenvolvido (sugestão): produção de vídeo e banners itinerantes

A produção de um vídeo e de dois banners, com linguagem mais apropriada para alunos do nono ano, foi idealizada a fim de ser levada através de uma instalação itinerante para percorrer todas as escolas municipais da rede.

Um banner (fig.32) apresenta o conceito de verticalização, com fotos comparativas dos bairros do Gonzaga, Marapé e Ponta da Praia, obtidas por meio do aplicativo Google Earth® e os impactos positivos e negativos da verticalização.

O outro banner (fig. 33) apresenta o tema Segregação Espacial sob a reflexão de alguns autores como Corrêa (2016), Maricato (1996), Alvarez (2015) e Santos (2001).

Na produção do vídeo foram utilizadas fotografias, imagens aéreas, trilha sonora e textos elucidativos, cujo objetivo é expor, através de uma abordagem reflexiva, como o processo de verticalização na cidade de Santos/SP implica na potencialização da segregação espacial.

A sugestão aqui apresentada procura trabalhar a Geografia local de maneira significativa para os alunos durante essa aula de Geografia, com o suporte do vídeo e dos banners, perguntas reflexivas poderão ser feitas fomentando o senso crítico dos alunos em relação à sociedade em que vivem. A intenção da autora é que esse material sirva para enriquecer as aulas, fazendo uma abordagem sobre a cidade de Santos, e sua expansão vertical, apontando também a questão da segregação espacial de forma crítica e analisar também algumas questões ambientais.

Proponho que os professores de Geografia também leiam as bibliografias relacionadas no item 9.5 deste trabalho, para servir de fundamentação teórica nas suas aulas.

Figura 32 - Banner Verticalização (1,20m x 0,80m)

VERTICALIZAÇÃO



AMIEIRO, Maria de Fátima Santos Conde
UNIMES – UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS - MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL
condefatima@uol.com.br

A verticalização é um processo urbanístico que ocorre nas grandes cidades, que consiste na construção de grandes e inúmeros edifícios.

A partir da segunda metade do século XX, um novo modelo de urbanização passa a ser adotado nas cidades brasileiras: a Verticalização. Este modelo, surge através do uso de novas tecnologias que são diretamente aplicadas na construção civil (como o concreto armado e o elevador), possibilitando um maior aproveitamento da terra urbana (densidade). (Somekh, 1997). Na cidade de Santos, este novo modelo urbanístico toma forma a partir da década de 1940 atingindo seu ápice nas décadas de 1950 e 1970, período em que a paisagem urbana da cidade se transforma intensamente, principalmente na região da Orla da Praia.



Marapé (2009)



Marapé (2017)



Ponta da Praia (1950)



Ponta da Praia (2017)

Santos é a cidade mais verticalizada do Brasil, onde para cada 100 domicílios, 63 são apartamentos. Esse fenômeno tem início a partir de 1998, com a elaboração e aprovação da Lei Complementar 312/98 (Lei de Uso e Ocupação do Solo) que liberou o limite máximo das edificações, que até então era de no máximo 14 pavimentos, para até 30 pavimentos, e também possibilitou que edifícios com mais de 10 pavimentos pudessem ocupar até 60% do total da área do lote.



Gonzaga (2009)



Gonzaga (2017)

IMPACTOS POSITIVOS	X	IMPACTOS NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> Concentração de investimentos; Geração de emprego e renda; Desenvolvimento do setor de construção civil Financiamento do imóvel Aquecimento do mercado imobiliário; Maior aproveitamento físico do espaço; Segurança aos moradores. 		<ul style="list-style-type: none"> Privilégio a uma única faixa de renda; Custo elevado dos imóveis Crise no espaço público; Colapso no sistema de abastecimento de água, energia e rede de esgotos; Concentração e especulação de capital; Formação de ilhas de calor.

Figura 33 - Banner Segregação Espacial (1,20m x 0,80m)

Segregação Espacial

AMIEIRO, Maria de Fátima Santos Conde
UNIMES – UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS - MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL
condefatima@uol.com.br

A SEGREGAÇÃO ESPACIAL REVELA AS CONTRADIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA SOBRE O ASPECTO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

A **Segregação** como forma de desigualdade evidencia a diferenciação dos acessos ao urbano e à vida em sociedade. Sob o capitalismo, o pressuposto é a desigualdade expressa na concentração da riqueza nas mãos de uma classe e materializa-se no espaço tornando mercadoria, no qual o valor de troca ganha centralidade, definindo o lugar de cada cidadão na hierarquia socioespacial. (ALVAREZ, 2015, p. 60)

A **SEGREGAÇÃO ESPACIAL** segundo Maricato (1996) é uma das faces mais importantes da exclusão social causando:

- Menores oportunidades de profissionalização;
- Maior exposição à violência (marginal ou policial);
- Discriminação racial;
- Baixa disponibilidade de infraestruturas;
- Dificil acesso à justiça oficial;
- Dificil acesso ao lazer.

VOCÊ PERCEBE A SEGREGAÇÃO ESPACIAL NA SUA CIDADE ?

FORMAS DE SEGREGAÇÃO - CORREIA (2016)

The diagram illustrates three forms of spatial segregation:

- AUTOSSEGREGAÇÃO** (Autosegregation): Represented by a green arrow pointing right. It is associated with the elite and upper strata of the middle class, who choose high-quality urban locations. It is a result of the policy of segregated classes that control production means and impose where others live, without choice of location or housing type.
- SEGREGAÇÃO IMPOSTA** (Imposed Segregation): Represented by a red arrow pointing left. It occurs when people, regardless of their housing choices, are confined within limits set by the real estate market.
- SEGREGAÇÃO INDUZIDA** (Induced Segregation): Represented by a blue arrow pointing right.

“Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor e cidadão depende de sua localização no território”.
(Milton Santos)

Palafitas no Bairro Jardim São Manoel – Santos/SP

Favelização: um dos reflexos da Segregação Espacial

Fonte: Amieiro (2018)

Figura 34 - Vídeo



Fonte: Amieiro (2018) - O vídeo está disponível para visualização através dos links:

YOUTUBE: <https://youtu.be/dnufBoLvblI>

VIMEO: <https://vimeo.com/286105393>

9.4 Sugestão de atividade interdisciplinar para aplicação do produto

Segundo Pombo (2008), definir com precisão a palavra interdisciplinaridade é uma constante e mesmo a sua aplicação na prática se torna erroneamente utilizada. A palavra interdisciplinar é vasta e abarca uma série de experiências, realidades, hipóteses e projetos.

Para Fazenda (2002), “A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento onde o procedimento de nossas práticas nos remete a incerteza dos resultados adquiridos” e acrescenta que a interdisciplinaridade indica a capacidade de diálogo entre as diversas ciências, onde o saber é construído em conjunto com outras disciplinas e não fragmentados.

A interdisciplinaridade trata-se de uma prática de aproximação das disciplinas e articulação das atividades docentes em uma ação coordenada com objetivos definidos.

Fazenda (2002) enfatiza que ao se trabalhar um projeto interdisciplinar é

necessário ter um lócus delimitado. Assim, sugerimos uma atividade envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês e Geografia, com alunos do nono ano do Ensino Fundamental II.

Foi proposto aos alunos, nas aulas de Geografia (figura 35), que eles assistissem ao vídeo produzido: “A Verticalização em Santos/SP e o Processo de Segregação Espacial”; vídeo este composto por fotografias, textos, imagens e por uma trilha sonora cuja letra aborda a segregação espacial nas grandes cidades.

Nas aulas de Inglês (figura 36) trabalhou-se a música através da tradução da letra e a pronúncia das palavras.

Na disciplina de Língua Portuguesa (figura 37) a professora se baseou no vídeo e na tradução e pediu para que os alunos criassem um soneto destacando o tema “Segregação Espacial”.

O resultado foi bastante satisfatório já que os alunos mostraram interesse e dedicação em todas as atividades desenvolvidas.

Nas figura 38 podemos observar a letra e a tradução da música utilizada e nas figuras 39, 40 e 41 alguns sonetos destacados que foram produzidos pelos alunos em sala de aula.

Figura 35 - Exibição do vídeo na aula de Geografia



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 36 - Tradução da letra da música na aula de Inglês



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 37 - Confeção de sonetos na aula de Língua Portuguesa



Fonte: Amieiro (2018)

Figura 38 - Letra da música trabalhada em sala de aula

SUBDIVISIONS	
Rush - 1982	
Subdivisions	Subdivisões
<p>Sprawling on the fringes of the city In geometric order An insulated border In between the bright lights And the far unlit unknown</p>	<p>Espalhados nos confins da cidade Na progressão geométrica Uma fronteira isolada Entre as luzes brilhantes E o longínquo e obscuro desconhecido</p>
<p>Growing up it all seems so one-sided Opinions all provided The future pre-decided Detached and subdivided In the mass production zone</p>	<p>Crescendo tudo parece tão desigual Opiniões já fornecidas O futuro pré-decidedo Separado e subdividido Na zona de produção em massa</p>
<p>Nowhere is the dreamer Or the misfit so alone</p>	<p>Não há lugar para o sonhador Ou para o deslocado solitário</p>
<p>Subdivisions In the high school halls In the shopping malls Conform or be cast out Subdivisions In the basement bars In the backs of cars Be cool or be cast out Any escape might help to smooth The unattractive truth But the suburbs have no charms to soothe The restless dreams of youth</p>	<p>Subdivisões Nas salas de aula Nos shopping centers Conformer-se ou ser excluído Subdivisões Nos porões dos bares Na parte de trás dos carros Ficar frio ou ser excluído Qualquer fuga pode ajudar a amenizar A verdade pouco atraente Mas os subúrbios não possuem charme para aliviar Os sonhos inquietos da juventude</p>
<p>Drawn like moths we drift into the city The timeless old attraction Cruising for the action Lit up like a firefly Just to feel the living night</p>	<p>Enxotados como mariposas nós rondamos pela cidade A velha atração infinita Em busca de ação Aceso como vaga-lumes Apenas para sentir a noite pulsante</p>
<p>Some will sell their dreams for small desires Or lose the race to rats Get caught in ticking traps And start to dream of somewhere To relax their restless flight</p>	<p>Alguns venderão seus sonhos por desejos menores Ou perderão a corrida para os desonestos Ser preso em armadilhas-relógio E começar a sonhar com algum lugar Para relaxar seu vôo inquieto</p>
<p>Somewhere out of a memory Of lighted streets on quiet nights</p>	<p>Algum lugar fora da memória De ruas iluminadas em noites quietas</p>

Figura 39 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (I)

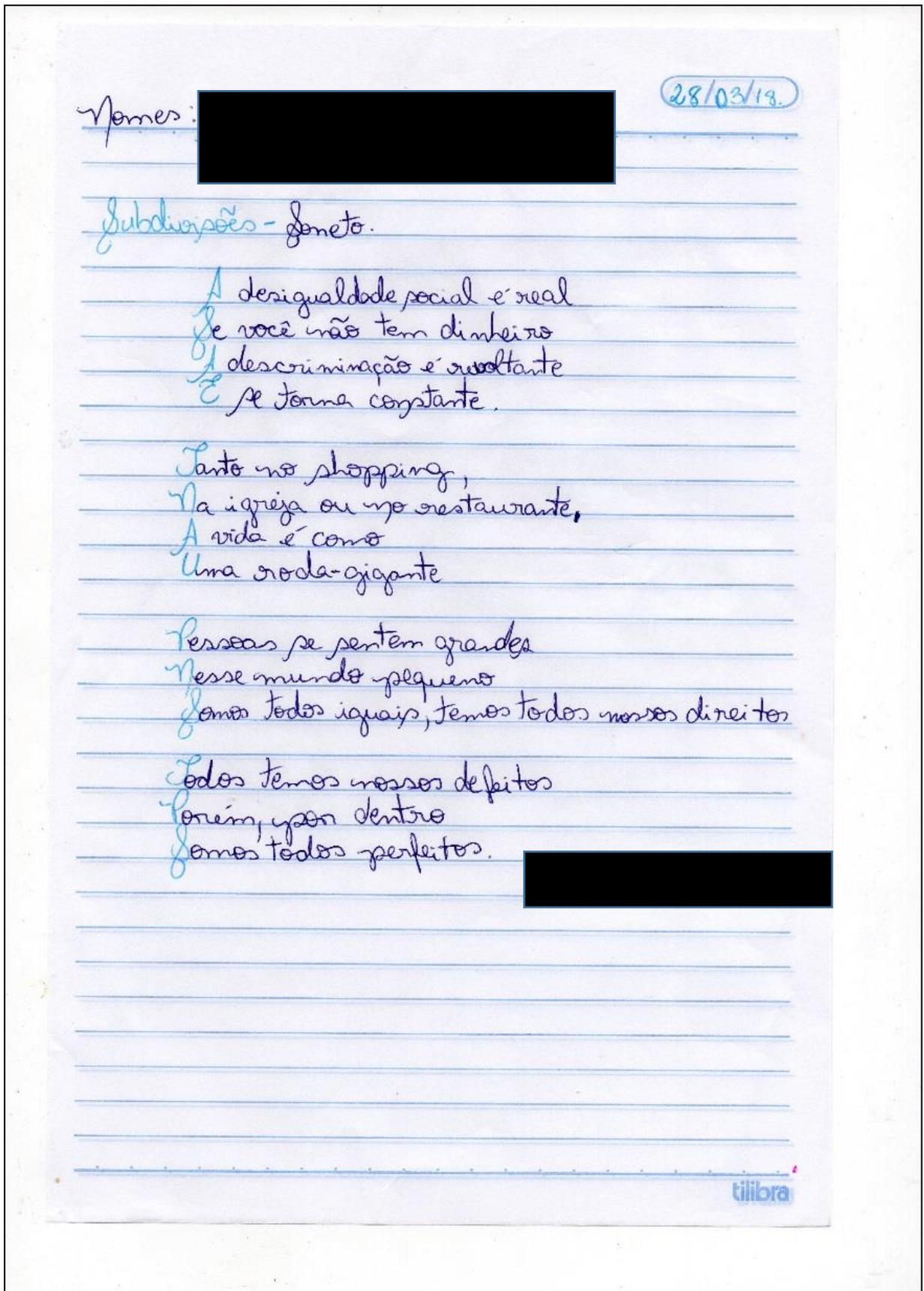


Figura 40 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (II)

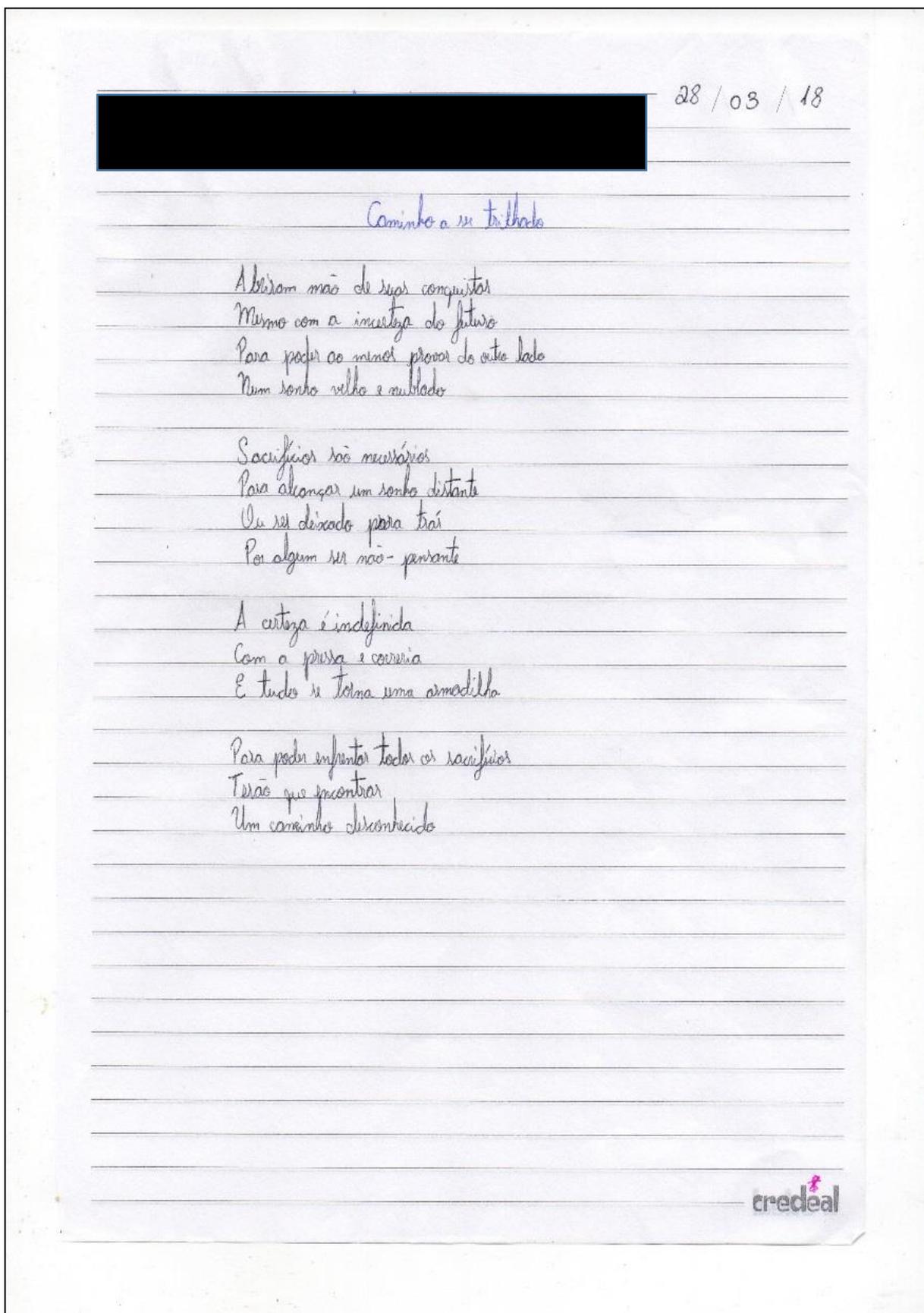
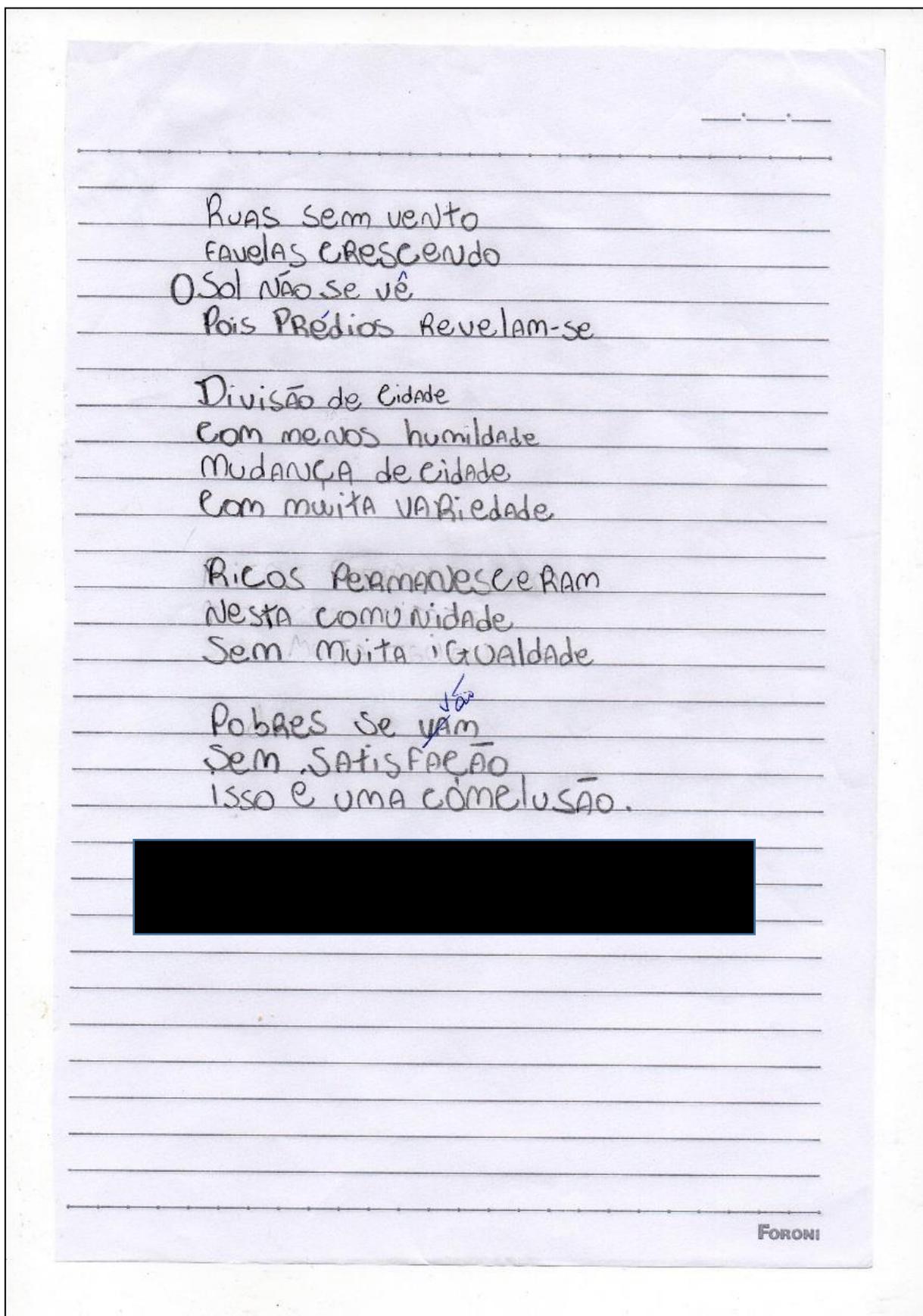


Figura 41 - Sonetos produzidos pelos alunos em sala de aula (III)



9.5 Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade como Negócio**. São Paulo: Ed. Contexto, 2015;

_____. **A Condição Espacial**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016;

_____. **Crise Urbana**. São Paulo: Ed. Contexto, 2015;

Conheça Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qb_3txs9Z1g>. Acesso em: 25 de maio 2017;

Drone em Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DI8_NG4djdE>. Acesso em: 25 de maio 2017;

Fotos da autora;

Imagens aéreas de Santos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=stOmwuRSqp0>>. Acesso em 25 de maio 2017;

Imagem da rua Nabuco de Araújo: Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/R.+Nabuco+de+Ara%C3%BAjo,+Santos+-+SP/@-23.9671586,-46.3146029,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce03b2e7c8eff1:0x1009f8cd8c6ad5b0!8m2!3d-23.9671635!4d-46.3124142>>. Acesso em 25 maio 2017.

Jardins de Santos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VaSdUI6R1BA>>. Acesso em 25 de maio 2017;

MARCONDES, Beatriz; MENDES, Gilda, TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000;

OLIVEIRA, K.A.T de e PIRES, L.M. (orgs.) **Ensinar sobre a cidade**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017;

RUSH. **Subdivisions**. Mercury, 25 set 1982;

Santos é a cidade mais verticalizada do país. Programa Antena Paulista. Disponível em: <<https://santosturismo.wordpress.com/2011/12/24/santos-e-a-cidade-mais-verticalizada-do-brasil-antena-paulista/>>. Acesso em 25 de maio 2017;

Trabalho de Geografia - Verticalização das cidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MA-N49f9D_U>. Acesso em 25 de maio 2017.

Verticalização. Disponível em: <<http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/verticalizacao>>. Acesso em: 25 maio 2017;

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A Cidade Contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

REFERÊNCIAS

ACQUA PLAY. Disponível em: <<https://www.tecnisa.com.br/imoveis/sp/santos/apartamentos/acqua-play/sobre/135>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ARAÚJO FILHO, J.R de. **A expansão urbana de Santos**. São Paulo: Edusp, 1965.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento escrito - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação - sumário - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação - resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação - citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 15287**: informação e documentação - projeto de pesquisa - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

A TRIBUNA, Santos, 26 nov. 2006. **Mudanças sensíveis no perfil das praias**. Disponível em: < <http://www.novomilenio.inf.br/baixada/bs003b.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

ALMEIDA, Rosângela D. de. **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2014,

ALVAREZ, Isabel Pinto. A produção e reprodução da cidade como negócio e segregação. In: CARLOS, A.F.A; VOLOCHKO, D; ALVAREZ, I.P. **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015.

BAGGIO, Antonio Maria. **O princípio esquecido 2**: Exigências, recursos e definições da fraternidade na política. Tradução: CORDAS, D.; REIS L.M. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1997. 156 p.

CAMBI, Eduardo; KLOCK, Andréa B. **Vulnerabilidade socioambiental**. In: Doutrinas Essenciais de Direito Ambiental, v. 1, mar. 2011.

CANAIS DE SANTOS. Disponível em: <<http://www.xavel.com.br/noticias/os-canais-de-santos/>>. Acesso em: 30 out 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Condição Espacial**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

_____. **Crise Urbana**. São Paulo: Ed. Contexto, 2015.

_____. **Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, L. M. **América Latina: cidade, campo e turismo**. San Pablo: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), 2006. p.75-88.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, VOLOCHKO, Danilo, ALVAREZ, Isabel Pinto (orgs). **A Cidade como Negócio**. São Paulo: Contexto, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia: escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **A metrópole no ensino de Geografia: o que, para que, para quem ensinar?**. In: PAULA, F.M.A; CAVALCANTI, L.S.; SOUZA, V.C. **Ensino de Geografia e Metrópole**. 1 ed. Goiânia: América, 2014.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____. **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**; Artmed Editora, 2009.

CONTI, José Bueno. **Clima e meio ambiente**. São Paulo: Atual, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Org.) **A Cidade Contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2016, 202 p.

CUNHA, Icaro A. **Fronteiras da Gestão: os conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: RAP, 2006

DURAND, Marie-Françoise et. al. **Atlas da Mundialização: compreender o espaço mundial contemporâneo**. Tradução de Carlos Roberto Sanchez Milani. São Paulo: Saraiva, 2009.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal em sala de aula**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) **Interdisciplinaridade: dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREITAS, C. R. **Impacto das novas técnicas da geoinformação nos estudos espaciais e nas representações cartográficas destinados ao turismo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-7HAJYP/dissertacao_christian.pdf?sequence=1>. Acesso em 11 nov. 2017.

FRIGERIO, Angela Maria Gonçalves; OLIVEIRA, Yza Fava de. **A geografia através dos Mapas**. 3. ed. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2006.

GANDINI, Fabrício. Omissão possibilitou prejuízos na Enseada, em Guarujá. **A Tribuna**, Santos/SP. 26 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/bs003b.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Earth>. Acesso em 11 nov. 2017.

GIARETTA, L.A.; BRUZAROSCHI, T.P. **A conquista da Geografia**. São Paulo: FTD, 2014.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem** [Trad. Daniel Bueno]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal**. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.

HOYT, H. **The Structure and Growth of Residential Neighborhoods in American Cities**. Washington: Federal Housing Administration, 1939. In: EUFRÁSIO, M.A. Estrutura Urbana e ecologia humana. São Paulo: Editora 34, 1999.

JARDINS DA GRÉCIA. Disponível em: <<http://mapio.net/pic/p-1574131/>>. Acesso em 17 mar. 2018.

UNICEF. **A Convenção sobre os Direitos da Criança** - Adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. Disponível em: <https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>. Acesso em 17 mar. 2018.

INSTITUTO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E ASSESSORIA EM POLÍTICAS NACIONAIS. **Diagnóstico urbano socioambiental do Município de Santos**. São Paulo: Polis, 2013. 194p. (Convênio Petrobras Instituto Polis, relatório 6).

KEARCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1998.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913**. São Paulo/ Santos: Hucitec, 1996. (Col. Estudos Históricos).

LARGO, Fernandez. **Teoría de los Derechos Humanos** - Conocer para practicar. Salamanca, Madrid: San Esteban, Edibesa, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MAPA DA BAIXADA SANTISTA. Disponível em: <<http://www.sp-turismo.com/ mapas/baixada-santista.htm>>. Acesso em 13 nov. 2017.

MAPA DO BAIRRO DO GONZAGA. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/place/Gonzaga,+Santos+-+SP/@-23.9647422,-46.3376715,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce030fe61c1005:0x16460a7effa071fd!8m2!3d-23.9673822!4d-46.3328146>>. Acesso em: 30 out 2017.

MAPA DO BAIRRO DO MARAPÉ. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Marap%C3%A9,+Santos+-+SP/@-23.9577176,-46.3531061,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce0343f89ab2b9:0x74118c06bde26d71!8m2!3d-23.9556817!4d-46.3468306>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MAPA DO BAIRRO DA PONTA DA PRAIA. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/place/Ponta+da+Praia,+Santos+-+SP/@-23.9841697,-46.3058543,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce0215dd9be88f:0x6b9a0af194e24411!8m2!3d-23.9821374!4d-46.2999354>>. Acesso em: 30 out 2017.

MAPA DOS BAIRROS DA ZONA NOROESTE. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/search/zona+noroeste/@-23.9840774,-46.3364963,13z/data=!3m1!4b1>>. Acesso em: 30 out 2017.

MARCONDES, Beatriz; MENDES, Gilda, TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: desigualdade, ilegalidade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, Maria Isabel Figueiredo Pereira de Oliveira. A dinâmica territorial do município de Santos-SP e a produção da segunda residência. In: 14º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2013, Lima (Peru). **Anales del 14ª EGAL**. Lima: 2013. v.1.

MELLO, Gisele Homem de. **A modernização de Santos no século XIX: mudanças espaciais e da sociabilidade urbana no centro velho**. eGesta, v.4, n.2, abr.-jun. 2008 p. 141-162. Disponível em: < <http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/150.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

MENDONÇA, C. **São Paulo sem fronteiras: Geografia do estado de São Paulo**. São Paulo: Moderna, 2011.

MOREIRA, Ruy. **O Discurso do Averso**. São Paulo: Contexto, 2014.

NEGRI, Silvio Moisés. **Segregação Sócio-Espacial: alguns conceitos e análises**. Rondonópolis: Coletâneas Nosso Tempo, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article>>. Acesso em 30 out 2018.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. 2. Ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

OBBERG, Ingrid Maria Furlan. Omissão possibilitou prejuízos na Enseada, em Guarujá. **A Tribuna**, Santos/SP. 26 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/bs003b.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

OLIVEIRA, K.A.T de e PIRES, L.M. (orgs.) **Ensinar sobre a cidade**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

PASCUMA, Derna. **Projeto de Pesquisa: o que é? Como fazer?** São Paulo: Olho d'Água, 2013.

PAVANI, Cecília. (Org.) **Jornal: (in) formação e ação**. Campinas: Papirus, 2002.

PAVANI, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP. Papirus, 2007.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de Metodologia Científica**. Para a segurança pública e defesa social. Curitiba: Juruá, 2014.

POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campos Foz do Iguaçu. Vol. 10 n.1. 1º Semestre 2008.

PONTUAL, Joana Cavalcante. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. Propostas para o ensino de cidade: problematizar, sistematizar, sintetizar e significar. In: OLIVEIRA, K.A.T de e PIRES, L.M. (orgs.) **Ensinar sobre a cidade**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

RICHTER, Daniela; VERONESE, Josiane Rose Petry. **Direito da criança e do adolescente e direito ambiental**: um diálogo necessário - o compromisso com a sustentabilidade, com as presentes e futuras gerações. *Veredas do Direito*: Belo Horizonte, v.10, n.19, p.223-245, Janeiro/Junho de 2013.

SALES, Pedro M.R. de. **Santos, a relação entre o porto e a cidade e sua (re)valorização no território macrometropolitano de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-07122004-114641/pt-br.php>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SANTOS, Ana Paula. Santos ganha quase 10 mil apartamentos em 10 anos. **Metro Santos**, Santos/SP. 11 de novembro de 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, Prefeitura Municipal. Disponível em:<<http://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/26443/marap-completa-57-anos-de-hist-ria>>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. Disponível em: <<https://egov1.santos.sp.gov.br/sigsantosweb/sigsantoswebsd/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHMIDT, João Pedro. **Para entender as políticas públicas**: aspectos conceituais e metodológicos. REIS, Jorge Renato dos; LEAL, Rogério Gesta (Orgs.). In: *Direitos Sociais e Políticas Públicas*. Tomo 8. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2008.

SILVA, Érika Tavares da; RODRIGUES, Juciano Martins. **Mobilidade espacial nas Metrôpoles Brasileiras**: complexidade do espaço urbano. Bogotá: Territorios, 2010.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local a uma estratégia global. In: BIDOU-ZACHARISIAN (Org.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano.** Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1979.

SILVA, César Augusto Marques, **Em busca da Resiliência? Urbanização, ambiente e riscos em Santos (SP).** Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281255/1/Silva_CesarAugustoMarquesda_D.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.

SOUZA, Célia Regina de Gouveia. Mar avança sobre areia de 20 praias: monitoramento feito durante 22 anos aponta causas naturais e ação do homem. **A Tribuna**, Santos/SP. 26 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/bs003b.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

_____. Aterro na Ilha Porchat prejudicou Gonzaguinha, praia mais impactada na BS. **A Tribuna**, Santos/SP. 26 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/bs003b.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

SOUZA, Clarissa D.C. **Planejamento urbano e políticas públicas em projetos de requalificação de áreas portuárias: Porto de Santos - desafio deste novo século.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-26122006-153443/en.php>>. Acesso em 30 out. 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. **O ABC do Desenvolvimento Urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPOSITO, Maria E. B. **Capitalismo e Urbanização.** São Paulo: Contexto, 1996.

TURQUETO, Laura Condini. **Economia no meio ambiente: proposta de aprimoramento das políticas públicas de disciplinamento do uso e ocupação do solo do município de Santos.** Dissertação (Mestrado) - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. São Paulo, 2013.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A Cidade Contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2016

VAZQUEZ, Daniel Arias (org.) **A questão urbana na Baixada Santista: políticas, vulnerabilidades e desafios para o desenvolvimento.** São Paulo: Leopoldianum, 2011.

VESENTINI, José William (org.) **Ensino de Geografia no século XXI.** São Paulo: Papyrus, 2005.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário

Sexo: **Idade:**

Bairro onde você mora em Santos:

1 - Qual é a cidade e o estado de origem de sua família?

	Cidade	Estado
Pai		
Mãe		
Você		

2 - Quais as ações antrópicas você observou que ocorreram nos últimos 05 (cinco) anos em Santos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3 - Essa ação antrópica observada trouxe quais impactos positivos e negativos para a cidade de Santos?

IMPACTOS POSITIVOS	IMPACTOS NEGATIVOS
<input type="checkbox"/> Geração de emprego e renda	<input type="checkbox"/> Privilégio a uma única faixa de renda
<input type="checkbox"/> Desenvolvimento do setor de construção civil	<input type="checkbox"/> Custo elevado dos imóveis
<input type="checkbox"/> Financiamento de imóvel	<input type="checkbox"/> Colapso no sistema de abastecimento de água, energia e rede de esgotos
<input type="checkbox"/> Aquecimento do mercado imobiliário	<input type="checkbox"/> Concentração e especulação capital
<input type="checkbox"/> Maior aproveitamento físico do espaço	<input type="checkbox"/> Formação de ilhas de calor
<input type="checkbox"/> Segurança aos moradores	<input type="checkbox"/> Desmatamento

Outras:

.....

4 - Com relação ao seu bairro, quais mudanças foram observadas?

- Aumento no comércio
- Aumento no número de casas
- Aumento de moradores
- Desmatamento da vegetação
- Surgimento de novos edifícios

5 - Ainda com relação ao seu bairro, qual foi a ação antrópica mais impactante que você observou?

.....

6 - E com relação a outros bairros de Santos?

.....

.....

7- Conforme as considerações a seguir como você classificaria a organização da construção civil na cidade de Santos?

- () Muito boa
- () Boa
- () Ruim
- () Péssima

8- Nessas construções ocorridas em Santos, você acredita que houve preocupação com o meio ambiente? Justifique sua resposta.

.....
.....
.....
.....
.....

9- O que você gostaria que fosse construído no seu bairro?

- () Shopping com cinemas e lanchonetes
 - () Praça com área de lazer
- Outras:

.....

10 - Qual(is) bairro(s) você percebe a concentração da verticalização em Santos?

.....
.....
.....

Por que?

.....
.....

ANEXOS

Anexo A - Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE
METROPOLITANA DE SANTOS
- UNIMES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: USO DO GÊNERO JORNALÍSTICO PARA ANÁLISE DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA: O EXEMPLO DE SANTOS, SP

Pesquisador: Renata Barrocas

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 82217517.1.0000.5509

Instituição Proponente: Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES

Patrocinador Principal: PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS ESTANCIA BALNEARIA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.550.206

Apresentação do Projeto:

cidade de Santos cresce a cada dia no setor da construção civil. A construção civil é responsável por grandes impactos ambientais e ao mesmo tempo influencia em questões sociais e econômicas como fonte de emprego. A arquitetura urbana santista é promovida pela corrida capitalista do interesse privado resultando em rápidas transformações na paisagem. O objetivo deste trabalho é analisar a ação antrópica relacionada à construção civil na cidade de Santos principalmente quanto à verticalização e sua consequente interferência no espaço geográfico sejam de ordem ambiental, econômica ou social. Os sujeitos da pesquisa são alunos do ensino fundamental que coletarão reportagens sobre o impacto que a construção civil acarretou na região no período de 2011 a 2016, desenvolvendo o pensar crítico sobre essas alterações espaciais.

Metodologicamente buscamos bibliografias de autores geógrafos que trabalham a ação antrópica e seus impactos na sociedade e a utilização do jornal "A Tribuna" de maior circulação em Santos. Os sujeitos da pesquisa, o aluno, deverá ser aquele que de forma crítica interpreta as mudanças ocorridas na sociedade da qual faz parte, percebendo que as alterações no espaço geográfico, na demografia e na paisagem são fruto da relação do

Endereço: Rua da Constituição, 374
Bairro: Vila Nova **CEP:** 11.015-470
UF: SP **Município:** SANTOS
Telefone: (13)3226-3400 **Fax:** (13)3226-3400 **E-mail:** cpq@unimes.br

**UNIVERSIDADE
METROPOLITANA DE SANTOS
- UNIMES**



Continuação do Parecer: 2.550.206

homem com a natureza.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o surgimento de novos empreendimentos imobiliários na cidade de Santos com um olhar crítico à verticalização e sua conseqüente interferência no espaço geográfico de ordem econômica e social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não envolve riscos e os Benefícios é de favorecer a Rede Municipal de Santos com uma proposta de exposição itinerante sobre a segregação socioespacial em Santos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apresenta relevância social e científica com impacto na região.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os Termos necessários para a pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1052213.pdf	14/12/2017 16:56:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Fatima_Conde.pdf	13/12/2017 19:57:46	Renata Barrocas	Aceito
Outros	questionario.pdf	13/12/2017 19:45:17	Renata Barrocas	Aceito
Outros	Solicitacao_SEDUC.pdf	13/12/2017 19:34:57	Renata Barrocas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FATIMA_CONDE.pdf	13/12/2017 19:32:23	Renata Barrocas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_Fatima_Conde.pdf	13/12/2017 19:17:42	Renata Barrocas	Aceito

Endereço: Rua da Constituição, 374

Bairro: Vila Nova

CEP: 11.015-470

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3226-3400

Fax: (13)3226-3400

E-mail: cpq@unimes.br

UNIVERSIDADE
METROPOLITANA DE SANTOS
- UNIMES



Continuação do Parecer: 2.550.206

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTOS, 19 de Março de 2018

Assinado por:
Sandra Kalil Bussadori
(Coordenador)

Endereço: Rua da Constituição, 374

Bairro: Vila Nova

CEP: 11.015-470

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3226-3400

Fax: (13)3226-3400

E-mail: cpq@unimes.br